

Josiele Bené Lahorgue

**JOVENS, POLÍTICA(S), CIDADE(S):
DIÁLOGOS NA URBE E SUAS (IM)POSSIBILIDADES**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Área de Concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito, Linha de Pesquisa, Relações éticas, estéticas e processos de criação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Vieira Zanella.

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lahorgue, Josiele Bené

JOVENS, POLÍTICA(S), CIDADE(S) : DIÁLOGOS NA URBE E SUAS (IM)POSSIBILIDADES / Josiele Bené Lahorgue; orientadora, Andréa Vieira Zanella - Florianópolis, SC, 2014.
161 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Psicologia. 3. Relações entre jovens, política e cidade. 4. Pesquisa Etnográfica e processo criativo. 5. As manifestações de Junho de 2013 - Jaraguá do Sul/SC. I. Zanella, Andréa Vieira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Para Ana Russi, com “açúcar com afeto”, dedico este trabalho e o meu amor.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Cesaltina, pelo carinho e amor dedicados a mim, em todos esses anos de ensinamentos e amizade;

Ao meu pai, Lahorgue, que com todo seu amor muito me ensinou dos caminhos a serem percorridos;

Às minhas irmãs, Daniele, Michele e Gabriele, por caminharem ao meu lado e possibilitarem vivermos bons momentos;

À minha esposa, Ana Russi, gratidão por estar presente em todos os caminhos percorridos nessa pesquisa e em minha vida, compartilhando aprendizados;

Aos meus cunhados, Maurício, Marcelo e Sérgio, por completarem nossa família;

Aos meus sobrinhos, André, Manuela e Gabriel, que encharcam minha vida de alegrias;

À minha orientadora, Andréa, por acompanhar e orientar meus estudos, minha trajetória no mestrado e na vida;

À Camila e Rodrigo, pelo acolhimento e pela amizade que floresceu nesses dois anos de mestrado;

À Tainá pela amizade que possibilitou o companheirismo e parceria;

À Raquel, pela amizade e bons encontros sempre;

À Apoliana e André, que muitas viagens e encontros regados a vinho sejam possíveis;

À minha “mais velha” amiga-irmã Cyssa, pelo amor que cresce a cada ano;

Ao camarada Cleiton, amizade que perdura mesmo que distante fisicamente;

Às madrinhas Carla e Sally, pelos afetos que nos unem;

À amiga Sheila, para continuarmos costurando novas possibilidades;

Aos amigos da Casa de Caridade Baiano Zé Pelintra e Caboclo Tupinambá, minha segunda família;

Aos jovens que encontrei nos caminhos percorridos durante a pesquisa.

“Eu não sou eu, nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio (...)”
(Mário de Sá Carneiro, 1914)

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar o modo como jovens caracterizam a política nas relações com a(s) cidade(s). Para tal, vivenciamos a(s) cidade(s) a partir das perspectivas dos jovens, experienciando seus trajetos, circuitos, as contradições por eles vividas e as tensões que surgiram ao longo da pesquisa. Utilizamos como procedimentos para a produção de informação: observações participantes, conversas coletivas e individuais, gravação de áudio e vídeo, registro das atividades em diário de campo. Tivemos a oportunidade de participar de duas manifestações ocorridas em Jaraguá do Sul e organizadas pelos jovens. Consideramos a pesquisa uma criação, tendo em vista que os procedimentos utilizados construíram-se no decurso e que a forma de fazer a pesquisa modificou-se ao longo do trajeto percorrido. Após a realização da pesquisa de campo, imergimos nas análises dos discursos. Esse processo se deu a partir da realização da decupagem das gravações audiovisuais. Após, identificados os temas da pesquisa com os quais os discursos se articulavam, estes foram dispostos em tabela, o que possibilitou compreender os discursos como enunciados inseridos em contextos. Nas análises, realizadas à luz da perspectiva teórica de Bakhtin, voltou-se o olhar para as relações dialógicas estabelecidas entre sujeitos – e destes com as cidades – bem como para os sentidos de política produzidos pelos jovens em seus circuitos. Foi possível perceber as resistências presentes nas vivências destes jovens com a urbe, assim como a relação entre política e cidade, a partir da ressignificação dos espaços por eles ocupados. A política, para eles, possui significados diversos; no entanto, é possível compreendê-la como uma partilha do sensível– define lugares e papéis a serem desempenhados – na qual, mesmo sem perceber, cada sujeito busca uma “parte”. Na participação em duas manifestações ocorridas em Jaraguá do Sul e organizadas pelos jovens, verificamos a diversidade de suas configurações e as diversas possibilidades de produção de dissenso. Sabemos que fissuras foram realizadas; no entanto, seus efeitos só poderão ser percebidos ao longo do tempo. Após a escrita da dissertação, realizamos a edição de um documentário sobre o tema, como meio de socialização da pesquisa em uma linguagem outra, que não a acadêmica.

Palavras chaves: jovens, cidade, política, polícia, dialogia, Bakhtin

ABSTRACT

This research aimed to analyse how young people characterize the policy in relations with the town(s). To this end, we lived the city(ies) from the perspective of young people, experiencing their paths, circuits, contradictions and tensions that have emerged during the research. As procedures for the production of information were used: participant observations, collective and individual conversations, audio and video recording, and field notes. We had the opportunity to participate in two street protests occurred in Jaraguá do Sul and organized by young people. We consider this research a creation, considering that the procedures used in the course were built and that the way to do it has changed along the path taken. After the end of the field research, we immerse in the discourse analysis. This process occurred based on the shoot script of audiovisual recordings. After identified the issues of the research with which the discourses were articulated, they were arranged in a table, allowing understanding the discourses as statements inserted into contexts. The analysis, carried out in the light of the theoretical perspective of Bakhtin, was focused on dialogical relations established between subject – and of these with the cities – as well as to the political directions produced by young people in your circuits. It was possible to perceive the resistances present in the experiences of these young people with the urban, as well as the relationship between politics and the city, from the resignification of the spaces occupied by them. Politics, for them, has several meanings; however, it is possible to understand it as the distribution of the sensible –that defines places and roles to be performed – in which, even without realizing it, every subject seeks for a "part". On participation in two street protests occurred in Jaraguá do Sul and organized by young people, we see the diversity of their settings and the various possibilities of production of dissent. We know that fissures were held; however, its effects may only be perceived over time. After the writing of the dissertation, we performed the editing of a documentary on the subject, as a means of socialization of the research in a language other than academic.

Keywords: young, city, politics, police, dialogic, Bakhtin

SUMÁRIO

INICIANDO OS CIRCUITOS.....	17
<i>Jovens, política, cidade: a produção acadêmica e o foco da pesquisa.</i>	<i>19</i>
1. JOVENS, POLÍTICA, CIDADE: articulações possíveis	29
1.1 <i>Adolescência, juventude, juventudes: breves considerações</i>	<i>29</i>
1.2 <i>Os jovens e a produção de subjetividade.....</i>	<i>34</i>
1.3 <i>Políticas e Resistências: paradoxos e tensões</i>	<i>36</i>
1.4 <i>Jovens, resistências e multi(pli)cidades.....</i>	<i>40</i>
2. UMA PESQUISA-EXPERIÊNCIA E SUAS	
(IM)POSSIBILIDADES	45
2.1 <i>A escolha de um método.....</i>	<i>47</i>
2.2 <i>A fotografia, o documentário, os vídeos e o Facebook como</i> <i>possibilidades metodológicas.....</i>	<i>51</i>
2.3 <i>As decupagens, transcrições e análises</i>	<i>56</i>
2.4 <i>Pesquisa etnográfica como experiência e processo criativo.....</i>	<i>58</i>
3. A CIDADE E OS JOVENS	65
3.1 <i>Conhecendo Jaraguá do Sul</i>	<i>66</i>
3.2 <i>A colônia Jaraguá.....</i>	<i>68</i>
3.3 <i>Os períodos de industrialização</i>	<i>69</i>
3.4 <i>A expansão industrial, os migrantes e o crescimento da população</i> <i>urbana – características significativas de Jaraguá do Sul.....</i>	<i>72</i>
3.5 <i>Os encontros com os jovens</i>	<i>75</i>
3.5.1 <i>É que um conhece o outro, aí chama (...)</i>	<i>75</i>
3.5.2 <i>Agora mudou, o nosso lema agora é: Vem pra Luta</i>	<i>76</i>
3.5.3 <i>O povo sempre esteve acordado.....</i>	<i>77</i>
3.5.4 <i>É que eu sou a favor da ideologia anarquista</i>	<i>78</i>
3.5.5 <i>Foi só eles fazer a roda lá na Igreja que eu me apaixonei</i>	<i>79</i>
3.5.6 <i>Eu procuro muito essa coisa de integrar tudo (...) essa ideia</i> <i>de junto e misturado</i>	<i>80</i>
4. OS JOVENS E A(S) CIDADE(S)	83
4.1 <i>A rede ferroviária, a estação de cargas e a meia lua.....</i>	<i>83</i>
4.2 <i>A Praça Ângelo Piazzera e a Roda na Praça</i>	<i>93</i>
4.3 <i>Os circuitos dos jovens.....</i>	<i>100</i>
5. A POLÍTICA, OS POLÍTICOS, A POLÍCIA: “ELES” E	
“NÓS”	107
5.1 <i>Sobre política e polícia</i>	<i>107</i>
5.2 <i>As relações com um outro e a política como dissenso</i>	<i>113</i>

6. JUNHO DE 2013: O ENCONTRO ENTRE POLÍTICA, POLÍCIA E CARNAVALIZAÇÃO.....	119
6.1 <i>Multipli-cidade de vozes</i>	<i>121</i>
6.2 <i>20 de junho de 2013 e os jovens de Jaraguá do Sul.....</i>	<i>127</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	155

INICIANDO OS CIRCUITOS

A opção por pesquisar os jovens e as suas relações com a política esteve presente durante minha graduação e em minha trajetória profissional. Envolvida no movimento estudantil, pautei minha formação em uma prática orientada por uma psicologia social crítica. Alguns questionamentos estiveram presentes: O que faz os jovens se interessarem pela política? O que os move a participarem das organizações partidárias ou estudantis? De que forma as instituições representam os jovens em suas reivindicações? Como nos aproximar daqueles que não demonstram interesse pela política institucional? Como os jovens caracterizam a política nos dias de hoje?

Durante o percurso entre graduação e mestrado – período em que atuei como Conselheira Tutelar no município de Blumenau (2007-2010) – percebi o grande abismo existente entre os jovens e as políticas públicas voltadas para essa população. As legislações que tratam dessas questões não conseguem dar conta de suas demandas. As leis, que no papel se apresentam densas, na prática não se efetivam e os jovens, que deveriam ter seus direitos garantidos com máxima prioridade, acabam deixados de lado pelas políticas públicas.

Nesta trajetória, encontrei uma cidade que pouco contemplava os jovens em seus espaços, excluindo os mesmos do tecido urbano que a compõe, obliterando suas possibilidades de envolvimento com a política. Nesse cenário, comecei a questionar “se” e “como” os jovens caracterizam a política e de que forma se relacionam com as cidades.

Entende-se aqui a política como potência de existir e resistir que se estabelece nas relações entre os sujeitos e entre esses e os contextos em que se encontram inseridos. Relações estas consideradas dialógicas, pois não se estabelecem no “vazio cultural e histórico, mas em sociedades reais que carregam as marcas singulares de sua história e as dificuldades específicas de seu presente” (CASTRO, 2008, p. 253).

Por dialogia compreendemos as relações de tensões existentes nos discursos dissonantes que se apresentam como “fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Com base nesse pressuposto, necessário se faz compreender os jovens a partir das relações que estabelecem nos e com os contextos que se encontram inseridos e “que compõem um horizonte de possibilidades e condições de viver e significar-se como sujeitos” (LEVITAN;

FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 286). São nesses contextos que se constituem diversas formas de engajamento e participação na vida urbana, seja com uma intencionalidade política clara ou não.

Importante destacar que, considerando a política como potência de existir e resistir, tal qual anteriormente referida, esta é considerada como um campo de conflitos, onde as tensões entre sujeitos se fazem presentes (PRADO, 2002; RANCIÈRE, 1996a). A política, para Rancière (1996a, p. 375), constrói mundos litigiosos e paradoxais “em que se revelam juntos dois recortes do mundo sensível”

Pode ser compreendida como característica das práticas de resistência que os jovens estabelecem com as cidades, seja através do acesso ou não que têm aos equipamentos públicos necessários à garantia de seus direitos fundamentais (educação, lazer, cultura, saúde), seja através dos vários estilos pelos quais os jovens reinventam seus modos de ser e estar na urbe. Desta forma, assim como os jovens,

Uma cidade não é a mesma para todos os seus habitantes, mas significada diversamente pela qualidade das relações que potencializam ou não um sujeito em devir, abarcando as dimensões ética, política e estética (LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 286).

Destaca-se também a utilização do termo cidades, no plural, como forma de demarcar uma concepção que perpassa esse estudo, a de que uma cidade não é a mesma para todos os jovens, mas se constitui no processo de significação que estabelecem com os espaços da urbe¹.

A cidade é constituída de múltiplos ritmos e sentidos que fazem os jovens falarem de si e do urbano, em uma expressão de multiplicidade. Os jovens são constituídos a partir da relação que estabelecem com essa multipli-cidade, relações estas que fazem parte de sua história. (ASSIS, 2011; LIEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009; CANEVACCI, 2004). É possível, pois, compreender que:

os jovens constituem-se como sujeitos por meio de acontecimentos engendrados em processos de criação diversos em experiências singulares e coletivas de participação no espaço urbano. Reinventam a própria cidade e a si mesmos [...]

¹ Os conceitos jovens, política e cidade serão debatidos no Capítulo 1.

buscam outras possibilidades para os lugares de passagem, fazem de um lugar transitório um espaço próprio. A cidade, do ponto de vista dos jovens, não é a mesma que o urbanista projeta, ou presente nos mapas, mas um lugar experimentado na caminhada (ASSIS, 2011, p. 140).

Nesta pesquisa estabelecemos diálogos com jovens através do contato com os mesmos nos espaços da urbe, visando produzir conhecimentos que levem em consideração as mudanças existentes na forma como esses jovens se relacionam com as cidades, com os outros jovens e, como caracterizam a política.

Jovens, política, cidade: a produção acadêmica e o foco da pesquisa

Nos últimos 20 anos, no Brasil, os jovens foram tema de vários estudos produzidos não somente no campo acadêmico, mas também no setor público, nos institutos privados e em organizações não-governamentais (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009; BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009).

A pesquisa coordenada por Sposito (2009) consistiu em levantamento da produção acadêmica sobre os jovens, realizado por discentes dos programas de pós-graduação no Brasil, dos anos de 1999 até 2006². Avaliou o caminho realizado pelos pesquisadores de pós-graduação sobre o tema Juventude, buscando reorientar o rumo de pesquisas posteriores. Este trabalho suscitou a publicação de um livro, intitulado **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999 – 2006)** em dois volumes.

O Capítulo 10 do segundo volume apresenta os **Estudos sobre jovens na interface com a política** (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009). Neste capítulo as autoras apresentam o tema separando o debate em cinco subtemas, sendo eles: participação e mobilização estudantil; outras modalidades de ação coletiva de jovens; protagonismo juvenil;

² Esta pesquisa contou com a parceria entre o Observatório da Juventude da UFMG, o Observatório Jovem da UFF e a Secretaria de Educação básica do MEC.

cultura política, socialização política e capital social; políticas públicas/sociedade civil/jovens.

O subtema **Participação e mobilização estudantil** refere-se aos tradicionais estudos sobre os movimentos estudantis (secundaristas e universitários) buscando compreender a experiência dos jovens através de sua participação em mobilizações e suas formas de organização. Alguns trabalhos apresentam estudos sobre o papel dos grêmios/centros/diretórios acadêmicos e da comunidade escolar/universitária na democratização da gestão da escola/universidade, visando compreender como os estudantes participam da gestão da instituição, qual o sentido atribuído a esta participação, e ainda, como os demais atores percebem e avaliam a mesma. Outros trabalhos apontam estudos sobre as lutas empreendidas por estudantes, através das organizações estudantis, mas que extrapolam os muros das instituições de ensino (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009).

No segundo subtema, **Outras modalidades de participação e mobilização**, Sposito, Brenner e Moraes (2009) apresentam trabalhos que estudam as formas de mobilização e organização juvenis em espaços diferentes dos clássicos movimentos estudantis. Encontram nesses estudos a possibilidade de construção de novos espaços de mobilização e também novas formas de ação coletiva, sendo algumas: grupos de jovens, Pastorais, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Rede em busca da Paz, Sindicatos, entre outros.

No subtema **Cultura política, socialização política e capital social**, as autoras relatam os estudos que investigam a cultura política dos jovens no contexto atual e qual o papel das instituições socializadoras (escola, família, igreja, etc.), na formação da cultura e no desenvolvimento do capital social dos jovens. Tratam-se de pesquisas que apresentam como pensam e agem os jovens, na condição de estudantes – principalmente do ensino fundamental e médio – diante das dimensões da política, como: democracia, participação, ideologia, e suas relações com o Estado.

Sposito, Brenner e Moraes (2009), no quarto subtema **(Des)Figurações do sentido da ação política de jovens**, apresentam estudos sobre as ações educativas que visam a formação política de jovens. As pesquisas avaliaram programas e projetos desenvolvidos por entidades governamentais e não-governamentais, visando conhecer as ações que contribuem ou não para o desenvolvimento de uma “consciência política” nos jovens e se as formações resultam num

aumento da participação dos mesmos em suas comunidades. Alguns estudos apresentaram o tema a partir do âmbito escolar e outros com o foco em espaços não escolares de formação.

O quinto subtema, **Jovens na intersecção das políticas públicas e sociedade civil**, apresenta estudos que pretendem compreender as interações dos jovens, isoladamente ou como atores coletivos, e quais as ações públicas voltadas para estes setores.

Outra pesquisa com a qual tivemos contato foi realizada por Boghossian e Minayo (2009), que apresentam uma revisão da literatura sobre a participação juvenil. As autoras relacionam os temas principais de pesquisas publicadas em língua inglesa e portuguesa, no período de 1999 até 2009. Consideram que há certo desinteresse dos jovens pelas tradicionais formas de atuação na política, o que acarreta em uma baixa participação em conselhos e fóruns, bem como no processo eleitoral. A este desinteresse, acoplam-se diversos entraves que envolvem “a estrutura das instituições, preconceitos, dificuldades dos atores e uma conjuntura social e política que engendra crescentes formas de exclusão” (p. 413).

Buscando conhecer a produção acadêmica recente que envolve o tema desta dissertação – os jovens e o modo como caracterizam a política nas suas relações com a cidade – realizamos uma revisão da literatura sobre o tema. A primeira fonte pesquisada foi o Banco de Teses da CAPES, inserindo os seguintes descritores: **juventude e política e cidade** (por assunto, nível Mestrado e Doutorado, período de 2009 até 2011).³

Nas pesquisas nível Mestrado, encontramos 66 dissertações, boa parte delas não relacionadas especificamente ao objeto desta pesquisa: 46 traziam em seus estudos a relação do jovem com as diversas políticas públicas voltadas a esse segmento e 08 trabalhos não tinham relação alguma com o objeto desta dissertação. A partir da análise dos resumos identificamos os seguintes temas abordados: juventude e trabalho; juventude e violência; juventude e drogas; juventude e religião; juventude no meio rural; juventude e cultura; juventude e saúde mental; juventude e direitos humanos.

Das 66 dissertações encontradas, 12 tinham relação com o tema proposto nesta pesquisa, sendo elas: a pesquisa de **Alexandre Aragão de Albuquerque** (2011) que buscou compreender como se deu a

³ Pesquisa realizada em Agosto de 2012 na elaboração do Projeto de Qualificação para o Mestrado em Psicologia.

participação dos jovens estudantes do ensino médio de um CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança – que participaram nas discussões do Orçamento Participativo da cidade de Fortaleza. A pesquisa de **Fernanda Brasil Mendes (2011)** buscou identificar e analisar quais as formas de participação dos jovens integrantes de um grêmio estudantil e qual significado atribuem a essa participação. **Giovanna Karla Araújo Silva (2011)** realizou um estudo sobre as representações sociais dos jovens pobres sobre seus locais de moradia, buscando analisar como é ser jovem morador de áreas populares.

Ingrid Wink (2011) pesquisou as mediações existentes entre o processo de participação/formação política dos jovens e as políticas públicas voltadas à participação dos mesmos. Buscando perceber quais as contribuições e/ou limitações que as políticas públicas podem trazer aos jovens na construção/materialização de uma cidadania emancipatória. A pesquisa de **Maria Alda de Sousa (2011)**, procurou construir os sentidos de “protagonismo juvenil”, com base na análise das legislações e análise sociológica desse conceito, a partir dos discursos de jovens integrantes do Conselho Municipal de Juventude de Fortaleza. **Francielly Aparecida Mattoso (2010)** estudou as implicações da dimensão territorial na vida dos jovens pobres. Trabalhou a relação da juventude, como categoria construída socialmente, com o território, a partir das práticas e interações cotidianas dos jovens com os espaços de inserção na cidade tendo como foco os limites e possibilidades da participação desses na mesma.

A pesquisa de **Ana Maria da Trindade (2009)** teve como objetivo verificar de que forma os jovens sobrevivem e se organizam perante uma política de segregação urbana, buscando desvendar a realidade dos mesmos em contextos urbanos e de que forma organizam suas vidas. **Denise Maria Reis (2009)** pesquisou jovens de um projeto social de uma entidade não-governamental, buscando compreender de que forma participam politicamente e quais suas ações enquanto protagonistas dos espaços em que estão inseridos, com foco nos processos educativos. **Laurien Cristhine Ziem Nascimento (2009)** investigou os espaços/equipamentos de lazer existentes na cidade de Florianópolis/SC, inerentes a uma política pública voltada para os jovens de diferentes classes sociais, visando o usufruto do chamado “tempo livre”.

O pesquisador **Marcelino de Almeida (2009)** estudou a atuação do “Olho Vivo”, movimento estudantil de Sorocaba/SP, a partir dos estudos de sua origem, a causa de seu êxito e a relevância do seu

trabalho de formação política e teórica. **Maria Helena dos Santos (2009)** trabalhou com os sentidos que um grupo de jovens atribui à prática do grafite na cidade de São Paulo, buscando compreender quais desses sentidos imprimem nas suas relações com a cidade. **Renato Souza de Almeida (2009)** apresenta a temática das novas formas de participação política dos jovens, com enfoque voltado para a atuação nos espaços institucionais e sua vinculação com o debate sobre políticas públicas de juventude, bem como, suas vinculações com algumas das ações do poder público municipal voltadas para os jovens.

A pesquisa no Banco de Teses da CAPES, nível Doutorado, nos apresentou um total de 15 teses, sendo 03 sem relação nenhuma com o tema desta pesquisa, 08 que debatem o jovem e a relação com as diversas políticas públicas e uma pesquisa, de **Clarice Cassab Torres (2009)**, que apresenta relação com o objeto deste estudo. A pesquisadora busca compreender em que medida o espaço é um elemento importante para as práticas da juventude. Analisou, portanto, a forma como se apropriam da cidade para a construção de novas formas de participação política.

Nova pesquisa foi realizada no Banco de Teses da CAPES, mudando o descritor **juventude** para **jovens**. Desta forma, pesquisamos com os seguintes descritores: **jovens** e **política** e **cidade**, busca por assunto, nível Mestrado e Doutorado, período de 2009 até 2011, o que possibilitou contato com 196 trabalhos (teses e dissertações). Desta pesquisa não apareceu nenhum trabalho que não constasse nas pesquisas relatadas anteriormente.

Realizamos também a pesquisa na Base de Periódicos da CAPES⁴, buscando por **juventude** e **participação política** e encontramos 25 resultados. Dentre estes, 11 artigos tratavam do tema juventude ou do tema participação política, mas não tinham relação com a proposta de nossa pesquisa, apresentando temas como: juventude no meio rural, mulheres jovens na política, ditadura militar, mulheres negras, alimentação e consumo dos jovens, contracultura, política e religião, políticas públicas para juventude, conceitos de juventude, entre outros. Outros 02 artigos não tinham relação com o tema de nossa pesquisa, somente apareceram por conter algum dos termos utilizados na busca – juventude, participação, política.

⁴ Pesquisa realizada em Agosto de 2012 na elaboração do Projeto de Qualificação para o Mestrado em Psicologia.

No entanto, 12 artigos foram selecionados e após a leitura de seus resumos constatamos: a pesquisa de **Giovanni Carrasco Azzini (2010)** busca estabelecer a relação existente entre as políticas de governo do Chile e as políticas da Universidade do Chile, apontando certo distanciamento dos jovens que participam do Movimento Estudantil com as discussões políticas nacionais, partidárias, eleitorais. **Juan Sandoval Moya e Fuad Hatibovic Díaz (2010)** em pesquisa com os estudantes universitários chilenos analisam o processo de socialização política que apresentam esses jovens, chegando à conclusão de que a participação dos mesmos se dá através de formas convencionais e não convencionais. A pesquisa de **Silvia Helena Simões Borelli e Rita de Cássia Alves Oliveira (2010)** analisa algumas das trajetórias juvenis configuradas em novas práticas políticas a partir de acontecimentos estético-culturais como lugares possíveis de constituição de ações políticas, trabalhando com base em acontecimentos relacionados às décadas de 1960 até 2000.

Ana Paula Lazzaretti de Souza, Lirene Finkler, Débora Dalboxo Dell'Aglio e Silvia Helena Koller (2010) estudam a participação de crianças e jovens nas Conferências dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes. A partir da análise dos documentos oficiais dessas conferências, percebem que a participação de crianças e jovens tem aumentado nesses espaços. **Graciela Batallán, Silvana Campanini, Elías Prudent, Iara Enrique e Soledad Castro (2009)** trazem, em sua pesquisa, o conceito de que a política se caracteriza pelas práticas regulamentadas através da participação dos sujeitos nas direções e governos de sua sociedade. A partir desta perspectiva, analisam os aspectos que consideram problemáticos na participação dos jovens no espaço público em Buenos Aires. **Samir Pérez Mortada (2009)** pesquisa a transformação do jovem em estudante e o sentido político dessa passagem, buscando uma análise das transformações nas formas de participação política dos jovens desde a década de 60.

A pesquisadora **Lúcia Rabello de Castro (2008)** apresenta em seu artigo a análise da relação entre juventude e política no contexto contemporâneo, trazendo como pressuposto a aparente inércia dos jovens frente à política, buscando compreender a necessidade de um sentimento de pertencimento para o processo de subjetivação política. A pesquisa de **Renata Florentino (2008)** apresenta de forma quanti e qualitativa o interesse do jovem brasileiro com a política institucional, analisando o que faz com que os jovens a rejeitem, tendo como pergunta de pesquisa se a descrença na política institucional revela apenas uma

desconexão de mundos ou a abertura de espaço para o surgimento de novas formas de organização política. **Silvia Helena Simões Borelli e Rose de Melo Rocha (2008)** apresentam uma pesquisa com jovens moradores de uma metrópole brasileira, buscando identificar algumas das concepções de juventude e o modo como os mesmos vivenciam a cidade.

Pedro Fernando Núñez (2008) analisa as pesquisas sobre juventude e participação política na América Latina, traçando assim uma pesquisa estado da arte sobre como é definido o vínculo entre juventude-política atualmente na Argentina. **Pablo Vommaro e Melina Vázquez (2008)** se propõem a analisar os Movimentos dos Trabalhadores Desempregados da Argentina e a maneira como estes movimentos vinculam as militâncias territoriais anteriores com as novas militâncias juvenis. Confluência esta que parte da descrença dos jovens com a política institucional (partidária, de governo, estatal) e que gera processos significativos de mudanças na condução da política do movimento; **Paulo Krische (2004)**, em seu artigo, apresenta a pesquisa realizada sobre o perfil dos jovens brasileiros, com foco na cultura política, analisando a adesão dos jovens à democracia e também às práticas associativas, como forma de participação política. A partir da análise de três pesquisas realizadas em 1989, 1993, 2003, o autor apresenta os dados quantitativos que demonstram o desinteresse dos jovens pela política institucional e pela opção democrática.

Em outra pesquisa, também na Base de Periódicos da CAPES, utilizando os descritores **jovem e participação política**, encontramos 13 resultados. Dentre esses, cinco artigos não estavam relacionados ao tema desta pesquisa e 08 artigos já haviam aparecido na busca descrita anteriormente.

Após o contato com a literatura sobre o tema, constata-se que a maioria dos estudos concentra o debate em duas percepções principais: por um lado, aquela que considera que os jovens não têm participado da política e, por outro lado, a de que os jovens participam politicamente sob uma nova perspectiva. (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009).

Contudo, podemos constatar a dificuldade encontrada em diferenciar a participação política institucional de uma definição de política baseada no já exposto anteriormente. Conforme Sposito, Brenner e Moraes (2009, p. 198), “os trabalhos tendem a privilegiar a condição estudantil como lócus de investigação, ao passo que outras aproximações, como os locais de trabalho, de práticas associativas e de

lazer, ou mesmo jovens que não são mais estudantes, têm sido pouco estudados”.

Muitas pesquisas apresentam a conclusão de que os jovens não se encontram satisfeitos com as dimensões sociais, sentem necessidade de mudanças, acreditam que a participação política é importante e sentem-se assim predispostos a participarem (SPOSITO; BRENNER; MORAES, 2009; BOGHOSSIAN E MINAYO, 2009; CASTRO, 2008).

Portanto, as manifestações políticas da juventude são baseadas em críticas às práticas tradicionais encontradas em nossa sociedade e se diferenciam assim das “velhas” práticas dos movimentos sociais. Os jovens participam da vida pública, resistindo ao modo de vida encontrado na sociedade não mais da forma pragmática com que as instituições atuam, mas inovando nas práticas políticas (Sousa, 2005). Assim,

[...] as identidades de suas ações coletivas estão relacionadas a um discernimento partilhado, com convicções de conteúdo ético, mas, também, ideológico quando aplicadas em práticas de resistência que se contrapõem a ações convencionais de interesse pragmático sobre as estruturas sociais e políticas (p. 262).

Para Castro (2008), a forma institucionalizada de se fazer política já não dá conta das demandas dos jovens; no entanto, a autora afirma que, se não estão institucionalizados eles participam de forma pontual, em contextos e condições diversificados. Assim,

a forma institucionalizada de fazer política hoje parece não dar mais conta das demandas da vida em comum; por outro lado, as novas formas de participação política podem insular-se nas ações pontuais. [...] embora o sentido político das ações nem sempre seja explicitamente admitido, as formas convencionais da ação política permanecem em tensão com outras escolhas de engajamento e de participação na sociedade (CASTRO, 2008, p. 253).

A autora destaca que os convites feitos aos jovens para participarem da vida política são frequentemente recheados de

interesses, negando assim a possibilidade de inovação, ou mesmo, negando sua participação nos processos de definição das formas de se fazer política. Com essa característica, deixam que os jovens participem da política somente através das práticas já definidas pelos adultos e referendadas por tradição. Muitos dos estudos apresentam que os jovens encontram-se desinteressados em participar desta política tradicional, mas que se interessam por temas relevantes socialmente.

Importante destacar que a política tradicional, neste estudo, é compreendida como os espaços das organizações estudantis (grêmios, centros e diretórios acadêmicos), partidos políticos, associações comunitárias, entidades juvenis das igrejas, entre outros espaços instituídos e legitimados socialmente.

Mesmo constatando que os jovens não querem mais participar da política tradicional encontrada em nossa sociedade, muitos estudos e pesquisas ainda se realizam nesses contextos, seja na escola, no grêmio estudantil, no partido político, na associação comunitária, entre outros. A pesquisa realizada em bases de dados permitiu constatar que poucas investigações abordam os jovens nas ruas, nas praças, nos bosques, nos shoppings, entre outros “espaços” os quais estes têm frequentado.

Nosso entendimento é de que os jovens, embora distanciados dos espaços tradicionais da política, têm se “posicionando politicamente”, e afirmado-se enquanto jovens, vivendo a tensão permanente entre a singularidade e a universalidade de saberes/opiniões. Questionam, com suas ações, a visão de que a política é apenas condição para conquista e manutenção do poder, sem capacidade transformadora, mero saber técnico que se encontra em contradição com aquilo que é subjetivo.

Por isso consideramos necessário compreender os jovens a partir das relações que estabelecem com as cidades, seus trajetos e espaços, compreendendo a partir destas relações os modos como se caracteriza a política para eles. Neste sentido, podemos afirmar que nossa pesquisa possui um diferencial em relação à produção acadêmica sobre os temas: jovens, política, cidade.

Foi no contato com os jovens que se encontram distantes dos espaços considerados tradicionais, sejam eles partidos políticos, movimentos sociais, movimentos comunitários, grêmios estudantis, que esta pesquisa se realizou. Nossos encontros aconteciam na urbe e permitiram visibilizar de que forma se organizam e reivindicam seus espaços nas cidades, buscando compreender os sentidos que atribuem às suas relações com as mesmas. Através desse contato pude perceber que

suas reivindicações escapam às formas tradicionais de envolvimento com a política e engendram outras possibilidades de compreendê-la.

Os jovens participantes desta pesquisa residem na cidade de Jaraguá do Sul, em bairros diversos e se encontram em locais no centro da cidade conhecidos territórios de encontros entre os jovens, de vivências com a urbe e com outros que os constituem jovens. Especificaremos melhor essas características no Capítulo 2.

Após esta breve revisão bibliográfica sobre as produções acadêmicas que envolvem o tema da nossa dissertação, algumas perguntas permearam nossas inquietações e nos impulsionaram a pesquisar: **Como os jovens têm participado das cidades? Como os jovens circulam e se fazem presentes em suas cidades? Quais os sentidos que os jovens atribuem para a cidade onde vivem? Se e de que forma os jovens se relacionam com a política?**

Essas questões estiveram presentes no decorrer da pesquisa e pautaram os encontros da pesquisadora com os jovens, assim como o olhar para os materiais produzidos nesses encontros (encontros coletivos, entrevistas individuais, fotografias, gravações audiovisuais, observações). As análises buscaram compreender **os jovens e o modo como se caracteriza a política nas suas relações com a(s) cidade(s).**

1. JOVENS, POLÍTICA, CIDADE: articulações possíveis

*O conhecimento é assim:
 ri de si mesmo
 e de suas certezas.
 É meta da forma
 Metamorfose
 movimento
 fluir do tempo
 que tanto cria como arrasa
 a nos mostrar que para o vôo
 é preciso tanto o casulo como a asa*
 (IASI, 2008).

Neste capítulo apresentaremos os conceitos centrais desta pesquisa: jovens, política, cidade. Iniciaremos com as diversas compreensões acerca dos conceitos adolescência, juventude e juventudes, para então apresentar o conceito jovens e a justificativa de utilização do mesmo em nossos estudos. Em seguida, conectaremos este conceito ao de política, com base nos estudos das ciências humanas. Conectado aos conceitos jovens e política, apresentaremos nossa compreensão sobre o conceito cidade, amparado em autores que há décadas vêm debatendo o mesmo.

Ressaltamos que a compreensão destes conceitos se dá de forma dialógica, pois os mesmos se conectam a todo instante e constituem o processo de produção de subjetividade como compreendido nesta pesquisa.

1.1 Adolescência, juventude, juventudes: breves considerações

As ciências modernas compreendem a vida dos sujeitos através de categorias universais, consideradas como necessárias para a compreensão do desenvolvimento humano (GROPPO, 2000). Essas categorias, que se definem através de limites etários, econômicos e sociais, sofreram alterações ao longo dos séculos XIX e XX, assim

como os conceitos de adolescência, juventude e puberdade, que foram divisões

criadas, recriadas e suprimidas ao sabor das mudanças sociais, culturais, e de mentalidade, pelo reconhecimento legal e na prática cotidiana. [...] cada termo se refere a um tipo de transformação que o indivíduo sofre nesta fase da vida (GROPPO, 2000, p. 13).

O termo puberdade foi criado pelas ciências médicas para se referir à fase de transformações relacionadas ao corpo de criança, que se tornará um corpo adulto – encontra-se relacionado à maturação biológica. Já a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram o conceito de adolescência buscando retratar as alterações ocorridas na personalidade e no comportamento do sujeito quando em transição para a fase adulta da vida. A sociologia cunhou o conceito de juventude para tratar do “período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto” (GROPPO, 2000, p. 14).

As discussões sobre esses conceitos são muitas na atualidade e diversos estudos (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; GROppo, 2000; MARGULIS; URRESTI, 2000; GONZALES E GUARESCHI, 2008), problematizam a compreensão da adolescência e da juventude como categorias universais. Por este motivo, neste capítulo, tem-se como foco compreender a utilização desses conceitos em pesquisas nas ciências humanas ao longo dos últimos anos.

O conceito de adolescência foi difundido pelas teorias psicológicas ao longo dos séculos XIX e XX como uma fase de preparação para a vida adulta e para a inserção do sujeito na sociedade. É considerada uma fase importante para a definição da personalidade e da individualidade de cada pessoa (GROPPO, 2000).

Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) compreendem que a ideia de adolescência surge vinculada às teorias desenvolvimentistas, sendo considerada uma etapa da vida pela qual todos obrigatoriamente passam. No entanto, na contemporaneidade, as ciências humanas e sociais transformaram a visão sobre ela. Muitos profissionais, sejam eles médicos, psicólogos, pedagogos, identificam essa “fase” sob a ótica não mais desenvolvimentista, mas patológica, como sendo uma etapa de transtorno e sofrimento onde cada sujeito é o responsável pelas mudanças no curso de sua vida.

Se por um lado algumas ciências da modernidade buscam enquadrar o sujeito em um padrão (lógica desenvolvimentista), outras perspectivas científicas enfatizam que o processo de constituição dos sujeitos se dá de forma natural (lógica individualista). Com ênfase na responsabilidade de cada sujeito sob seu desenvolvimento, a perspectiva individualista determina que cada um precisa ter a certeza de que, no momento certo, irá despertar em si as transformações necessárias para sua faixa etária, transformações estas que foram estudadas e categorizadas como pertencentes a cada grupo de idade (GROPPO, 2000; COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; SCHWERTNER; FISCHER, 2012).

Nesta perspectiva, os conceitos de adolescência e de desenvolvimento visam à homogeneização e ao controle das práticas sociais dos sujeitos. Assim, podemos afirmar que ser adolescente remete a tentativa de padronização dos sujeitos a um modelo que é vendido como o único possível; muitos acabam comprando-o e, em decorrência, seu processo de constituir-se sujeito acaba por ser serializado.

Buscamos, em consonância com Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), auxílio nas teorias de Deleuze e Guattari para explicar o processo que denominamos de serialização das subjetividades. Para esses autores, a subjetividade capitalística é consumida pelos sujeitos, que acabam por constituírem-se através de um único referencial identificável, enquadrando-se em um modo de subjetivação dominante e uno, buscando, portanto, um jeito único de ser adolescente (GUATTARI E ROLNIK, 2010).

Criticando essa normatização imposta pela sociedade capitalística, Coimbra, Bocco e Nascimento (2005) oferecem a proposta de subversão do conceito de adolescência e optam por trabalhar com os conceitos de jovem ou juventude e defendem que,

Subverter a noção de adolescência é uma ação política importante nesse momento em que há tanta insistência em individualizar e interiorizar as questões sociais, e em psiquiatrizar e criminalizar os ditos desvios das normas impostas a todos nós. O conceito de juventude poderia permitir a abertura de espaços para a diferença que existe nos processos e nos acasos dos encontros[...] (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 7).

Alguns autores da sociologia da juventude definem o conceito “juventude” a partir de três perspectivas: pela concepção geracional, como categoria social e pela concepção de moratória social. A concepção geracional (Mannheim, 1982; Pais, 1996) apresenta a juventude como uma construção social, diferenciando-se conforme o contexto histórico no qual se constitui, ao mesmo tempo em que a considera “como um momento do ciclo de vida de todo indivíduo em relação à condição adulta” (ANSCHAU, 2011, p. 60).

Quando considerada como categoria social, a juventude é percebida como importante no desenvolvimento da sociedade moderna, para o entendimento de suas diversas características e, principalmente, de seu funcionamento. Reconhecê-la como uma categoria social é remetê-la ao pertencimento a uma classe social, uma etnia, um gênero, uma raça, entre outros descritores que constituem os jovens (GROPPO, 2000).

A juventude, caracterizada a partir dos princípios de uma moratória social, é reconhecida como um espaço de possibilidades aberto a alguns setores e limitado a alguns períodos históricos. Para compreender essa afirmação é necessário ter conhecimento do que ocorria em meados do século XIX e início do século XX, quando alguns setores sociais ofereciam aos jovens a possibilidade de adiar as exigências sociais impostas aos adultos, podendo, portanto, permanecer por mais tempo em uma condição alheia às exigências reconhecidas como características da vida adulta (MARGULIS; URRESTI, 2000).

As camadas médias e altas podiam oferecer aos seus filhos capacitação e especialização em algum trabalho específico. Os jovens de algumas classes sociais – aquelas com maior poder aquisitivo – podiam desfrutar desse benefício e adiar as exigências de casar e ter filhos, de constituir suas famílias. No entanto, para as classes de menor poder aquisitivo, os filhos precisavam trabalhar para ajudar financeiramente em casa. Ou então, saíam cedo da casa dos pais para constituir suas famílias, pois assim seriam uma boca a menos para os pais alimentarem (MARGULIS; URRESTI, 2000).

Desta forma, considerar a juventude como moratória social é reconhecê-la como “um tempo de espera em que o jovem se prepara para assumir responsabilidades do mundo dos adultos” (Gonzales e Guareschi, 2008, p. 474). Portanto, seja pela idade, por uma posição sócio-cultural, por uma categoria geracional, ou como categoria social, a juventude é sempre definida e demarcada por critérios que, delimitam

seu início e seu fim. Destacamos que, independente do critério, portanto, ainda é considerada como uma fase da vida do sujeito.

Esclarecem Schwertner e Fischer que:

O termo “juventude” começa a ser utilizado nos anos 50 do século XX e oscila entre vários registros: de uma simples fase da vida, muitas vezes associada às noções de vitalidade, otimismo e descoberta, a uma força social renovadora (em certas situações e épocas tornando-se sinônimo de rebeldia e até de delinquência. [...] ou, para além de uma etapa cronológica, de um tempo de quase irresponsabilidade e dependência, ao momento de constituição de um modo de existência próprio (2012, p. 397).

Para Bourdieu (2003, p. 152), “é-se sempre velho ou jovem para alguém”, e neste sentido, velhice e juventude são construídas socialmente, ainda que consideradas de forma naturalizada. Afirma, também, que “as classificações por idade (mas também por sexo ou, evidentemente, por classe...) equivalem sempre a impor limites e a produzir uma ordem à qual cada um se deve ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar” (p. 152). Portanto, essa classificação e ordenação dos lugares sociais evidenciam a disputa do que ele chama de “divisão do poder”.

Com base em estudos desenvolvidos por pesquisadores da psicologia (ASSIS, 2011; COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005; LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009; SCHWERTNER; FISCHER, 2012; GONZALES; GUARESCHI, 2008), percebemos que diversos estudos problematizam também o uso do conceito juventude. Apresentam a necessidade de rever a compreensão desta como fase de preparação para a vida adulta, definida por uma faixa etária, onde há a aceleração do desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade.

Segundo Assis (2011), muitas teorias do século XX, referentes ao campo da Pedagogia, Pediatria e Psicologia, tratam a juventude como uma fase natural, universal pela qual todos os sujeitos irão passar, e assim se preparar e amadurecer para entrar na vida social adulta. Esta abordagem também é presente nas teorias psicológicas criticadas por Coimbra, Bocco e Nascimento (2005). Neste aspecto, consideramos

importante apresentar as problematizações das concepções que tratam a juventude também como uma fase fixa e imutável, como um processo sociocultural demarcado por padrões de comportamentos.

Não podemos homogeneizar a noção de juventude e enquadrá-la por uma faixa etária. Embora a ONU a defina como a faixa etária entre os 15 e os 24 anos e mesmo existindo características biológicas e subjetivas semelhantes entre os sujeitos, a homogeneização vai na contramão dessa possibilidade de compreensão da multiplicidade de experiências dos jovens e das singularidades que os conotam (ASSIS, 2011, p. 90).

Portanto, no lugar de juventude e adolescência, utilizar juventudes, no plural, “como pluralidade constituída na tessitura do contexto social, econômico, histórico em que os jovens se inserem” (ASSIS, 2011, p. 90), é reconhecer que a juventude não é uma fase imutável, mas sim uma “condição existente em vários grupos sociais, mas que pode ser significada distintamente por cada um deles, enfatizando os diferentes modos de vivência de tal momento” (LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009, p.285). Consideramos, porém, que “a simples troca de palavras, [...], não nos garante a quebra de naturalizações [...]” (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 8). É necessário subverter esses conceitos (adolescência, juventude, juventudes) instituindo um outro olhar para os sujeitos, não a partir de categorias, mas com a compreensão de que cada época social produz maneiras de ser e se relacionar com o mundo. Portanto, “os jovens, nesse sentido, são sujeitos concretos que se aproximam ou não, em seus modos de vida, dos sentidos produzidos por esses discursos em cada época particular” (GONZALES; GUARESCHI, 2008, p. 466).

1.2 Os jovens e a produção de subjetividade

Ser um jovem branco, homem, classe média é diferente de ser jovem, negro, homem, classe média. Assim como, ser jovem, mulher, branca, de classe popular é diferente de ser jovem, homem, branco, classe popular. Ou seja, as variações na raça, etnia, classe social e gênero são constituintes dos modos de ser e viver desses jovens, porém não os definem enquanto sujeitos. Desta forma, é necessário

compreendê-los “como resultado de um processo que determina a representação que eles fazem da sua realidade e o significado que dão às suas ações [...]” (Machado, 2011, p. 32).

As pesquisas dos últimos dez anos buscam “compreender os fenômenos de maneira complexa [...]”, reconhecendo que os jovens “tanto reproduzem práticas sociais quanto criam possibilidades de agenciamento” (SCHWERTNER; FISCHER, 2012, p. 399). É desta forma que vamos pesquisar com os jovens: com a compreensão de que os sujeitos não se adaptam à realidade, mas dela se apropriam e a transformam, sendo cada pessoa produto e produtora das relações estabelecidas com outros sujeitos e com contexto em que vivem.

Apresentam-se, desta forma, princípios éticos, epistemológicos e políticos que permitem uma análise dialógica e crítica acerca do sujeito e de suas relações com a sociedade. Através deles, propõe-se compreender os jovens como ativos na construção da mesma a partir da análise das relações sociais das quais ativamente participam. Portanto, pesquisar com eles é afirmar

pensamentos e existências sem modelos a repetir, sem verdades a determinar o *modus vivendi*. Pensamentos e existências que exigem criação e invenção, que estão no plano dos acontecimentos e se evidenciam nos movimentos que possibilitam a inauguração de outras formas de vida (COIMBRA; BOCCO; NASCIMENTO, 2005, p. 07).

Optamos por utilizar o termo jovens para demarcar a compreensão com a qual trabalhamos nesta pesquisa, pois não vamos tratar de um jovem único e homogêneo, tampouco de uma categoria social, mas de jovens – no plural, tal qual a diversidade de suas condições e estilos de vida.

Ressaltamos a importância de “depositar um olhar sobre os jovens como atores e não como simples reprodutores daquilo que vivenciam e experimentam.” (SCHWERTNER; FISCHER, 2012, p. 399). Concordamos com Guattari e Rolnik (2010, p. 43) quando afirmam que o sujeito “resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia e tantas outras”.

Portanto, consideramos o sujeito na relação com o contexto social, não apenas como um “recipiente”, mas principalmente como

sujeito em devir, disposto à criação de algo novo; compreendemos que “é no encontro, neste meio de proliferação, que os corpos expressam sua potência de afetar e ser afetado. É nele que o desejo flui e cria mundos agenciando modos de expressão e a conectividade da vida em suas múltiplas experimentações” (Neves, 2010, p. 195).

Sob esta perspectiva, utilizar o conceito jovens, contrapondo-se assim aos demais conceitos apresentados há décadas nos estudos acadêmicos, deve ser considerado como um posicionamento político no modo de compreender a produção da subjetividade.

1.3 Políticas e Resistências: paradoxos e tensões

A palavra política possui sua origem na expressão grega: *ta politika*, que deriva da palavra grega *polis* (cidade), a qual define uma comunidade de homens livres e iguais que possuíam dois direitos fundamentais: isonomia (igualdade perante a lei) e isegoria (direito de expor suas ideias em relação às atividades das cidades) (CHAUÍ, 1994).

Para Chauí (1994), o termo política pode ser utilizado para significar as atividades de certas pessoas (os políticos) ou atividades coletivas (feitas por membros da sociedade, dirigidas ao Estado), ou ainda, no campo institucional, para significar a maneira como uma instituição define sua direção, o modo como ocorre a participação dos funcionários nas decisões da empresa, quais suas ações prioritárias, onde empregar os recursos, entre outras decisões relativas à gestão.

Consoante com essa mesma perspectiva, Sousa (2005, p. 264) destaca que

A modernidade apreendeu o conceito de política como uma atribuição profissional que ocorre no espaço institucional, como uma administração própria e que legitima a representação da cidadania nas chamadas sociedades democráticas. Desenvolvida na lógica da divisão social do trabalho, a política foi consagrada ao longo dos tempos como uma conquista pelo seu campo de conhecimento da sociedade e pelos seus efeitos práticos de proteção. Sua definição, como forma de atividade ou praxes humana, está estreitamente ligada ao conceito de poder – como meio de domínio entre os homens e o elemento político,

desta forma, colocado como um ramo da administração no qual os indivíduos agem como autoridade e dinamizam instituições.

Portanto, a política é sustentada por diversos paradoxos e se apresenta como tensões existentes entre os muitos significados que a ela são atribuídos (CHAUI, 1994). Podemos relacionar os paradoxos que a autora apresenta aos estudos de Rancière (1996b) sobre a polícia e a política. Para o filósofo, a polícia é considerada um conjunto de normatizações que estabelecem a gestão dos corpos e criam uma racionalidade na gestão da vida. Encontra-se em contraposição à política, que para o autor é compreendida como um conjunto de atos que reconfiguram as normatizações da polícia.

É necessário compreender a subjetividade como eixo central na análise e planejamento daquilo que buscamos compreender como política, buscando superar a dicotomia entre razão e emoção, público e privado, pois a política não é algo externo à subjetividade. Ela se faz no encontro entre diferentes corpos, entre potências de ação, onde

há uma variação que se refere a uma variação de minha força de existir, da minha potência de agir, que fazem do corpo uma potência que não se reduz ao organismo e do pensamento uma potência que não se reduz à consciência. [...] Cada indivíduo é um grau de potência que corresponde a certo poder de afetar e ser afetado, de ter paixões e ações (Neves, 2010, p. 197).

Portanto, as práticas políticas são reinventadas a todo tempo, não sendo mais possível caracterizá-las pelas concepções clássicas. Paralelamente, as pesquisas que relacionam jovens e política também vêm, “cada vez mais, defendendo a definição de política para além daquilo que tradicionalmente fora compreendido em relação a este objeto de estudo, ou seja, a política institucionalizada” (Gomes e Maheirie, 2011, p. 362).

A subjetividade não pode ser pensada como totalizante, predeterminada ou até mesmo fixa, mas sim como descentrada, em conflito consigo mesma, em constante transformação. Consideramos importante repensar a visão identitária sobre a constituição das subjetividades (CASTRO; MENEZES, 2006; GUATRARI; ROLNIK,

2010), a partir do reconhecimento das possibilidades de resistências que são produzidas na diferença, “na demarcação de novos possíveis e, fundamentalmente, na afirmação da vida e do singular que se tece e entretece na relação com outros e na convivialidade que precisa igualmente ser reinventada” (Zanella et al., 2012a, p. 250).

Assim como a subjetividade, é necessário também repensar a política, sem reduzi-la a uma prática ou uma posição social. A política “se atualiza nas relações sociais, nos vínculos que estabelecemos/rechacamos e, sendo assim, articula intrinsecamente os termos da subjetividade (que depende da alteridade para se constituir) e da política [...]” (CASTRO; MENEZES, 2006, p. 13).

Considerando as problematizações apresentadas, a política pode ser reconsiderada a partir de sua dimensão antagônica, característica da sociedade, não podendo assim ser considerada determinada por uma ou outra esfera específica. Portanto, ao pesquisar com jovens, na contemporaneidade, é preciso atentarmos para as formas como esses se reinventam e se relacionam de diversas maneiras com o cotidiano que para eles se apresenta (GOMES; MAHEIRIE, 2011; CASTRO; MENEZES, 2006; ZANELLA et al. 2012a; PRADO, 2002; RANCIÈRE, 2009).

Nessa perspectiva, é preciso compreender o conceito de política a partir da perspectiva do dissenso, que Rancière (1996b, p. 368) nos apresenta como a “divisão do núcleo mesmo do mundo sensível que institui a política e sua racionalidade própria”. Faz-se necessário superar a visão de que a política é apenas uma condição para conquista e manutenção do poder, sem capacidade transformadora, mero saber técnico que se encontra em contradição com aquilo que é subjetivo.

Portanto, conforme apresentamos no capítulo anterior, a política pode ser considerada como potência de existir e resistir que se estabelece nas relações entre sujeitos e contextos e que se encontra envolta por aquilo que me afeta e afeta o outro. “Através de criações que afirmam a potência de cada existência, os jovens resistem às formas de sujeição e submissão que lhes são imputadas, ao esquecimento e à condição de margem a que são relegados. Lutam, criam, insistem. Re-existem” (Zanella et al., 2012a, p. 257).

Pesquisas demonstram, como já destacado no capítulo anterior, que alguns jovens têm apresentado uma postura de descontentamento com relação aos rumos tomados pela política (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009; BORELLI; OLIVEIRA, 2010; BORELLI; ROCHA, 2008; SPOSITO, 2009; CASTRO, 2008). Este descontentamento se

estende aos destinos seguidos pelos movimentos sociais – muito ligados aos partidos políticos e em sua maioria comandados sempre pelas mesmas pessoas. Assim, existe a compreensão dos jovens acerca da necessidade de um novo agir político, que transforme a esfera da política, pois,

a política é sentida como uma forma de vida e de compreensão das relações sociais. Situar suas ações no horizonte da política significa para esses jovens dar novo sentido às experiências cotidianas à luz de outros entendimentos, que ampliam o raio de determinação dos acontecimentos. (CASTRO, 2008, p. 262).

No entanto, é preciso diferenciar a política que se faz na disputa do poder – que busca a homogeneização, a categorização, o alinhamento ao instituído para que se consiga governar de forma clara e tranqüila – da política que se apresenta na disputa entre os contrários que, em tensão, constroem o novo, conforme apresentado por Rancière (2009; 1996a; 1996b).

Essas duas perspectivas demonstram a diferença que existe entre aquilo que chamaremos de “política instituída e instituinte” e “política em processo e constituinte”. Nesta pesquisa, optamos por trabalhar com a política em processo, que dá espaço para as diversidades e que não institui nem impõe um único modo de pensar.

Consideramos possível e necessário uma modificação daquilo que é singular, visível, dizível, contável. Essa modificação se dá na prática do dissenso, nas tensões existentes que configuram o que é (com)partilhado dialogicamente (RANCIÈRE, 2009). E, também, com base no que Deleuze nos apresenta, essa modificação se faz nas pequenas ações de cada sujeito em relação com outros que o constituem. “É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle” (DELEUZE, 2008, p. 218).

Não há como avaliarmos e estabelecermos um jeito ideal de fazer política, ela se realiza nos acontecimentos, nos encontros, na criação dos sujeitos e nos processos de subjetivação: “nesse mundo dos encontros, os corpos ganham a potência de produzir novos enunciados, sempre coletivos, inventam outros corpos, maquinam alegria e dor, engendrando outras subjetividades e seus próprios objetos” (Neves, 2010, p. 199).

Consideramos importante as micropolíticas, as possibilidades de partilha dos afetos, do sensível, na busca de outras formas de sentir e de

se relacionar com os espaços e com outros sujeitos (DELEUZE, 2008; RANCIÈRE, 2009). Como afirmam Zanella et al. (2012a), é nas resistências que os jovens anunciam suas possibilidades de subverter os modelos homogeneizantes que negam e silenciam sujeitos e, desta forma,

evidenciam modos de intervir na cidade nem sempre orientados por um projeto de futuro, mas que se caracterizam pela condição aberta e agenciadora de possíveis no presente; que não declaram uma oposição e sim afirmam uma necessidade de existir, uma diferença (p. 137).

1.4 Jovens, resistências e multi(pli)cidades

No início do século XIX, as cidades foram projetadas a partir de perspectivas higienistas, retirando-se do espaço público o excesso de movimentação, a fim de setorizar os espaços da urbe. Neste contexto, os modelos modernistas de cidade preocupavam-se com uma arquitetura que servisse à melhoria na produção e circulação das mercadorias, perdendo-se os espaços comunitários, instaurando-se uma cidade racionalizada e produtora de formas homogêneas de vivências com as cidades (Zanella et al., 2012a).

A perspectiva de cidade, inaugurada pela modernidade, faz coro ao conceito que Hissa (2008) nos apresenta sobre ambiente, o qual ele define como “aquilo que a todos circunda, rodeia, envolve: seres vivos, objetos e suas relações.” (p. 260). O ambiente, no entanto, é visto sempre como o outro, distante de mim, apresentando a dicotomia das relações existente entre os sujeitos e destes com “o ambiente” em que vivem. Portanto,

Diante dos valores que cultiva ao longo da trajetória da modernidade, tendo como referência uma ética que permanentemente fabrica um ser estrangeiro dentro de si, o homem exterioriza o ambiente como se dele não fosse feito. Como se, ele próprio, não fosse o que, rotineiramente, produz e consome. Diante do que produz e consome, por intermédio do que faz e no que se

transforma, o homem é o ambiente transformado em estrangeiro frente a si mesmo (Hissa, 2008, p. 265).

No entanto, “a cidade e seus habitantes, ainda que sujeitos a políticas de modelização e a modos hegemônicos de subjetivação, não se deixam modular” (Zanella et al., 2012a, p. 124). As cidades racionais, pensadas pelos arquitetos e projetadas como espaços modulares/modulantes, não são as mesmas cidades vivenciadas pelos sujeitos nas suas relações. Essa perspectiva é encontrada atualmente em estudos que consideram a cidade a partir das relações que os sujeitos estabelecem entre si e com os espaços da mesma. Como “produção social, obra do homem, a cidade é, também, o homem que se transforma na sua criação: o homem é a cidade” (Hissa, 2008, p. 266).

Nesta pesquisa, utilizamos autores que reconhecem as diversas vozes sociais existentes na urbe. A cidade é vista enquanto diversa e múltipla no seu contexto e nas relações estabelecidas com os sujeitos que as compõem (BARBOZA, 2012; CANEVACCI, 2004; LEVITAN; FURTADO; ZANELLA, 2009; MAGNANI, 2005; HISSA, 2008; ZANELLA et al., 2012b; NOGUEIRA, 2009).

Cabe aqui articularmos o que compreendemos por cidade com o conceito de espaço apresentado por Nogueira (2009). A autora afirma que espaço é “a possibilidade de existência do ser humano e da produção dessas condições de existência” (p. 70) devendo ser considerado como processo demarcado sócio-historicamente pois, “o tecido urbano é uma obra histórica que se produz continuamente, revelando as contradições das relações históricas que ali se movimentam[...]” (p. 75).

As cidades e sua comunicação urbana são comparadas, por Canevacci (2004), com um coro de múltiplas vozes, cada qual ciente de si e todas sobrepostas umas às outras; elas se entrecruzam, se isolam e se contrastam. Não somos somente espectadores urbanos: na nossa relação com as cidades, no agitar de nossas lembranças, ativamos também as próprias cidades, e assim elas são também “agidas” por nós. Somos atores que dialogamos com a urbe e em cujo diálogo nos movimentamos e movimentamos as cidades também.

Zanella et al. (2012a, p. 125) afirmam que, “na tensão entre a cidade-razão moderna e a metrópole-dispersão contemporânea, os grupos juvenis vêm promovendo outras formas de intervenção nos espaços urbanos, configurando mapas alternativos, cosmopolitas e

rearranjos nas relações com a política”. Por este motivo, escolhemos trabalhar com os jovens, em seus trajetos e circuitos, e nos espaços ocupados na urbe, voltando nossa atenção para os sentidos produzidos nas relações com as diversas vozes sociais que constituem a urbe e que os constituem enquanto jovens.

Conforme Levitan; Furtado; Zanella (2009, p. 286), “na polifonia da cidade, na emergência dos ritmos e sentidos urbanos, as juventudes apresentam-se como vozes ativas que fazem falar ao urbano sobre suas próprias necessidades e desejos”. Por este motivo, afirmamos nossa escolha de trabalhar com o termo “cidades”, no plural, pois uma cidade não é sempre a mesma para todos os seus habitantes: ela é significada diversamente, dependendo das relações que cada sujeito estabelece com a urbe. As cidades, desta forma, se constituem no mesmo processo em que os sujeitos se constituem, na pluralidade das relações entre textos e contextos.

Para Hissa (2008), as multi(pli)cidades surgem na tessitura do urbano, nas várias cidades produzidas por aqueles que nela habitam. Assim também acontece com Fedora e seu palácio de metal com esferas de vidro em cada cômodo, no interior das quais está uma miniatura da cidade, construída pelas pessoas que sonham com uma Fedora ideal. No entanto, estas miniaturas não expressam a cidade, tampouco o fizeram enquanto estavam sendo construídas. Ela se modifica tão rapidamente que nem o que as pessoas projetam para ela se concretiza (CALVINO, 1990).

Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro (Calvino, 1990, p. 32).

Nessa vivência com os diversos espaços e trajetos e com as múltiplas vozes que os conotam, cada jovem se apropria dos contextos, produzindo sentidos, significando as relações, modificando-se e modificando as cidades. Percorrer os circuitos desses e com esses jovens possibilitou compreender suas histórias, os processos que marcam suas vidas.

Magnani (2005) afirma que a pesquisa com jovens requer levar em consideração os espaços com os quais eles interagem, “mas não na qualidade de mero cenário, e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço” (p. 177).

Neste contexto, nossos circuitos não foram rígidos, nem pré-definidos. O roteiro das conversas com esses jovens se construiu a partir dos momentos vividos, dos encontros e desencontros, das (im)possibilidades e de seus contatos com as diversas cidades. Nosso olhar se constituiu a partir dos seus olhares, modificando até mesmo o modo como enxergamos até hoje as cidades.

No encontro e no confronto com diferentes “vozes”, cada sujeito se apropria da cultura ao mesmo tempo em que é constituinte desta. Novos sentidos são produzidos nessas relações polifônicas, onde o encontro com um “outro” é marcado tanto por outros sujeitos como pela arquitetura, a mídia, os outdoors, pelas ruas, calçadas, lojas, meios de transportes, pedestres, pelas várias presenças e ausências que tecem a vida urbana cotidianamente. A polifonia de “vozes” constitui a cidade e os sujeitos que nela habitam ou estão de passagem (BARBOZA, 2012, p. 40).

Portanto, compreendemos a cidade através dos diversos espaços que os jovens ocupam e das relações estabelecidas com os mesmos. A cidade, nesta pesquisa, não se apresenta como “pano de fundo”, mas sim como um conceito central para o entendimento das relações e da forma como os jovens as significam. Consideramos essas relações como “lutas contra modos de subjetivação hegemônicos e a sujeição que engendram, constituindo-se como possibilidades de singularização para si e para outros que possam com essas intervenções vir a dialogar” (Zanella et al., 2012a, p. 126).

2. UMA PESQUISA-EXPERIÊNCIA E SUAS (IM)POSSIBILIDADES⁵

*“Por todos os lados
horizontes, amplos,
infinitos, apaziguantes”
(FREIRE, 2007).*

Pautada em uma concepção de sujeito que balizou minha inserção no campo de pesquisa e no processo de constituição da mesma, compreendo o fazer-se pesquisadora como um processo dialógico no qual o sujeito, ao mesmo tempo em que pesquisa, transforma a si e ao contexto pesquisado. Este fazer-se possibilita a construção de conhecimentos e de novos sentidos, que ampliam saberes enquanto convocam a pesquisadora a enxergar para além daquilo que se apresenta.

Assim, a pesquisa é considerada uma relação entre sujeitos, um contato entre diversos discursos que devem ser compreendidos a partir da dialogia, entendida como a contraposição entre os discursos, que possibilita a criação de enunciados outros. Para Zanella (2008, p. 30), a pesquisa é um

processo de enformação, (re)forma, (de)forma, (in)forma, enfim (re)cria a realidade e seu próprio autor, posto a condição de mútua constituição entre sujeito que escreve e a escrita que se objetiva para a leitura de um outro que, por sua vez, (re)criará, a partir da sua posição axiológica, o que se apresenta como texto a ser lido.

Neste processo de compreender como os jovens caracterizam a política em suas relações com as cidades, investiguei quais os sentidos

⁵ Partes deste capítulo foram escritas em forma de artigo e submetido para apresentação no II EEBA – Encontro de Estudos Bakhtinianos, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, nos dias 12 a 14 de novembro de 2013. Resultou na publicação do referido artigo em livro on-line que posteriormente terá versão impressa. O livro pode ser encontrado no endereço: <http://2eeba.files.wordpress.com/2013/11/eeba-caderno-1-11-11-13.pdf>.

produzidos nas interações com as mesmas; de que forma percebem esses encontros com a urbe; e como significam os espaços, seus trajetos, suas manobras.

Ao serem convidados para participar desse estudo, os jovens foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), que foi assinado por eles e por seus pais ou responsáveis, no caso daqueles menores de 18 anos.

Neste capítulo, apresentarei o percurso da pesquisa e sua constituição. Inicialmente, relatarei os circuitos percorridos ao longo do processo de pesquisa para em seguida descrever os procedimentos escolhidos, apresentando, logo após, uma breve concepção sobre a etnografia como um processo criativo que se caracteriza como pesquisa-experiência.

Cabe ressaltar que essa articulação do conceito de pesquisa com o de experiência pauta-se nas perspectivas teóricas de Bakhtin (2011) e Larrosa (2002). A experiência, para Larrosa (2002) é única e singular e diferencia-se da lógica do experimento, este sendo genérico, homogêneo, previsível, regular, busca a verdade pura das coisas. A experiência é a incerteza, “a abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’ (LARROSA, 2002, p. 28).

A exotopia, para Bakhtin (2011) consiste no distanciamento que o autor estabelece com o todo da obra e possibilita o acabamento estético a partir do seu excedente de visão. O processo de criação da personagem literária, para Bakhtin requer a visão axiológica do horizonte do outro, colocar-se no lugar dele e retornar ao seu, criando assim a possibilidade de conclusão desse outro.

Nesta pesquisa, a exotopia esteve presente na percepção dos acontecimentos, possibilitando que, a partir da relação axiológica com os sujeitos e os contextos pesquisados, fosse possível reconfigurar meu próprio lugar de pesquisadora, distanciando-me da obra/contexto da pesquisa para produzir o acabamento estético da mesma. Neste sentido, o diário de campo foi um importante aliado, pois o ato de escrever sobre minha própria experiência se revelou, principalmente, um recurso de elaboração do vivido. Enquanto escrevia, inquietava-me com os encontros e, gradativamente, fui modificando a forma como me relacionava com os procedimentos e com os contextos pesquisados.

Ao mesmo tempo, experienciei a pesquisa como sujeito da experiência. Este, para Larrosa (2002, p. 24) “se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”. Pois “é experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2002, p. 26).

É pesquisa-experiência, portanto, porque se estabeleceu no caminhar com os jovens, na relação com os procedimentos escolhidos e com as transformações estabelecidas no percurso, colocando-se à prova o tempo todo, não somente no vivenciar os acontecimentos, mas principalmente no “expor-se” para as (im)possibilidades que se apresentaram, problematizando os procedimentos, as análises e a escrita da dissertação.

2.1 A escolha de um método

A pesquisa inicialmente aconteceria em Blumenau/SC, com jovens residentes no Bairro Progresso. Escolhi esta cidade como campo de investigação pelo fato de nela haver residido durante quase trinta anos; e o Bairro Progresso por envolver três conjuntos habitacionais destinados a famílias de baixa renda.

A pesquisa com os jovens do bairro Progresso, mesmo em fase inicial, passou por fortes adaptações com base no diálogo (ou na ausência dele) entre pesquisadora e jovens. Verifica-se que o estreitamento deste diálogo poderia ocorrer ao longo da realização da pesquisa, no entanto, um fato importante deveria ser considerado: a mudança para a cidade de Jaraguá do Sul, ocorrida no início de 2013, por motivos pessoais.

Tendo em vista que o objetivo de pesquisa era investigar como os jovens caracterizam a política em suas relações com as cidades, quais os espaços, trajetos e circuitos percorridos, optei por modificar o campo de pesquisa para a cidade de Jaraguá do Sul⁶, buscando assim uma estreita vivência com o campo a ser pesquisado.

⁶ Jaraguá do Sul encontra-se 70 km distante de Blumenau.

Neste momento, surgiu uma nova possibilidade: a de conhecer a cidade ainda desconhecida, a partir do olhar desses jovens. Abrindo-se, a possibilidade do estranhamento, característico da pesquisa etnográfica. Encontrava-me na condição de estrangeira, em uma cidade estranha, em uma situação até o momento estranha para mim – a condição de pesquisadora.

Portanto, assim como Magnani (2009, p. 141), consideramos o estranho uma condição importante no decurso de uma pesquisa etnográfica, pois, “para quem é introduzido pela primeira vez num meio que lhe é estranho, tudo é significativo, nada pode ser previamente hierarquizado numa escala de valores entre o insignificante e o relevante: tudo é digno de observação e registro”.

A imersão nesse novo contexto foi pautada por um olhar para o sensível, para aquilo que emerge dos encontros e dos afetos, sem dicotomias e polarizações, trabalhando com os discursos em uma perspectiva dialógica, pois, “o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*” (BAKHTIN, 2011, p. 400, grifo do autor).

A partir desta concepção os procedimentos foram escolhidos no decorrer da pesquisa, conforme fui estreitando os laços com os jovens. Portanto, inicialmente utilizei o recurso de observação-participante das vivências dos jovens na cidade, que foi minha principal fonte de informações. A observação, tal como compreende-se, “[...] provoca a instituição de olhares para além do contexto imediato, reportando uma busca histórica de modo a reconstituir cenários e problematizar o supostamente conhecido [...]” (ZANELLA; SAIS, 2008, p. 683).

Concomitante ao processo de observação-participante, que na verdade permeou toda a pesquisa, inicei o que denomino de encontros coletivos. Estes se caracterizaram por conversas “sobre assuntos diversos, sem roteiro, sem norma, sem rotina” (Diário de campo, 09/06/2013). Criando assim, “um ambiente propício para que histórias, fábulas, devaneios emergissem desses encontros” (ALMEIDA, 2013, p. 34).

Uma conversa bem livre e espontânea, com alguns questionamentos tanto de curiosidade minha, como de interesse para a pesquisa. Desta forma, pude conhecer um pouco mais os jovens que já conhecia e eles puderam assim estabelecer certa

proximidade com a gente⁷. (Diário de campo, 09/06/2013).

Segundo Assis (2011), a utilização de encontros conjuntos (termo que a pesquisadora utiliza para falar de entrevistas coletivas) remete à dimensão do outro, à relação com a diversidade, tornando o diálogo mais rico e possibilitando assim análises mais profundas. Nessa perspectiva, os contatos não se reduziram a simples trocas de perguntas previamente preparadas. Eles aconteceram na relação entre sujeitos, de forma dialógica, em um processo onde

os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala (FREITAS, 2002, p. 29).

Além dos encontros coletivos, decidi realizar também algumas entrevistas individuais. Estas entrevistas funcionaram como conversas informais, com foco nos objetivos da pesquisa. As perguntas foram cunhadas durante o processo, na dinâmica dos encontros, balizadas pelo olhar da pesquisadora sobre as vivências com esses jovens. Cada jovem escolheu o local em que gostaria de nos encontrar. Alguns nos convidaram para ir até suas casas e depois da filmagem ficávamos conversando, bebendo, tocando violão, trocando idéias. Em alguns casos eles convidaram outras pessoas para se integrar ao círculo.

Dentre os recursos empregados para registro das informações, como sugerido, estão as anotações em diário de campo. Inicialmente utilizei o diário como espaço para descrição das atividades realizadas. Os registros eram feitos em casa e já traziam certo distanciamento do vivido/experienciado. No entanto, aos poucos a própria escrita foi se modificando e estabelecendo assim um relato mais subjetivo, pautado a partir das vivências da pesquisadora com os jovens.

⁷ Quando relato sobre a inserção no campo de pesquisa, apresento o verbo no plural, pois nesses momentos contei com a participação constante de Ana Russi como auxiliar de pesquisa e responsável pelas gravações audiovisuais.

Para Larrosa (2002, p. 21), as palavras nomeiam quem somos, o que pensamos, o que fazemos, produzindo sentidos.

As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece.

Outro recurso para registro das informações foi a gravação audiovisual. As gravações compõem os materiais brutos utilizados para análise e escrita dessa dissertação. Nos encontros com os jovens (sejam coletivos ou individuais), estávamos sempre munidas de câmeras de vídeo e gravador mp3.

Durante toda a pesquisa de campo, contei com o auxílio de Ana Russi para a realização das gravações audiovisuais e fotografias. Para tal, utilizamos uma câmera fotográfica Nikon Coolpix P500, full HD movie 36x zoom; uma câmera filmadora Sony Hybrid DCR – SR45, 40x zoom óptico; e um gravador de áudio Sony IC Record ICD ux71. Nos encontros, coletivos ou individuais, a pesquisadora estabelecia uma conversa com os jovens, enquanto Ana Russi era a responsável pela gravação audiovisual. Em alguns momentos, a pesquisadora também realizou algumas filmagens e fotografias.

A partir das gravações audiovisuais, e ao final da escrita da dissertação, realizamos a edição de um documentário. Importante ressaltar que este não foi material de pesquisa analisado, sendo considerado produto da mesma, como meio de socialização da pesquisa em uma linguagem outra, que não a acadêmica.

A edição (no decorrer da pesquisa) de dois vídeos sobre as Manifestações ocorridas em Jaraguá do Sul também funcionou como recurso para a pesquisa. Eles também não foram material de análise da mesma, porém serviram como forma de divulgação dessas manifestações e como recurso para aproximação com os jovens. Outros procedimentos utilizados foram o contato via rede social *Facebook*, as entrevistas individuais e o recurso da fotografia, que receberão maior atenção no item 2.3.

As edições audiovisuais, seja dos vídeos ou do documentário, contaram também com a participação de Ana Russi, uma vez que a pesquisadora não possui domínio dos programas necessários para tal finalidade. É importante destacar que o roteiro definitivo, que conduz a direção do documentário e dos vídeos – a escolha das cenas, das falas, a linha mestra dos mesmos – foi de responsabilidade da pesquisadora, tendo em vista que estes resultam de sua pesquisa. Assim, o acabamento estético, a finalização da obra se realizou sob a ótica desta autora/artista/pesquisadora.

A escolha dos procedimentos foi um processo concomitante à pesquisa, direcionado de acordo com os anseios que emergiam a cada encontro. Segundo Freitas (2003), “[...] não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento” (p. 28).

Sob o olhar destes jovens, busquei conhecer suas singularidades e contextos, voltando o olhar para os sentidos produzidos por eles nas suas relações com as cidades, para que com a mediação dos procedimentos utilizados eles se (re)conheçam, se (re)inventem enquanto sujeitos ativos na construção de suas histórias. Desta forma, pensar a pesquisa com os jovens em um contexto urbano é pensar nas contradições vividas por eles e também nas tensões que aparecem durante o caminhar da mesma.

2.2 A fotografia, o documentário, os vídeos e o Facebook como possibilidades metodológicas

A aproximação com os jovens ocorreu a partir das suas vivências com a urbe. Como moradora recente de Jaraguá do Sul, saí pela cidade buscando conhecer os espaços frequentados pelos jovens, o que tornou necessário deixar de lado o olhar preconceituoso e comparativo. Explico.

Depois de morar em Blumenau por trinta anos – uma cidade onde o setor de serviços concentra grande parte do PIB, com extensão territorial de 518.497km² e população com 309.011 habitantes⁸ - desloquei-me para uma cidade com menor número de habitantes

⁸ Fonte:

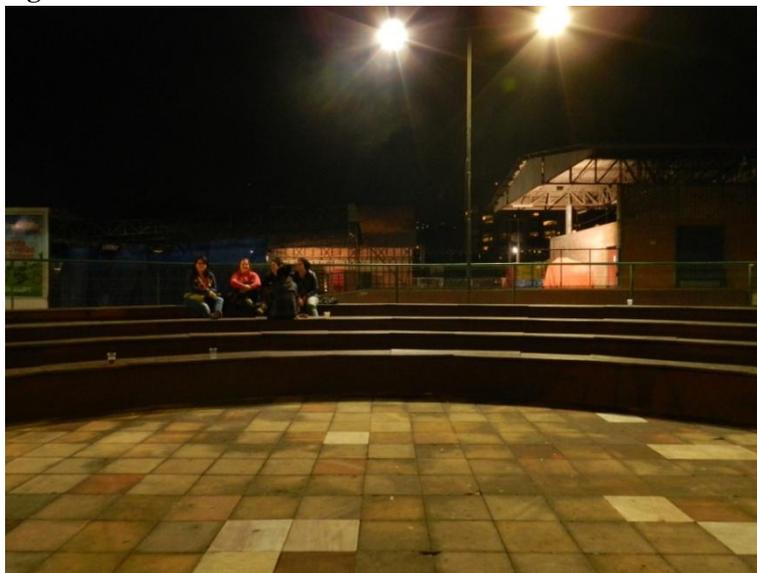
<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420240&search=santa-catarinalblumenau>. Acesso em 15 out 2013

(143.123)⁹, mas com maior extensão territorial (529.536 km²) e com o PIB comandado pelo setor industrial. Portanto, a busca por comparações com minha cidade de procedência era algo a ser percebido e problematizado para o desenvolvimento da pesquisa.

De bicicleta e com uma câmera fotográfica em mãos, conhecemos e nos aproximamos dos jovens e da cidade, vivenciado-a com eles. Encontramos diversos grupos, fotografamos, conversamos e nos aproximamos de alguns jovens constantemente reunidos em um espaço no centro da cidade, conhecido como “meia lua”.

Na Figura 1 podemos visualizar a meia lua. Como percebido na foto, o espaço é denominado assim porque tem uma arquibancada em formato de meia lua. É um lugar aberto, onde não visualizamos árvores, com um espaço livre à frente da arquibancada. Ao fundo da fotografia podemos visualizar uma espécie de galpão e também um poste com iluminação pública, que ainda assim, não dá conta de iluminar todo o espaço, já que é possível identificar que o mesmo é um pouco escuro.

Figura 1 – Meia lua.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

⁹ Fonte:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420890&search=santa-catarina%5Cjaraguado-sul>. Acesso em 15 out 2013

Inicialmente, optei por uma aproximação informal para depois conversar sobre a pesquisa.

Perguntamos a um grupo de jovens que estava sentado se podíamos bater fotos deles e se eles não se incomodavam de a gente ficar ali fotografando. [...] Eles questionaram o que estávamos fazendo. Não contamos sobre a pesquisa, mas dissemos que morávamos há pouco tempo em Jaraguá e que estávamos passeando para conhecer a cidade, ver os espaços que os jovens frequentavam e fotografar. E que tínhamos ideia de fazer umas filmagens e depois um vídeo. Eles acharam interessante (Diário de campo, 04/05/2013).

Desta forma, utilizando o argumento de desconhecer a cidade, solicitei a eles que nos apresentassem os locais que costumavam ocupar. E assim, passamos a ser convidadas para encontrá-los na praça, no shopping, na meia lua, nas baladas.

Após esta primeira aproximação, conversei com alguns jovens sobre a pesquisa e a proposta de gravação audiovisual para uma posterior edição de um documentário. “A ideia é fazer um documentário sobre jovens. Na verdade a ideia é que a gente construa juntos esse documentário (...). Porque é um documentário sobre os jovens aqui de Jaraguá, quem tem que dizer o que é legal de colocar são vocês.” (Diário de campo, 16/06/2013). Laari demonstrou interesse, afirmando ter muitas ideias e se disponibilizando a contribuir.

a gente até pode marcar, meu certeza porque eu tenho umas ideias bem legal. Porque assim vocês podem acompanhar a gente aonde a gente vai. Tipo ah, a gente vai na casa de um amigo, leva vocês duas junto aí filma, filma mesmo. A gente explica antes. Filma como é que é um encontro de amigo, um churrasco, filma como que é uma balada. Filma por partes, também não precisa filmar tudo. Filma assim tipo só pra saber o encontro da galera em tal lugar. Ia ser bem legal, bem bacana. (Laari)

E foi através da possibilidade de realização de um documentário que iniciamos um processo de vivência mais intenso com o universo desses jovens. Estávamos sempre em contato via rede social e éramos convidadas para estar com eles na meia lua aos finais de semana. Almeida (2013) afirma que o documentário é uma forma de aproximação com o “cenário” a ser conhecido pelo pesquisador/documentarista, “criando acesso aos envolvidos e oportunidades de diálogos, com a justificativa de realizar tal filme” (p. 27).

Conforme os laços foram se estreitando, Laari nos convidou para estar com ela e seu grupo “em uma balada”. Na ocasião, um DJ de *Hip-Hop* tocaria em uma das casas noturnas da cidade. Encontramos com eles na “meia lua” e fomos a pé até a casa noturna. Chegamos cedo, pois todos tinham os nomes na lista para não pagar ingresso. Ao entrar, nossos anfitriões já começaram a fazer a roda; os *b-boys* que estavam no grupo colocaram-se a dançar e assim correu a noite.

Foi nesta oportunidade que conhecemos BGirl e K12, que participam do grupo de *b.boys* que se encontra na Praça Ângelo Piazero todos os domingos – no que eles denominam de Roda na Praça. E esse passou a ser um local que começamos a freqüentar também, sempre com os equipamentos eletrônicos para a gravação audiovisual. Procedimento este que auxiliou para nosso convívio com esses dois grupos de jovens.

A gravação audiovisual também nos aproximou do grupo de jovens que estava organizando uma Manifestação em Jaraguá do Sul – na mesma data que estavam acontecendo as manifestações em todo o país, em junho de 2013. Acompanhamos estes jovens por alguns dias, filmando o processo de organização e confecção dos cartazes e entrevistando alguns dos organizadores do evento – Bozo, Communello e Tay –, bem como realizamos filmagens também no dia da Manifestação.

Nos dias posteriores à manifestação, convidamos os jovens para assistir aos registros audiovisuais das manifestações, a fim de pensar em um roteiro para um vídeo. Este encontro aconteceu em minha residência, onde havia os equipamentos necessários para a realização desta etapa. Somente dois jovens puderam comparecer. Assistimos às gravações e discutimos um breve roteiro que serviu como base para a edição. Ao

término desta, encaminhamos o vídeo para os jovens e, após aprovado e realizado os ajustes necessários, o vídeo foi postado no YouTube¹⁰.

Três semanas depois, ocorreu nova manifestação, agora intitulada como “1º Ato Jaraguense pelo transporte público” e cuja composição integrava alguns jovens que organizaram a manifestação do dia 20 de junho. Também realizamos gravação audiovisual e entrevista com dois jovens da organização. Desta vez não conseguimos reuní-los para elaborar juntos um novo roteiro; mesmo assim, editamos um pequeno vídeo e encaminhamos para eles.¹¹

A rede social *Facebook* também acelerou nossa aproximação com os pesquisados. Já nos primeiros encontros, troquei contatos e gradativamente adicionei-os à minha lista de referência nas redes sociais. A maioria dos contatos entre pesquisadora e jovens ocorria por meio desta rede social. Percebe-se aqui o quanto “a cibercultura se conecta ao contexto da produção, ao modo como é interpretada, vivida e incorporada” (SALES, 2012, p. 112), não estando fora da realidade vivida pelos jovens.

A interação no espaço das redes sociais possibilitou também a compreensão dos diversos sentidos produzidos sob um mesmo fato ou acontecimento, podendo assim obter o registro desses discursos através das postagens que acompanhei. Este procedimento foi utilizado para acompanhar o que os jovens pensavam, de que forma se articulavam e o que faziam (SALES, 2012).

Essa observação dos espaços virtuais é procedimento de pesquisa conhecida como “netnografia”, “etnografia digital”, “etnografia *on-line*” e “etnografia na internet”, entre outros termos utilizados para definir o processo de pesquisa em espaços virtuais, tais como as redes sociais. Segundo Sales (2012, p. 120), a observação virtual requer “um processo de intensa imersão no ciberespaço” e, durante o tempo em que estivemos em contato com os jovens nos seus trajetos na urbe – o que podemos denominar de encontros *off-line* – acompanhamos também seus trajetos virtuais através de encontros *on-line*. A netnografia não chegou a ser um elemento central da metodologia, mas consistiu em um procedimento metodológico importante.

¹⁰ O vídeo “Verás que um filho teu não foge à luta” pode ser acessado pelo link: <http://www.youtube.com/watch?v=qW0xAbEaQuU>.

¹¹ O vídeo “1º Ato Jaraguense pelo transporte público” pode ser acessado pelo link: http://www.youtube.com/watch?v=BKQzWHCeW_w.

Desta forma, a dinâmica de aproximação e contato da pesquisadora com os jovens se dava através de fotografias, da troca de contatos, mensagens e postagens nas redes sociais, dos encontros e desencontros dos finais de semana, das gravações audiovisuais, vídeos editados e das entrevistas individuais, o que garantiram amizades que se consolidaram no caminho percorrido.

2.3 As decupagens, transcrições e análises

Ao término da pesquisa de campo, assisti às 10 horas de gravações audiovisuais dos encontros coletivos e das entrevistas individuais e realizei o processo conhecido como decupagem. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss 3.0, decupagem é o trabalho de dividir um roteiro em cenas, listar um material filmado, selecionar trechos para a edição. Neste processo, anotei os tempos das falas que seriam importantes para a análise a ser realizada, para em seguida transcrevê-las.

As gravações audiovisuais no decorrer desta pesquisa focaram meu olhar para os enunciados produzidos a partir das relações dialógicas entre os sujeitos em contextos e condições específicas. Desta forma, após a decupagem e o processo de transcrição dos discursos, iniciei o processo de imersão nas leituras destas transcrições e do diário de campo, com a finalidade de perceber as categorias ali presentes, bem como as relações entre os discursos produzidos e os processos por mim vivenciados.

No contato com as transcrições, identifiquei os temas da pesquisa com os quais os discursos se articulavam. Dispus esses temas em uma tabela, elencando assim algumas unidades temáticas para análise, que se relacionavam dialogicamente. Essas unidades temáticas possibilitaram compreender os discursos como enunciados inseridos em contextos, ou seja, não isolados. Desta forma, percebemos que nos discursos não se encontrava apenas uma temática, mas sim diversas possibilidades de análise emergiam dos mesmos.

Para Faraco (2006), a teoria de Bakhtin afirma que as relações são sempre mediadas; não há contato com o “dado puro”; nossa relação é sempre com o real enformado, semiótico, com a significação dos signos, uma relação sempre atravessada por valores. O autor afirma que, na concepção do Círculo de Bakhtin os enunciados são sempre ideológicos, e por serem produtos de uma criação ideológica, não

podendo ser estudados desconectados do contexto de sua enunciação. Portanto, um produto da criação ideológica existe sempre corporificado em algum material semiótico definido, um signo. Os signos são, por conseguinte, sociais e emergem das relações estabelecidas; são criados e interpretados nos processos que caracterizam os intercâmbios sociais (Faraco, 2006).

A análise dos discursos através das unidades temáticas juntamente com a leitura do diário de campo, foi um procedimento realizado para melhor percepção do que Sales (2012) denomina de “condições de existência do discurso”. Trata-se, pois, de um processo que busca “analisar por que aquilo é dito, daquela forma, em determinado tempo e contexto [...]” (p. 125), atentando nosso olhar para os sentidos produzidos e para as relações dialógicas ali estabelecidas, pois

é impossível restituir, no texto, o sentido originário do que foi dito em campo, pois o texto se constitui sempre como um novo contexto. [...]pois tudo que é dito é dito a alguém e deste alguém dependem a forma e o conteúdo do que é dito. (Amorim, 2002, p. 9)

Para Oliveira (2000, p. 25), “é o escrever ‘estando aqui’, portanto fora da situação de campo, que cumpre sua mais alta função cognitiva”. Nesse aspecto, relaciona-se esse “estando aqui” com o conceito de exotopia/distanciamento de Bakhtin (2011), necessário para o autor concluir sua obra. No caso desta pesquisa, o distanciamento se dá na medida em que problematizo o lugar de pesquisadora, a relação com os sujeitos da pesquisa e a forma como apropriado e atribuo sentido aos discursos dos mesmos.

Para a escrita da dissertação, trabalho com a proposta de análise do discurso com base em Bakhtin. Volto meu olhar para as relações dialógicas estabelecidas entre sujeitos e destes com as cidades, para os sentidos produzidos pelos jovens em seus circuitos e, ainda, para o que Amorim (2002) chama de silêncio – aquilo que está no contexto, mas que não emerge, e que muitas vezes não é visto.

Neste sentido, a relação estabelecida entre a pesquisadora e os jovens, destes entre si, e ainda, as relações que pesquisadora e jovens estabelecem com a urbe, constituíram-se no diálogo com os enunciados postos em cena. Conforme Almeida (2013, p. 43) “[...] o texto

etnográfico é resultado de uma bricolagem dos fragmentos da experiência no campo, dos acontecimentos que atravessam o pesquisador e resultam na sua visão, audição e escrita”.

2.4 Pesquisa etnográfica como experiência e processo criativo

Considera-se a produção de conhecimentos como resultado de tensões que conotam as relações entre os diversos contextos sociais e características de uma realidade considerada polissêmica, plural e complexa. Paralelamente, o processo de pesquisa pode ser considerado um processo de criação que se caracteriza como um processo ético, estético e político, conforme afirmam Zanella e Sais (2008). Ético, pois o pesquisador está imbuído de uma visão de mundo, com valores, crenças e conhecimentos que farão parte de sua pesquisa. Uma prática estética por se pautar nas sensibilidades e reconhecer as diversas possibilidades que existem ou podem existir a partir da relação dos sujeitos com a pesquisa. É uma prática política por se encontrar relacionada a um projeto de sociedade.

Compreendo que o contato com os jovens possibilitou a criação de diversos recursos para aproximação e consolidação de vínculos. Isto remete a pensar a pesquisa sob base etnográfica como um processo de criação onde

o produto da criação, seja ela cotidiana, científica, técnica ou artística, sempre dialetiza a relação objetividade/subjetividade na medida em que possibilita aos sujeitos produzirem constantemente novas significações, construindo, desconstruindo e reconstruindo sentidos singulares e coletivos em contextos concretos (MAHEIRIE, 2003, p. 153).

Inicialmente, os encontros com os jovens aconteciam de forma aleatória. Andando pela cidade, nos espaços onde eles frequentavam, procurava por aqueles com os quais já havia feito contato anteriormente. Muitas vezes não encontrava ninguém e voltava frustrada para minha residência. Em um desses dias, no caminho de volta para casa, pensei em diversas alternativas para me aproximar desses jovens. Perante o insucesso, cheguei a cogitar abandonar a etnografia e partir para uma

forma mais tradicional de pesquisa. No entanto, assim que cheguei em casa, fui surpreendida com a mensagem de uma jovem dizendo que eles estavam na “meia lua”. Imediatamente, fui ao seu encontro. A conversa durou algumas horas e fez com que me sentisse mais confiante.

Percebi, contudo, que optar pela pesquisa etnográfica implica encontrar meios de entrar em contato com o universo desses jovens, compartilhar ideias, possibilitar relações de troca, buscar um jeito outro de fazer pesquisa. Para tanto, seria necessário encontrar aquilo que Magnani (2009) chama de ponto intermediário: um ponto capaz de captar os contextos individuais e coletivos, fugindo de padrões e regras, seguindo o fluxo, o movimento dos acontecimentos.

Groff, Maheirie e Zanella (2010) afirmam que, “para Bakhtin o acontecimento, evento ou ato, conceitos trabalhados como tessitura em uníssono, é um estar sendo num tempo-espço, onde o recorte do evento é o acontecimento” (p. 100). O acontecimento, portanto, se relaciona com um espaço-tempo, com base no ato dos sujeitos pesquisados e com base no vivido pelo pesquisador em outros palcos da vida. Ele se dá nos mundos dos objetos que “determinam axiológica e totalmente o ato para o próprio sujeito atuante” (BAKHTIN, 2011, p. 128).

Afirmar a pesquisa como acontecimento e o pesquisador como partícipe ativo do próprio campo que investiga, tensiona concepções vigentes sobre sua posição, as quais lembram de certo modo as discussões sobre o ator e o público, o agente e o espectador de Rancière (2012). O autor, quando traz um pouco da relação entre o teatro e o espectador, nos ajuda a problematizar a condição do pesquisador. Para ele existem duas perspectivas muito conhecidas e difundidas no âmbito das artes cênicas. Uma considera o espectador como passivo, sem a possibilidade de interagir com o espetáculo, alguém que somente assiste ao que se passa à sua frente. E a outra que afirma que o teatro deve se tornar um ambiente onde o espectador é considerado vital, partícipe da obra, “arrastado para o círculo mágico da ação teatral” (p. 10).

Para o autor, o artista ao criar a performance não pode se preocupar em instruir o espectador, pois a mesma não deve pautar-se na “transmissão do saber ou do sopro do artista ao espectador” (p. 19), e sim no sentido que é produzido na relação estabelecida entre ambos, “afastando qualquer transmissão fiel, qualquer identidade entre causa e efeito” (p. 19).

É possível comparar o pesquisador com o espectador na perspectiva que defende Rancière (2012), ou seja: alguém que observa, seleciona, compara, interpreta, de forma ativa, conectando-se com as

histórias da trama. Sob esse prisma, o pesquisador vivencia as experiências no seu acontecimento, participando do espetáculo como diretor, ator e espectador ao mesmo tempo. “Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. Compõe o seu próprio poema com os elementos que tem diante de si” (p. 17).

Diversas são as metáforas utilizadas pelos antropólogos para definir o trabalho de pesquisa etnográfica e que coadunam com a perspectiva de pesquisador/espectador aqui apresentada. Magnani (2009) afirma que “para descrever esse momento às vezes fugidio, no trabalho de campo de todo antropólogo, muitas vezes lança-se mão de metáforas, de aproximações, como tentativas de cercar a especificidade da etnografia” (p. 134).

Aqui, as aproximações metafóricas tentam explicar a pesquisa de campo. Neste aspecto, o contato com o campo de pesquisa torna-se uma experiência que dá sentido àquilo que encontramos nas teorias, assim como permite tensionar suas lacunas e ambiguidades. Articulado ao conceito de experiência de Larrosa (2002, p. 25), percebemos que a pesquisa de campo pode ser considerada um “lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova; portanto, é “incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe” (LARROSA, 2002, p. 25). Expôr-se, neste sentido, é experienciar a pesquisa e o contato com os sujeitos que dela fazem parte; é colocar-se à prova, fazer-se pesquisador na relação com as (im)possibilidades do campo. É imergir na dialogia que conota as relações dos jovens com a cidade e participar ativamente desta dialogia – o que é condição para compreender as tensões entre as várias vezes sociais que ali se (des)encontram.

Percebi, assim, que minha dinâmica de vida deveria se modificar e coadunar com a daqueles jovens. Deparei-me, desta forma, com uma dinâmica ao mesmo tempo estranha, mas em certos aspectos já vivenciada anteriormente. No entanto, não se trata de uma vivência enquanto jovem, mas uma vivência enquanto pesquisadora, com outro olhar, outros sentidos atribuídos ao campo de possibilidades apresentadas. Neste contexto, dispus-me a entrar

em contato com o universo dos pesquisados e compartilhar seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca,

comparar suas próprias teorias, com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI, 2009, p. 135).

Assim, a pesquisa como um processo criativo deve ser experienciada pelo autor/pesquisador como algo que nos passa, nos acontece e nos toca, modificando assim o próprio sujeito da experiência, conforme afirma Larrosa (2002). A pesquisa, assim como a experiência, requer nossa atenção, nosso olhar, nossa possibilidade de escutar, de caminhar mais devagar, percebendo o caminho, abrindo-se para o novo. Durante este percurso, é necessário experienciar:

parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).

Importante ressaltar que, ao relacionarmos a pesquisa com o processo de criação de uma obra, podemos relacionar também o produto desta pesquisa a uma obra criada pelo pesquisador/autor. Desta forma, apresento a perspectiva de Bakhtin (2011) acerca dos aspectos importantes de uma obra (conteúdo, material e forma) e suas relações no processo criativo. O conteúdo se dá na relação do autor com o mundo, com o vivido. O material pode-se definir como a maneira com que o autor trabalha a linguagem, seja ela verbal, imagética, em movimento etc. A forma é a intervenção do autor como enformador, pois é nela que se reconhece a maneira como ele faz uso da linguagem para dar determinada enformação ao conteúdo. Bakhtin afirma que o autor não dá forma à sua obra somente a partir de sua concepção sobre a mesma, mas também na sua relação com o material. Neste caso, minha pesquisa desenvolveu-se e tomou forma no contato com os jovens, nas vivências e experiências enquanto pesquisadora, nos trabalhos com os materiais produzidos, assim como nas possibilidades e impossibilidades de nossa pesquisa.

Somente sob uma orientação dialógica interna minha palavra se encontra na mais íntima relação com a palavra do outro, mas sem se fundir com ela, sem absorvê-la nem absorver seu valor, ou seja, conserva inteiramente a sua autonomia como palavra. Manter a distância numa tensa relação racional nem de longe é questão simples (BAKHTIN, 2010, p. 72).

Esse distanciamento – a exotopia – pode ser considerado como uma postura ética e estética do pesquisador na relação que ele estabelece de alteridade com os sujeitos com os quais pesquisa, bem como na relação alteritária consigo mesma. Problematizar o texto e o contexto é perceber o distanciamento também como necessário para a análise do discurso da própria pesquisadora, neste sentido, o acabamento não se dá em forma de síntese; ele acontece através de problematizações.

[...] o conceito de exotopia, embora possa designar uma posição no tempo, [...] enfatiza a dimensão espacial. Essa ênfase não é casual. O conceito está relacionado à idéia de acabamento, de construção de um todo, o que implica sempre um trabalho de fixação e de enquadramento, como uma fotografia que paralisa o tempo (AMORIM, 2012, p. 100).

Compreendemos assim que o acabamento dado pelo pesquisador não requer a construção de uma verdade única e pura sobre os sujeitos pesquisados, mas requer uma visão, um posicionamento, sentidos atribuídos aos discursos dentro de um contexto específico. E isso se caracteriza como processo de criação, o qual depende da relação que se tem com a obra, bem como da condição axiológica do artista - discussão esta que relacionamos com a própria condição do pesquisador e seu *métier*.

Portanto, o processo de criação é vivenciado pelo autor; este é agente de uma atividade existencialmente criada que parte da realidade, mas a recombina – a partir dos elementos transgredientes do próprio autor – para dar uma enformação e criar algo novo. A relação esteticamente produtiva entre autor e personagem - neste caso, entre pesquisadora e jovens - se deve a uma tensa distância do autor com

relação aos elementos constitutivos das personagens. Esta relação possibilita agregar o todo da personagem, que se encontra difusa e dispersa dentro de si mesma e no acontecimento (BAKHTIN, 2011).

3. A CIDADE E OS JOVENS

“Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos” (CALVINO, 1990, p. 28)

Neste capítulo, dedicamos nossos esforços a caracterizar Jaraguá do Sul através da sua história e de suas principais características para, em seguida, apresentar um pouco dos jovens com os quais pesquisamos e as impressões por eles deixadas, as quais permaneceram para além dos caminhos que percorremos na urbe.

Compreendemos que a história da cidade perpassa a(s) história(s) dos sujeitos que a constituem, voltando nosso olhar não somente para os sujeitos com os quais realizamos esta pesquisa – os jovens –, mas também àqueles que os antecederam e que deixaram suas marcas na(s) história(s) dessa(s) cidade(s).

Conforme afirma Barboza (2010, p. 90):

A “verdadeira” cidade só pode ser vislumbrada com seus contrastes, dissonâncias, heterogeneidade; só pode ser compreendida com as diferentes vozes, cores, tonalidades, narrativas e trajetórias, enfim, com os diferentes modos de subjetivação que a constituem. Assim, “olhar” plenamente implica nas infinitas possibilidades de direção desse olhar e dos infindáveis sentidos que são produzidos nesses momentos.

Assim, os dados apresentados nesse capítulo fundamentam-se em pesquisas e documentos que propiciaram o conhecimento sobre informações históricas importantes para compreender Jaraguá do Sul e seus jovens, não somente pelas vivências atuais com a(s) cidade(s), mas considerando a(s) história(s) que os envolvem. A imersão na história da cidade caracteriza-se, assim, como possibilidade de escuta de algumas outras vozes que compõem seus ritmos e sentidos.

3.1 Conhecendo Jaraguá do Sul

Jaraguá do Sul situa-se na região nordeste do Estado de Santa Catarina, pertencendo à região do Vale do Itapocu. Esta abrange os municípios de Barra Velha, Corupá, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Massaranduba, São João do Itaperiú e Schroeder. A população estimada, para 2013, é de 156.519 mil habitantes, ocupando uma extensão territorial de 529.536 km²¹². A cidade é reconhecida, atualmente, por seu destacado centro industrial, considerado um dos mais importantes da Região Sul do Brasil por concentrar empresas nacionalmente reconhecidas, nos ramos metal-mecânico, têxtil, alimentício, entre outros.¹³

Conforme dados da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (2013) relativos à região do Vale do Itapocu, Jaraguá do Sul é seu maior município em número de habitantes. Destaca-se no comércio internacional (exportações e importações) e é considerado o quarto município que mais exporta em Santa Catarina. Seu Produto Interno Bruto (PIB) em 2010 girou em torno de 5 milhões de reais, com destaque para: o setor agropecuário – cerca de 31 mil reais, o setor de serviços – aproximadamente 2 milhões de reais e o setor industrial – em torno de 2 milhões e meio de reais.

Dentre os estabelecimentos comerciais instalados em Jaraguá do Sul, 45 estabelecimentos estão ligados ao setor agropecuário e empregam 145 trabalhadores; 268 são voltados à construção civil, contando com 2.168 empregados; e 1.650 direcionam-se ao comércio, com um total de 10.029 trabalhadores. Ao todo, o setor de serviços conta com 1.704 estabelecimentos que empregam 18.770 trabalhadores, e o setor industrial possui 901 indústrias com 38.754 empregados (FIESC, 2013).

A cidade é hoje um dos principais centros fabris de Santa Catarina. Suas empresas produzem os mais variados artigos, que vão desde malhas, confecções, chapéus e gêneros alimentícios, até motores elétricos, geradores, máquinas,

¹² Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=420890>. Acesso em 15 out 2013

¹³ Fonte: <http://acijs.com.br/site/interna.php?pagina=jaragua-do-sul>. Acesso em 15 out 2013.

componentes eletrônicos e de informática. É sede de algumas das maiores indústrias do país, tais como: WEG, Malwee e Marisol (MÜLLER, 2004, p. 59).

A WEG foi fundada em 1961, por Werner, Eggon e Geraldo é “uma das maiores fabricantes de equipamentos elétricos do mundo. Atua nas áreas de comando e proteção, variação de velocidade, automação de processos industriais, geração e distribuição de energia, tintas e vernizes industriais”.¹⁴ Possui sede em Jaraguá do Sul e unidades espalhadas pelo Brasil e no exterior (Blumenau, Guarapirima, Itajaí, Joaçaba – SC, Gravataí – RS, São Paulo, São Bernardo do Campo e Monte Alto – SP, Manaus – AM, Linhares – ES; Argentina, México, Estados Unidos, Áustria, Portugal, África do Sul, China e Índia.¹⁵ No ano de 2012, contava com 26.000 colaboradores e uma receita operacional bruta de aproximadamente 6 bilhões, gerando assim um lucro líquido consolidado de aproximadamente 590 milhões – crescimento de 13% comparado ao ano de 2010.¹⁶

Já a Malwee foi criada em 1968 e se tornou uma das principais indústrias do vestuário do Brasil. Atualmente conta com 8.700 funcionários, 4.450 destes trabalhando na matriz em Jaraguá do Sul.¹⁷ Possui unidades em Santa Catarina (Malharia, Pomerode e Blumenau), Bahia (Camacan) e Ceará (Pacajus).¹⁸ É conhecida também pelo seu Parque de preservação ambiental com área total de um milhão e meio de metros quadrados, localizado na cidade-sede. Neste parque encontramos também o Museu Parque Malwee, com exposição de objetos e utensílios que contam um pouco da história da cidade.¹⁹

A Marisol é uma empresa de destaque também no setor de vestuário, atendendo o setor de roupas, calçados, meias e acessórios para

¹⁴ Fonte: <http://www.weg.net/br/Sobre-a-WEG/Historia/Os-Fundadores>. Acesso em 20 nov 2013.

¹⁵ Fonte: <http://www.weg.net/files/docs/WEG-informacoes-cadastrais.pdf>. Acesso em 20 nov 2013

¹⁶ Fonte: <http://www.weg.net/br/Sobre-a-WEG/Numeros>. Acesso em 20 nov 2013.

¹⁷ Fonte: <http://www.malwee.com.br/institucional/conheca-a-malwee.php>. Acesso em 20 nov 2013.

¹⁸ Fonte: <http://www.malwee.com.br/institucional/unidades-da-malwee.php>. Acesso em 20 nov 2013.

¹⁹ Fonte: <http://www.malwee.com.br/institucional/conheca-a-malwee.php>. Acesso em 20 nov 2013.

o público infantil, jovem e adulto. Atualmente conta com 4.184 colaboradores espalhados pelos estados de Santa Catarina (Jaraguá do Sul e Schroeder), Rio Grande do Sul (Novo Hamburgo) e Ceará (Pacatuba).²⁰

Verifica-se que não é à toa que as indústrias são consideradas o motor propulsor do desenvolvimento e crescimento da cidade e que a cultura industrial contribui na constituição da “identidade” de Jaraguá do Sul como cidade ordeira, trabalhadora e com vocação para a indústria (SCHÖRNER, 2000; SCHÖRNER; CAMPIGOTO, 2011; SOTO, 2010). Para melhor compreensão da configuração desta “identidade” cultural, é preciso compreender a história de Jaraguá do Sul, desde seu processo de colonização.

3.2 A colônia Jaraguá

Jaraguá do Sul pertenceu às terras dotais que a Princesa Isabel recebeu ao casar-se com o Conde d’Eu, no ano de 1864. Ao engenheiro Carlos Jourdan o casal delegou a tarefa de demarcação das terras, estabelecendo em acordo que o mesmo arrendaria parte do território, durante 15 anos, para iniciar o processo de colonização do que era então conhecido como Estabelecimento Jaraguá (SCHÖRNER, 2008).

Em 1876, Jourdan inicia o processo de demarcação de terras, mas foi surpreendido por alguns fatores, “entre eles as disputas com a Companhia de colonização de Hamburgo, a falta de dinheiro e a precariedade dos transportes” (SCHÖRNER, 2000, p. 30), que lhe excluíram do empreendimento, fazendo com que abandonasse as terras e retornasse ao Rio de Janeiro, deixando assim os colonos/trabalhadores à mercê da própria sorte.

Neste período, muitos colonos abandonaram suas terras e buscaram refúgio nas colônias vizinhas (Dona Francisca e Blumenau) por conta da situação precária do Estabelecimento Jaraguá: o isolamento por falta de estradas e a dependência dos vendeiros²¹ para

²⁰ Fonte: <http://marisolsa.com.br/empresa/>. Acesso em 20 nov 2013.

²¹ “**Vendists** (“vendeiro”, conforme a corruptela do termo português empregada pelos colonos alemães) é, em alguns casos, quem troca produtos manufaturados por produtos agrícolas (alguns trocavam também madeira), que por sua vez são revendidos aos atacadistas, de onde adquirem os produtos que são “vendidos” aos colonos (SCHÖRNER, 2000, p. 42).

comercializarem seus produtos. Estes fatores levaram os colonos que permaneceram a produzir ao máximo para sua subsistência.

Diante disso, às atividades econômicas (agricultura e criação de animais) que visavam a sua sobrevivência, deve-se somar uma pequena indústria doméstica (**Hausindustrie**) de transformação dos produtos agrícolas, que objetivava o consumo e a venda (SCHÖRNER, 2000, p. 39).

Jaraguá diferencia-se das colonizações “padrão” da época do Brasil Colônia porque, aliado ao sistema de produção para subsistência, em pequenas propriedades, e com as transações na “base da troca”, encontrava-se o sistema de “indústrias domésticas” ou “colônia-venda” (SCHÖRNER, 2000; SOTO, 2010), baseado na “transformação dos produtos agrícolas, como engenhos de açúcar, cachaça, a produção do fubá e farinha de mandioca, manufatura de charutos, produção de vinho, etc.” (SOTO, 2010, p. 65).

A partir de 1890 outras duas frentes imigratórias também participaram do processo de povoamento de Jaraguá: a Companhia de Colonização de Hamburgo, com maioria de imigrantes alemães; e a Agência de Terras e Colonização de Blumenau, trazendo húngaros e italianos, além dos alemães. No ano de 1893, Jourdan retorna à Jaraguá, após a Proclamação da República, quando as terras dotais voltaram a ser patrimônio da União e passaram à jurisdição dos Estados (SCHÖRNER, 2000; SCHÖRNER, 2008).

3.3 Os períodos de industrialização

A Colônia Jaraguá vivia uma economia de subsistência primário-exportadora, garantida através da produção agrícola – o que caracteriza o primeiro período de industrialização, ocorrido entre 1890 e 1930 (SOTO, 2010). Essa economia possibilitou que os “vendeiros” aumentassem o seu patrimônio e comesçassem a formar uma rede de vendas, monopolizando os preços do mercado. “Havia dois tipos de vendeiros: os comerciantes, que também se dedicavam à agricultura, tendo na venda uma forma de complementar a renda da família, e

aqueles que só se dedicam às atividades comerciais” (SCHÖRNER, 2000, p. 43).

O segundo período de industrialização da então denominada Colônia Jaraguá (1930 a 1960) é caracterizado pelo aumento populacional devido à vinda de mais imigrantes; por alterações estruturais relacionadas à energia, transporte e crédito; e pela passagem da produção artesanal para a instalação de pequenas indústrias. Além das mudanças estruturais, a facilidade de importação de produtos de outras cidades e a venda diretamente para as indústrias diminuiu o trabalho dos vendedores e fez com que alguns se utilizassem do capital acumulado no sistema “colônia-venda” para transformar sua “venda” em uma indústria.

Para Schörner (2000, p. 54) “podemos sustentar que foi a evolução qualitativa do comércio ‘import-export’²², via sistema ‘colônia-venda’, que possibilitou a acumulação de capital pra o desenvolvimento do processo de industrialização [...]”, sem descartar que nesse período surgiram também muitas indústrias, cujos fundadores não eram de Jaraguá do Sul, mas chegaram à localidade com dinheiro suficiente para investir nesse ramo.

Em 1943, a colônia Jaraguá é desmembrada de Joinville e declarada município de Jaraguá do Sul. Nesta mesma década, foi considerada o quarto município mais industrializado do estado de Santa Catarina, possuindo cerca de 98 pequenas fábricas ali instaladas. O fato fundamentou o discurso de que Jaraguá possui “vocação para a indústria”, discurso que ainda permanece entre seus municípios (SOTO, 2010; SCHÖRNER, 2000).

No entanto, Jaraguá do Sul continuava a ser um município rural, com quase 80% da população morando no campo, haja vista que o Censo Demográfico de 1940 acusava 3.660 casas para uma população de 19.385 (83%) pessoas. Na área urbana, eram registradas 960 casas e uma população de 4.110 pessoas (17%) (SCHÖRNER, 2000, p. 63).

²² O sistema “import-export” se desenvolve junto ao sistema “colônia-venda” e, no início do século XX inicia seu processo de expansão, devido as “melhorias nas estradas e nas ferrovias que possibilitam uma comunicação mais rápida e segura com Joinville e Blumenau (distantes cerca de 50 quilômetros de Jaraguá), com o Planalto Norte e de lá com Curitiba” (SCHÖRNER, 2000, p. 42).

Na década de 50, a Prefeitura liberou alguns incentivos para a instalação de indústrias na cidade, através da isenção fiscal. Ao final desta década, Jaraguá “já contava com 53 estabelecimentos industriais” (SOTO, 2010, p. 69). Com o aumento do setor industrial, houve também o aumento da população, que em 1950 era de 27.240 habitantes, 4.812 na cidade (18%) e 22.428 no campo (82%) (SCHÖRNER, 2000).

Percebe-se, desta forma, um aumento significativo da população e a consequente configuração de um pequeno núcleo urbano. Ressalta-se, contudo, que a moradia ainda se concentrava no campo, tendo em vista que muitas pessoas tinham na agricultura sua principal fonte de sustento, mesmo com o crescimento do setor industrial.

Na década de 60, iniciou-se o que os autores (SCHÖRNER, 2000; SOTO, 2010) chamam de terceiro período de industrialização. “O final da década de 1950 e início dos anos 1960 marcaram a transformação de Jaraguá do Sul, mudando seu perfil de município agrícola para industrial” (SOTO, 2010, p. 71). Essa mudança significativa na economia de Jaraguá do Sul deve-se aos grandes incentivos dos bancos e Programas de Governo colocados à disposição das indústrias, assim como a construção das Rodovias Federais BR 116 e BR 101 (SCHÖRNER, 2000).

Jaraguá do Sul e a BR 101 estão distantes cerca de 30 km – distância essa percorrida pela BR 280. Rodovia esta que passa por dentro de Jaraguá do Sul ligando-a a cidade de Corupá. A BR 116 fica localizada a uma distância de 250 km de Jaraguá, mas é de grande importância para o município, pois corta o Estado de Santa Catarina e “o integra de forma concreta ao resto do país” (SCHÖRNER, 2000, p. 70). As rodovias federais têm papel importante no crescimento da cidade, aproximando-a da malha viária que liga o Sul ao Norte do país.

A instalação da ferrovia foi outro fator que contribuiu para a expansão de Jaraguá, pois possibilitou sua ligação aos principais núcleos produtivos dos Estados do Paraná e Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo (SCHÖRNER, 2000). Ela facilitou o trânsito de trabalhadores entre Jaraguá e os grandes centros urbanos, servindo ainda para conectar a cidade ao Porto de São Francisco e aos Estados do Paraná e São Paulo.

Esta configuração da rede ferroviária também facilitou a exportação da produção e a importação de matéria-prima.²³

Desta forma, na década de 60 são contabilizados 126 estabelecimentos industriais com 1.261 trabalhadores, que nos anos 1980 cresceram para 370 indústrias com cerca de 15.500 trabalhadores de um total de 50.000 habitantes. Já no início dos anos 1990, 576 indústrias empregavam 27.757 trabalhadores em Jaraguá do Sul, crescendo para 700 em meados dessa década (SCHÖRNER, 2000).

Com grande parte dos moradores de Jaraguá do Sul focados na produção agrícola – a população rural ainda era maior que a população urbana – faltou força de trabalho para atuar nas indústrias. Nesta época de crescimento industrial, dois processos aconteceram: os trabalhadores rurais começaram a dividir seus horários de trabalho entre a lavoura e a indústria, caracterizando assim o que os autores chamam de colonos-operários; e nas cidades paranaenses – que na época passavam por dificuldades financeiras – ocorreu a especulação publicitária sobre Jaraguá do Sul como a localidade catarinense do trabalho, das oportunidades, da ordem e do progresso (SCHÖRNER, 2000; Schörner, 2008).

Aos poucos, os colonos-operários começam a diminuir a produção agrícola a ser comercializada, restando apenas a produção para subsistência. Passaram, assim, a sobreviver com o salário que recebem na fábrica, caracterizando o que Schörner (2000) chamou de êxodo agrícola, “aqui entendido como a diminuição do número de pessoas que trabalham na agricultura, sem, no entanto, deixarem de morar no campo” (p. 117).

3.4 A expansão industrial, os migrantes e o crescimento da população urbana – características significativas de Jaraguá do Sul

Com a grande oferta de trabalho, nas décadas de 1970 e 1980, muitos migrantes começaram a chegar em Jaraguá do Sul e a ocupar os morros da periferia da cidade, vivendo sem as condições necessárias para sua sobrevivência – saneamento, água, luz, saúde, educação,

²³ No Capítulo 4 detalharemos a história da Ferrovia e da antiga Estação Ferroviária, hoje região central e conhecida como “Centro Histórico”, onde se localiza a “meia lua” espaço ocupado pelos jovens.

transporte, moradia. “Desse processo emergiram e se agudizaram problemas relacionadas à especulação imobiliária e à infra-estrutura urbana de maneira geral” (SCHÖRNER; CAMPIGOTO, 2011, p. 198).

Importante lembrar que, em sua maioria, os migrantes vêm em busca de emprego nas indústrias de Jaraguá do Sul, cabendo a estas a responsabilidade pela especulação publicitária e a vinda dos mesmos. Cumpre salientar que essas mesmas indústrias provocaram transformações importantes em áreas que eram rurais ou pouco urbanizadas. Isso ocorreu devido ao fato de se instalarem em áreas próximas à ferrovia ou aos acessos para as principais rodovias que ligam Jaraguá à Blumenau e Joinville – dois importantes pólos para exportação. (SOTO, 2010)

No entanto, na década de 90 as fábricas iniciam o processo de reestruturação produtiva, não precisando mais da força de trabalho daqueles que ali chegavam em busca de emprego nas fábricas. Neste momento, os migrantes passam a ser discriminados “através de uma intensa veiculação de propagandas e discursos negativos” (SCHÖRNER; CAMPIGOTO, 2011, p. 198), principalmente por parte das camadas médias e da elite local.

Neste aspecto, Jaraguá não se diferencia de outras cidades onde migrantes chegam em busca de trabalho e se amontoam na periferia, sem nenhum tipo de política pública que os atenda. Sobre estes sujeitos, recai a imagem distorcida de pessoas que desejam emprego fácil ou estão ali para roubar as vagas de trabalho dos “nativos”.

Assim, ‘nós’ e os ‘outros’ criam uma imagem de oposição entre dois territórios mutuamente excludentes, embora, em princípio, ambos façam parte e constituam aquilo que denominamos a cidade de Jaraguá do Sul, onde a fronteira física pretende delimitar formas diferentes de comportamentos espacial e social. Dessa maneira, a exclusão social deixa de ser apenas um estatuto abstrato para ganhar a forma de um território, muito embora as dificuldades e desigualdades não desaparecem simplesmente porque procuramos evitá-las” (SCHÖRNER; CAMPIGOTO, 2011, p. 200).

O migrante, portanto, é responsabilizado pela perda da ordeira e trabalhadora identidade germânica, a todo tempo ressaltada e afirmada

como característica central daqueles que aqui sempre habitaram. No entanto, tal identidade só é produzida no confronto com esse “outro”, que ao chegar aqui, tensiona o deslocamento da composição hegemônica da cidade e da cultura. (SCHÖRNER, 2008; SCHÖRNER E CAMPIGOTO, 2011). “Mas, apesar disso, há a idéia de perpetuar a mesmice cultural, homogeneizante, isto é, promover uma jaraguaensização de tudo: trabalho, valores, cultura e hábitos: ou seja, não se pretende uma relação dialógica com os outros” (SCHÖRNER; CAMPIGOTO, 2011, p. 199).

Este destaque para os migrantes - que desde a década de 70, chegam à Jaraguá do Sul - é relevante para este trabalho, pois a maioria dos jovens com os quais pesquisamos não são naturais de Jaraguá: muitos vieram para a cidade ainda criança, juntamente com seus pais, na busca por melhores condições de vida e de estudos. Vale ressaltar que, conforme dados do censo demográfico 2010, cerca de 20.783 pessoas, maiores de 05 anos, migraram para Jaraguá do Sul desde 2005. Observa-se ainda que, a maioria dos migrantes que residem atualmente em Jaraguá do Sul são oriundos principalmente das regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil.²⁴

Tendo em mãos o conhecimento do processo de exclusão que os migrantes sofrem em Jaraguá do Sul, e sabendo que o mesmo foi tema de estudo de Schörner e Campigoto (2011), compreendemos, assim como Nogueira (2009), que a cidade se constitui nessas relações dialógicas entre os sujeitos e os espaços da urbe. Pois,

o tecido urbano é uma obra histórica que se produz continuamente, revelando as contradições das relações históricas que ali se movimentam – contradições produzidas a partir do desenvolvimento desigual das relações sociais que atingem efetivamente a dimensão subjetiva (NOGUEIRA, 2009, p. 75).

Assim, percebemos que, mesmo com o discurso de que os “outros” não fazem parte da cidade e que são responsáveis pela perda da ordeira e trabalhadora identidade germânica, não reconhecemos nas

²⁴ Fonte:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=420890&idtema=97&search=santa-catarina|jaragua-do-sul|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-migracao-->. Acesso em 10 dez 2013.

vivências desses jovens com a(s) cidade(s) tal segregação, e sim sua identificação como agentes de suas histórias com a urbe.

3.5 Os encontros com os jovens

Como já especificado no Capítulo 2, nossos encontros com os jovens ocorreram em situações informais, mas também em alguns encontros programados e entrevistas individuais. A seguir, vamos caracterizar quem são esses jovens que nos acompanharam durante alguns meses e com quem pudemos estabelecer laços afetivos e compartilhar experiências, ideias e informações.

Salientamos que as identificações dos jovens apresentados nessa dissertação são apelidos, sobrenomes ou codinomes por nós definidos. Não há aqui a necessidade de torná-los anônimos, visto que eles foram devidamente informados acerca do uso destes registros, os quais foram por eles autorizados (ou por seus responsáveis, no caso dos menores de dezoito anos).

3.5.1 É que um conhece o outro, aí chama (...)²⁵

Iniciaremos pela jovem que pode ser considerada a “peça chave”, o ponto de conexão dos encontros e acontecimentos na pesquisa. Laari foi a primeira pessoa que encontramos nas saídas iniciais para reconhecimento da cidade, sentada junto ao seu grupo de amigos na “meia lua”. Através dessa jovem, conhecemos Jaraguá do Sul e também os demais sujeitos com quem mantivemos contato durante a pesquisa.

Laari tem dezessete anos e estuda no Terceiro ano do Ensino Médio. Almeja cursar Pedagogia e uma posterior Especialização em Psicopedagogia, para trabalhar com pessoas com deficiência. É natural de Canoinhas, localizada cerca de 170 km distante de Jaraguá do Sul, pertencente à região do Vale do Contestado/SC. Sua cidade natal faz divisa com o Estado do Paraná²⁶ e atualmente possui população estimada em 53.969 habitantes, que ocupam uma dimensão territorial de

²⁵ Trecho de uma fala de Laari explicando como acontecem os encontros na “meia lua”.

²⁶ Fonte: <http://www.pmc.sc.gov.br/conteudo/?item=16774&fa=2446>. Acesso em 15 dez 2013.

1.140.395km².²⁷ A economia predominante é a agricultura, com o cultivo de erva mate, feijão, milho e soja, com destaque também para o setor de beneficiamento de madeira e papel como um propulsor da economia.²⁸

A jovem chegou à região do Vale do Itapocu com quatro anos de idade, acompanhada de sua mãe, com quem estabeleceu residência em Schroeder, cidade vizinha de Jaraguá do Sul. Há cerca de sete anos mudaram-se para esta última. Atualmente, Laari trabalha como estagiária na Secretaria de Estado da Fazenda no período vespertino, e estuda no período noturno.

Já nos primeiros contatos, ela nos acolheu e fez com que nos sentíssemos muito bem integradas a seu grupo de amigos. Cada encontro era uma diversão, com muita conversa e troca de experiências. Aos sábados e domingos, é comum encontrá-la no centro (seja na “meia lua” ou na “praça”)²⁹, o que durante a semana é mais raro; mas sempre que pode, encontra os amigos antes de ir à escola.

3.5.2 Agora mudou, o nosso lema agora é: Vem pra Luta³⁰

Em junho de 2013, a pedido de Laari, fomos acompanhar a organização do manifesto “Verás que um filho teu não foge à luta”, marcado nas redes sociais para o dia 20/06/2013³¹. Durante três dias, acompanhamos e entrevistamos os responsáveis. Na ocasião, fizemos o primeiro contato com Bozo, considerado o “organizador legal” - aquele responsável pela burocracia necessária para se fazer uma manifestação, segundo sua própria definição.

A paixão por tocar violão e compor músicas foi o que nos aproximou. Os encontros em casas de amigos e em sua própria

²⁷ Fonte:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420380&search=santa-catarina|canoinhas>. Acesso em 15 dez 2013

²⁸ Fonte: <http://www.santur.sc.gov.br/destinos/vale-do-contestado/1269-canoinhas.html>. Acesso em 15 dez 2013.

²⁹ Estes temas serão contemplados no Capítulo 4.

³⁰ Bozo explicando que o lema dos jovens não é mais #VempraRua, mas sim Vem pra Luta, após o Primeiro Ato Jaraguaense pelo transporte coletivo, realizado no dia 04/07/2013.

³¹ Esses locais serão contemplados no Capítulo 6.

residência transformaram esta aproximação em amizade, a qual permaneceu após o término da pesquisa.

Bozo tem 18 anos, parou de estudar no segundo ano do Ensino Médio. Natural de Jaraguá do Sul, morou por um período em São Sebastião do Caí, no Rio Grande do Sul. Atualmente não está trabalhando, mas tem algumas possibilidades em vista. A propósito, possibilidades não faltam em sua vida: o jovem rapaz se revela aberto às experiências e à busca de novos conhecimentos.

Por muito tempo, Bozo frequentou o “centro”, principalmente a “meia lua” – local onde decidia, junto aos amigos, o que fazer nas noites de sábado, pois “sábado à noite todo mundo quer zoar”³². A diversão é uma constante na vida do Bozo, não importa se ele precise buscá-la na praça, no shopping, em casa, no mato ou na rave; ele gosta de estar com amigos e viver “uma vida boa”³³.

3.5.3 O povo sempre esteve acordado³⁴

Esta pesquisa não seria contempla se, ao acompanhar os jovens de Jaraguá do Sul, não tivéssemos conhecido o jovem Communello. Com dezessete anos de idade, filho e neto de sindicalista, reside em Jaraguá há pouco mais de sete anos. Este rapaz levou-me a recordar minha fase de militância, quando acreditava que o “comunismo” seria a única possibilidade possível de mudança social. Para Communello, nossa luta é pela *derrocada do capitalismo e por uma instaurada de um sistema mais digno e justo* (Communello).

Communello é natural de Pomerode, cidade localizada na região conhecida como Vale Europeu, distante cerca de 30 km de Jaraguá do Sul. Possui população estimada para 2013 em 30.009 habitantes, com uma extensão territorial de 214.727 km².³⁵ A economia é baseada no

³² Trecho da música “Sábado à noite” de Lulu Santos.

³³ Trecho da música “Sábado à noite” de Lulu Santos.

³⁴ Trecho de uma fala onde Communello explica porque não concorda com a frase: O gigante acordou agora, veiculada durante as manifestações de Junho de 2013.

³⁵ Fonte:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421320&search=santa-catarina|pomerode>. Acesso em 15 dez 2013.

setor industrial, com destaque para as fábricas de porcelana, plástico, confecções, máquinas e equipamentos³⁶

Este rapaz aponta como seus maiores companheiros, livros e autores como Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Trotski, entre outros clássicos. Participa do movimento estudantil, e estuda no sistema privado de ensino – onde afirma encontrar dificuldades em dialogar com seus colegas. É presença constante nas lutas por melhorias no ensino público, no transporte coletivo, entre outras demandas que ele apresenta como significativas para os jovens.

Considera-se *fruto do meio em que vive* (Communello) e, por este motivo, mesmo com algumas divergências em relação ao seu pai, escolheu filiar-se ao mesmo partido. Assim, o contato com Communello foi um (re)encontro com uma forma de fazer política com a qual convivi por muito tempo. Esta outra perspectiva fez-me vislumbrar a existência de possibilidades diferentes de compreensão da política. Percebi que meu trabalho, enquanto pesquisadora, não deve estar pautado em uma ou outra destas perspectivas, mas sim na compreensão das diversas possibilidades encontradas no caminhar destes e com estes jovens.

3.5.4 É que eu sou a favor da ideologia anarquista³⁷

Tay é uma jovem que acredita na anarquia, mas não consegue explicar o que seria uma sociedade totalmente anárquica, pois tem a consciência de que o dinheiro ainda é necessário a sobrevivência no sistema em que vivemos. Talvez a vontade de experimentar a vida sob outros contextos a leve a vivências diferenciadas.

Com quinze anos de idade, Tay viu-se instigada a participar das manifestações que aconteciam em todo o Brasil; segundo ela, como em Jaraguá do Sul ainda não havia manifestação marcada, decidiu então organizar uma. Surpreendida com a quantidade de pessoas presentes, descreve que é raro as pessoas de Jaraguá do Sul irem para as ruas protestar. Embora acredite que *devia primeiro resolver uma coisa de cada vez pra não ficar levando cartaz de tudo junto* (Tay), sentiu-se surpreendida ao ver a multidão nas ruas, mesmo embaixo de chuva.

³⁶ Fonte: <http://www.santur.sc.gov.br/destinos/vale-europeu/1245-pomerode.html>. Acesso em 15 dez 2013.

³⁷ Trecho de uma fala de Tay explicando porque se envolveu na organização da manifestação do dia 20 de junho de 2013, em Jaraguá do Sul.

Natural do Rio Grande do Sul, cidade de São Martinho - conhecida como a cidade das flores e com uma população estimada em 5.868 habitantes, em uma extensão territorial de 171.662 km².³⁸ O município localiza-se na região central do estado gaúcho, próximo à cidade de Santa Maria, e é caracterizado por sua economia essencialmente agrícola, voltada para a produção de soja, milho, feijão, arroz e trigo.³⁹

Tay veio morar em Jaraguá do Sul há oito anos, acompanhando seus pais que chegaram à cidade em busca de oportunidades de trabalho e melhores estudos. Estudante do segundo ano do Ensino Médio, trabalhava como jovem aprendiz em uma farmácia, mas pediu demissão por conta da baixa remuneração. Atualmente não está trabalhando. Frequenta a “meia lua”, onde encontra os amigos e diversão nos finais de semana.

3.5.5 Foi só eles fazer a roda lá na Igreja que eu me apaixonei.⁴⁰

BGirl é uma jovem de dezenove anos, que desde criança adorava dançar. Conheceu o *break* através da Igreja que participava. Foi paixão à primeira vista, segundo ela, que desde então acompanha o grupo de *b.boys*, estuda a cultura Hip-Hop⁴¹ e participa dos treinos, apresentações e da “Roda na Praça”.⁴²

Foi na “Roda na Praça” que conhecemos BGirl. Quando, conversamos com ela, ficamos encantados com esta menina-mãe, que busca trilhar os caminhos da vida de forma divertida e ao mesmo tempo

³⁸ Fonte:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431910&search=ri-o-grande-do-sul/sao-martinho>. Acesso em 15 dez 2013.

³⁹ Fonte: <http://www.saomartinho.rs.gov.br/publico/PConteudo.aspx?ID=83>. Acesso em 15 dez 2013.

⁴⁰ Trecho da fala de BGirl explicando como conheceu o grupo de Hip-Hop do qual faz parte atualmente.

⁴¹ Importante destacarmos que a cultura Hip-Hop não é o foco desta dissertação. Para maiores informações sobre os temas: Hip-Hop, break, b.boy e b.girl consultar: HINKEL, 2008.

⁴² A Roda na Praça é um movimento que acontece todos os domingos, na Praça Ângelo Piazeria – centro de Jaraguá do Sul – que reúne diversas linguagens artísticas. No **Capítulo 4 – Os jovens e a(s) cidade(s)**, explicaremos melhor como acontece.

comprometida. BGirl tem uma filha de dois anos de idade, que reside com a avó paterna na cidade de Araquari. Nos fins de semana, ela mata saudades ao reencontrar a filha – situação que interpreta como temporária, uma vez que só terá fim quando tiver condições para morar sozinha com a criança.

A jovem é natural de Chapecó, cidade da região oeste de Santa Catarina com população estimada para 2013 de 198.188 habitantes e extensão territorial de 626.060 km².⁴³ Conhecida como o principal pólo econômico do oeste catarinense, a cidade especializou-se no turismo de eventos e negócios, bem como no turismo rural, que vem crescendo.⁴⁴

BGirl veio morar em Jaraguá do Sul junto com seus pais, quando tinha quatro anos de idade. À procura de melhores expectativas de vida, a família encontrou no município seu “porto seguro”, e dele não pretende sair tão cedo. *É uma cidade muito tranquila. Já tive a oportunidade de ir pro Rio de Janeiro, pra São Paulo e olha, eu não largo Jaraguá por nada* (BGirl).

Terminando o Ensino Médio, a menina-mãe trabalha no setor de automação na WEG, e tem planos de fazer faculdade de Engenharia Elétrica para seguir carreira na empresa, pois identificou-se com o trabalho que vem exercendo ali, ainda que para tal necessite acordar às 3:20 da manhã e percorrer a cidade inteira de ônibus para chegar ao trabalho apenas às 4:20, deixando seu turno às 15:00.

BGirl faz parte do grupo de Break que tem a coordenação de K12, Liss, e outros dois *b-boys*. Aos domingos, estão sempre na Praça Ângelo Piazero, no centro da cidade, para compartilhar seus aprendizados na dança com os demais cidadãos de Jaraguá.

3.5.6 Eu procuro muito essa coisa de integrar tudo (...) essa ideia de junto e misturado⁴⁵

⁴³ Fonte:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420420&search=santa-catarina/chapeco>. Acesso em 15 dez 2013.

⁴⁴ Fonte:
http://www.santur.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=795&Itemid=230. Acesso em 15 dez 2013.

⁴⁵ K12 explicando sobre a “Roda na Praça” e o espaço para diversas linguagens artísticas.

É impossível conhecer a “Roda na Praça” e não ouvir falar de K12. Sempre que um desconhecido chega “no pedaço”⁴⁶, ele de imediato vai a seu encontro para conversar e explicar o que está acontecendo, aproveitando para divulgar a cultura Hip-Hop. Cabe ressaltar que a “Roda na Praça” reserva espaço para outras linguagens artísticas, mas K12 é particularmente apaixonado pelo Hip-Hop, principalmente pela dança – o *b-boy*.

Natural de Pernambuco, município de Ribeirão, K12 residiu com sua família em diversas cidades do Brasil, procurando um “lugar ao sol”: *meu pai, como todo Nordestino, [tinha] um sonho de se dar bem na vida*. Apelidada de princesa dos canaviais, a cidade do Ribeirão tem como base econômica a produção de cana-de-açúcar. Possui população estimada para 2013 em 46.200 habitantes e extensão territorial de 287.902 km².⁴⁷

Foi em Jaraguá do Sul que o *b-boy* encontrou esse “lugar”. Segundo afirma, conheceu Jaraguá há alguns anos atrás, quando veio morar no município com seus pais e irmãos. Apaixonou-se pela cidade, mas mudou-se novamente com a família para a cidade de Barra do Garças, na região norte do Brasil.

A gente foi parar numa cidade que chama Barra do Garças, é divisa de Goiás com Mato Grosso. Tem a ponte que é o Rio Araguaia. O Rio Araguaia de um lado é Goiás, que o nome da cidade é Aragarças, do outro lado é Barra do Garças. Aí a gente foi morar em Barra do Garças (K12).

Assim que surgiu a oportunidade de voltar para o “Sul”, decidi que permaneceria em Jaraguá. Aos vinte e um anos de idade, apresenta em sua trajetória de vida muitas andanças e aprendizados por onde passou. Através do contato com diferentes pessoas, ele procura

⁴⁶ Quando utilizamos a expressão “pedaço” estamos nos remetendo à compreensão de Magnani (2005) como o ponto de referência, o espaço onde se estabelecem relações significativas. Aprofundaremos a discussão sobre esse conceito no **Capítulo 4 – Os jovens e a(s) cidade(s)**.

⁴⁷ Fonte:

<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=261180&search=pernambuco|ribeirao>. Acesso em 10 out 2013.

compartilhar seus conhecimentos e aprender cada vez mais. *Então, com as pessoas, eu tanto ensino como aprendo* (K12).

Seu dia começa cedo, com o trabalho na WEG a partir das 4:42 até às 15:00. Em seguida, vai para o estúdio onde ministra aulas de *b-boy* até as 22:00. Às vezes, só retorna à sua residência após a meia noite. Aos finais de semana, está envolvido nas atividades do grupo de Hip-Hop – o que para ele não é problema, pois costuma falar que *a WEG não é meu trabalho, é minha diversão. Meu trabalho é a dança, entendeu?* (K12).

Lazer, diversão e trabalho se misturam na vida deste jovem que carrega consigo experiências de diversos lugares do Brasil. “Sua vida inteira foi de muitas mudanças, muitas lutas e conquistas. A história de vida de K12 está totalmente ligada ao seu envolvimento com a dança e a diversas ações políticas” (Diário de Campo, 01/08/2013).

Atualmente, K12 é Conselheiro Municipal de Cultura, representante da dança, em Jaraguá do Sul. Foi eleito para esta função no final de 2012 e cumprirá um mandato de dois anos. Ele relata que não tinha experiência anterior com política, tampouco havia se envolvido em algum Conselho, mas aceitou a proposta sugerida pelos amigos e conhecidos porque gosta de desafios e aprendizados, e principalmente porque tem no seu grupo de *b-boys* o apoio necessário para exercer tal função.

4. OS JOVENS E A(S) CIDADE(S)

“A gente tá no nosso cantinho, dançando, sabe? A gente não incomoda ninguém, a gente faz a nossa parte e é feliz com isso” (BGirl).

Após caracterizarmos brevemente Jaraguá do Sul e os jovens participantes desta pesquisa, é importante salientar que compreendemos a história de Jaraguá do Sul e a(s) história(s) desses jovens como constituídas dialogicamente. Neste sentido, é preciso considerar que a vivência subjetiva da(s) cidade(s) é um processo “atravessado por experiências simbólicas intimamente relacionadas com a esfera concreta, material e social: a ‘subjetividade’ só existe enquanto materialidade – o que aqui entendemos como ‘a materialidade da dimensão subjetiva’ (NOGUEIRA, 2009, p. 72).

Lefebvre (2001) afirma que a cidade é produção dos seres humanos por seres humanos e, assim, não podemos reduzi-la às suas condições históricas, mas partir dessas para compreender as relações que atualmente se estabelecem nela/com ela. O autor afirma que “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas” (p. 52). Partindo desta compreensão, nossos encontros com os jovens aconteceram predominantemente em dois dos lugares mais frequentados por eles - a “meia lua” e a Praça Ângelo Piazzera.

Visto que cada jovem significa e se apropria da urbe e dos espaços por eles ocupados, de formas diferenciadas, consideramos que “para além de cidade, falamos de cidades na cidade” (Barboza, 2010, p. 87), e, portanto, neste capítulo, apresentaremos Jaraguá do Sul a partir da(s) história(s) destes espaços, articulando com as histórias de cada jovem e com os discursos produzidos nos encontros ao longo desta pesquisa.

4.1 A rede ferroviária, a estação de cargas e a meia lua

A rede ferroviária que passa por Jaraguá do Sul teve sua concepção em 1901, quando a Cia. Estrada de Ferro São Paulo – Rio

Grande ganha a concessão para construção do ramal que liga Rio Negro⁴⁸ a São Francisco do Sul⁴⁹. A construção deste ramal foi finalizada em 1909, quando as estações São Francisco, Joinville⁵⁰, Jaraguá e Hansa⁵¹ estavam prontas. Os trens que circulavam no ramal São Francisco faziam o trajeto São Francisco – Hansa, até 1910. Em 1913, foi inaugurado o tráfego de Hansa até Rio Negro. Em dezembro de 1917, com o término da construção que liga Porto União⁵² até São Francisco do Sul, a obra estava completa (KITA a⁵³; QUINTAES, 1999).

Em Porto União, o trem fazia conexão com os trens que serviam os estados do Paraná e São Paulo. Esse ramal construído pelo governo Imperial solucionou os problemas que o planalto catarinense e sudeste paranaense encontravam em distribuir suas produções agrícolas para os grandes centros consumidores – as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (Quintaes, 1999). Além de cargas, os trens transportavam

⁴⁸ Rio Negro é uma cidade localizada no estado do Paraná, distante de Jaraguá do Sul cerca de 100 km. Cidade com economia voltada para o setor de serviços, seguido da indústria e agropecuária. (Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em 15 out 2013).

⁴⁹ São Francisco do Sul fica distante de Jaraguá do Sul cerca de 60 km e é a terceira cidade mais antiga do Brasil destacando-se por ter o quinto maior porto brasileiro. (Fonte: <http://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/l/a-cidade>. Acesso em 15 out 2013.).

⁵⁰ Joinville é a maior cidade de Santa Catarina, em população – 515 mil habitantes. Localizada na região norte do Estado é considerada um grande pólo econômico e industrial de Santa Catarina. Localiza-se cerca de 50 km distante de Jaraguá do Sul. (Fonte: <http://www.youblisher.com/p/608869-Joinville-em-Dados/>. Acesso em 15 out 2013.)

⁵¹ Hansa é o antigo nome dado à atual cidade de Corupá, uma das vizinhas de Jaraguá do Sul, localizada cerca de 22 km de distância. Sua economia é muito parecida com a de Jaraguá, com concentração no setor industrial, seguido do setor comerciário e agricultura. (Fonte: <http://www.corupa.sc.gov.br/home/>. Acesso em 15 out 2013).

⁵² Porto União localiza-se na região norte de Santa Catarina e faz divisa com o estado do Paraná. Distante cerca de 250 km de Jaraguá do Sul, destaca-se pela economia voltada ao setor de serviços, seguido do setor industrial e da agropecuária. (Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em 15 out 2013).

⁵³ Texto não publicado, sobre a Estação Ferroviária. Escrito pela historiadora Silvia Regina Toassi Kita e disponibilizado para consulta quando visitei o Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”, em Outubro de 2013.

também passageiros que vinham visitar municípios da região, muitos deles pernoitando em Jaraguá do Sul.

Contribuindo para o desenvolvimento da Colônia Jaraguá, a ferrovia “facilitou os deslocamentos das pessoas para as grandes cidades, além do transporte da produção agrícola e da madeira da região” (KITA a). Por muitas vezes, a produção era tamanha que a ferrovia não conseguia atender à demanda; mesmo assim, ela sempre foi considerada um fator importante para o crescimento econômico da cidade (KITA a). “Toda a produção agro-pastoril e, mais tarde, a produção industrial da região, até a década de 60, era escoada através do ramal ferroviário que cruza o centro da cidade” (Quintaes, 1999, p. 61).

A história da ferrovia em Jaraguá do Sul reflete a história do transporte ferroviário brasileiro, pois, conforme Muller (2004), as cidades começaram a crescer com o surgimento das estradas de ferro e esse crescimento se acentuou com o surgimento dos automóveis. No entanto, na década de 60 o transporte ferroviário brasileiro começa a ser substituído pelo transporte rodoviário, e às ferrovias “foi legada a função de transportar cargas a grandes distâncias. O transporte rodoviário passou a ser mais importante, ocupando o espaço da ferrovia” (p. 1). Esta começou a entrar em declínio a partir desta década; no entanto, em Jaraguá do Sul, o transporte de passageiros continuou até a década de 80.

Atualmente, o trem ainda circula por dentro da cidade, a qual é cortada ao meio pela ferrovia. Embora utilizada somente para fluxo de matéria-prima das indústrias e alguns comércios da região (Quintaes, 1999), a passagem do trem por dentro de Jaraguá do Sul gera transtornos e reclamações por parte dos munícipes, acarretando “problemas às atividades cotidianas da população, como congestionamentos e acidentes, envolvendo automóveis, pedestres e o trem” (MÜLLER, 2004, p. 02). Outras queixas – em especial daqueles moradores que residem próximos à linha férrea - advêm do barulho gerado pelos trens, que circulam em horários variados; e também há reclamações sobre “a falta de uso da ferrovia para o transporte de passageiros” (Quintaes, 1999, p. 63).

Na Figura 2 encontramos o prédio da primeira estação ferroviária, construída em 1913. É possível verificar na foto a linha férrea e o trem ao lado esquerdo da foto. Visualiza-se também uma edificação com pessoas na parte anterior. Em sua face direita, há uma placa onde está escrito Jaraguá. E na parte posterior da mesma edificação aparece um

cavalo, puxando uma espécie de charrete em uma estrada de chão batido. Outra edificação pode ser vista, no segundo plano da fotografia.

FIGURA 2 – Primeira Estação Ferroviária (s/d)



Fonte: Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”.

Na Figura 3, encontramos o prédio da segunda estação ferroviária, que teve sua obra concluída em 1943. É possível perceber uma edificação mais moderna e mais ampla que a da Figura 2. Ao fundo, há algumas montanhas, que caracterizam o vale que cerca Jaraguá do Sul. Na parte inferior da fotografia, pode-se visualizar uma rua de chão batido, indicando uma cidade ainda pouco urbanizada. Percebe-se também a ausência de árvores no local.

Importante destacar que a segunda estação foi construída tendo em vista que a primeira já “não atendia mais ao volumoso e crescente movimento de cargas, procedente, principalmente, das linhas rodoviárias de Santa Catarina” (Quintaes, 1999, p. 61). Em 1943, quando da construção da segunda estação ferroviária, a estação anterior teve sua edificação preservada e passou a ser utilizada como depósito de cargas.

FIGURA 03 – Segunda Estação Ferroviária (s/d)

Fonte: Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”.

Por muito tempo, a vida social e cultural da cidade estava ligada à região da estação, ponto de encontro dos moradores e espaço para realização do comércio local. “Nos áureos tempos da ferrovia, era ali o centro das atenções, dos debates, das notícias, dos encontros e desencontros” (KITA a). Essa região, conhecida como “povoado-estação”, era considerada o principal núcleo da cidade, e anos mais tarde se transformou no centro – local onde se concentravam os hotéis, habitações, comércios e serviços, e onde atualmente localiza-se o Centro Histórico de Jaraguá do Sul. Suas construções são tombadas como patrimônio histórico pela Fundação Catarinense de Cultura em 1998 e contam com um processo em andamento no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional) para o tombamento nacional⁵⁴.

54

Fonte:
http://cultura.jaraguadosul.com.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=434.
Acesso em 08 de out 2013.

FIGURA 4 – Região da “Estação Ferroviária” (s/d).

Fonte: Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”.

Na Figura 4 é possível visualizar parte da atual região do Centro Histórico. Ao fundo da fotografia, está o prédio da primeira estação, onde atualmente funciona a Biblioteca Pública Municipal Rui Barbosa. A urbanização da região também pode ser constatada por seus canteiros, flores, árvores, circulação de carros e espaços para estacionamento. Ao lado esquerdo, há um prédio com arquitetura contemporânea, onde fica localizado o Shopping Center e, mais ao fundo algumas edificações que fazem parte do comércio local. No lado direito da foto é possível perceber algumas edificações antigas e montanhas mais ao fundo.

Esta figura nos mostra um pouco do que queremos apresentar como a cidade polifônica, com suas diversas vozes convivendo em um mesmo espaço urbano. Para Canevacci (2004, p. 17), a cidade polifônica pode ser comparada “a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”. Jaraguá do Sul se apresenta como uma cidade polifônica ao demonstrar preocupação em conservar os espaços que representam sua história junto com a arquitetura contemporânea. Esta polifonia se evidencia, por exemplo, com a manutenção do prédio da primeira estação e sua transformação em depósito de cargas e atualmente em uma Biblioteca Pública Municipal.

Figura 5 – Região da segunda estação ferroviária (2013).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na Figura 5, também é visível a preocupação com a manutenção da história da cidade e a (re)significação dos seus espaços. A edificação fotografada é o prédio da segunda estação ferroviária, que foi revitalizado e atualmente abriga a Fundação de Cultura de Jaraguá do Sul, o Museu do Expedicionário, o Memorial da Estação e o Espaço Innocência Silva.⁵⁵ Diferentemente de seu objetivo inicial – receber passageiros e cargas dos trens que circulavam pela cidade – hoje acolhe e divulga a sua própria história, bem como uma fundação que é responsável pelas políticas públicas relacionadas à cultura.

Também é evidente, na Figura 5, que a rua em frente ao prédio encontra-se asfaltada, calçada e com faixa de segurança, havendo circulação de carros, pedestres e ciclistas. No canto esquerdo da foto visualizamos uma placa de trânsito e na parte de cima da fotografia um semáforo. Em frente à Fundação, existem árvores e postes de energia elétrica. Esses itens também indicam a urbanização desta região.

⁵⁵ http://cultura.jaraguadosul.com.br/modules/xt_conteudo/index.php?id=434. Acesso em 08 out 2013.

Esse movimento de ressignificação dos espaços históricos da cidade possibilita que o novo conviva com o antigo, com o passado. Reconhecemos aqui uma cidade que se urbaniza, mas mantém traços da sua história, pois revive seus espaços e designa para eles outras funções, tão importantes quanto aquelas que exerceram no passado.

É perceptível essa (re)significação na história da Estação Ferroviária, pois revela uma região que sempre foi destinada aos encontros entre os moradores da cidade. Local onde inicialmente os vendedores instalaram seus comércios, ponto de encontro dos trabalhadores ao final do dia de trabalho, e também de encontros amoroso e que atualmente é ocupada pelos jovens, que denominam o local de “meia lua” – por conta da existência de uma pequena arquibancada em formato de teatro de arena, entre os edifícios da Biblioteca Municipal e da Fundação Cultural.

FIGURA 6 – Meia lua (2013).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A Figura 6 é uma fotografia da “meia lua”, onde os jovens estão reunidos; logo atrás está o prédio da Fundação de Cultura de Jaraguá do Sul. No lado esquerdo da foto estão algumas edificações antigas, e no último plano, um prédio que caracteriza uma edificação mais recente.

No primeiro plano, estendendo-se para o canto direito da foto, há alguns canteiros com árvores. É possível perceber também alguns focos de iluminação pública no local.

Segundo Kita (b)⁵⁶ a meia lua já existia quando da construção da segunda estação ferroviária em 1943, mas não possuía a estrutura dos bancos semicirculares. Em 2010, quando a região foi revitalizada, foi erguida o que hoje se denomina de “Praça França Vosgerau” em homenagem a um funcionário público, músico e maestro de bandas municipais. No projeto de revitalização esse local foi destinado ao entretenimento, razão pela qual foi construído o mini auditório ao ar livre.

A “meia lua” foi (re)significada pelos jovens como um espaço de encontros. Quando questionados sobre a história do local, eles descrevem que o mesmo “foi construído em 2010 para servir de teatro (tipo teatro de arena), mas nunca foi utilizado para esse fim, pois a prefeitura sempre faz os eventos na Praça Ângelo Piazero” (Diário de Campo, 04/05/2013). Embora atualmente o poder público não realize atividades nesse local, os jovens se encarregam de destinar utilidade ao que sempre foi ocupado pela população. Isto se torna evidente quando Laari afirma que:

esse espaço aqui é um palco aberto pra vir alguém ali cantar, fazer uma palhaçada, coisa. E nunca tem, nunca tem. Tu passa aqui dia de semana, fim de semana, fim de mês, começo de mês, fim de ano, não tem nada, entende? Eu acho que é um espaço que a galera tá usando mesmo. Que nem, quando vem nossa galera toda pra cá, a gente fecha aqui, sabe, a gente fecha e conversa, cada um faz sua rodinha, conversa, mas todo mundo é amigo sabe. Todo mundo ali é, se dão, se conhecem, sabe (Laari).

Esta fala nos remete à conversa de Marco Polo com o Kublai Khan, sobre a cidade de Zaíra, na qual o primeiro chega à conclusão de que falar da referida cidade não é mencionar suas escadarias, prédios, altos bastiões, as ruas e os pórticos. Ele questiona: do que realmente as

⁵⁶ Notícia fornecida pela historiadora Silvia Regina Toassi Kita, em visita ao Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”.

idades são feitas? Será que são feitas somente de casas, ruas, prédios, construções? E concluí que ela se revela a partir “das relações entre as medidas de seus espaços e os acontecimentos do passado[...]” (CALVINO, 1990, p. 14). As cidades são constituídas daquilo que os homens fazem dela/com ela, e, nos encontros com os jovens de Jaraguá do Sul, percebemos que eles constituem a cidade e a si mesmos (re)significando os espaços por eles ocupados.

Jaraguá do Sul é palco das resistências desses jovens que “se cruzam, se entrecruzam e (re)produzem suas existências no caos urbano [...]” (Zanella et al., 2012a, p. 253). Isso pode ser percebido quando Laari descreve que a meia lua é um palco aberto, destinado a apresentações artísticas, mas que dificilmente se concretizam. Nada do que acontece por ali é programado pelo poder público, mas é possível sempre encontrar muitos jovens na meia lua, pois eles têm utilizado o local para se (re)conhecer através do contato com o(s) outro(s) e com a urbe, (re)criando as possibilidades de utilização de um espaço inicialmente designado para outro fim.

A meia lua foi (re)significada também pelo grupo de *b-boys*, grupo este que se apresenta na Roda na Praça aos domingos (assunto que irei desenvolver no item 4.2), e que utiliza este espaço como local de treinos nos dias em que não há horários para eles treinarem no estúdio, o qual dividem com outros grupos.

A “meia lua” é considerada *o ponto de encontro da galera* (Laari). Esses encontros são marcados via mensagens no celular (*SMS*), redes sociais, ligações telefônicas, mas na maioria das vezes ocorrem de forma espontânea: *é uma coisa assim que vai juntando, juntando, aí meu, vem, vem, tal... Eu acho bem interessante assim* (Laari). E eu compartilho desta opinião, pois me surpreendi, logo nos primeiros contatos com os jovens, como a cada dia a configuração do grupo se modificava. Existem aqueles que estão sempre por ali, assim como os que circulam de vez em quando e também aqueles que recentemente foram inseridos no grupo - mas todos são sempre muito bem recebidos.

Através dos encontros na meia lua que consegui me aproximar de alguns dos jovens participantes desta pesquisa. E a partir da relação deles com este espaço, pude imergir na cidade que paira aos olhos destes jovens. Durante boa parte do trabalho de campo, este espaço também foi utilizado por mim como referência para encontrá-los, uma vez que muitos encontros aconteceram de forma aleatória, sem serem programados.

A partir da compreensão de Magnani (2005) sobre os circuitos dos jovens, podemos perceber que a “meia lua” é considerada “o pedaço” da cidade ocupado pelos jovens aos finais de semana, embora eles geralmente não fiquem somente por ali, circulando também por outros espaços: *geralmente vai pra praça, geralmente vai na SCAR, dá uma volta na rua (...) ou, às vezes, vai pro shopping, come* (Laari). Para o autor, o pedaço é o espaço onde as relações mais significativas acontecem; portanto, a meia lua é o “pedaço” da cidade onde *o pessoal senta para conversar* (Communello) com os amigos, mesmo sem haver alguma atividade planejada. É “um território que funciona como ponto de referência [...]” (MAGNANI, 2005, p. 178), uma forma de reunir os jovens *porque cada um é de bairro diferente e daí se junta aqui que é o lugar mais perto para todo mundo se encontrar* (Tay).

4.2A Praça Ângelo Piazero e a Roda na Praça

As terras que pertenciam a Ângelo Piazero foram adquiridas em 1895 de Emílio Carlos Jourdan. A doação das mesmas para o governo municipal ocorreu em 1927, pela esposa de Ângelo, dona Constância Piazero, para que fosse construído “um jardim público e edificado o prédio que servirá para a Intendência com demais repartições [...]”, conforme consta na Escritura Pública de doação, registro nº 369. No entanto, somente no ano de 1941 a administração pública construiu a Praça e o prédio – o qual por muitos anos foi a sede da Prefeitura Municipal. (KITA c).⁵⁷

Algumas alterações aconteceram na ocupação desse espaço nas últimas décadas, decorrentes do desenvolvimento urbano de Jaraguá do Sul. Em 1994 foi “construído o Espaço Cultural, parque infantil e palco” (KITA c). Devido ao crescimento populacional, o prédio existente no local já não suportava acolher a administração pública municipal, o que levou à construção de uma nova sede da Prefeitura de Jaraguá do Sul em outro local. “Após a saída da administração municipal do prédio, este foi

⁵⁷ Texto não publicado, sobre a Praça Ângelo Piazero. Escrito pela historiadora Silvia Regina Toassi Kita e disponibilizado para consulta quando visitei o Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”, em Outubro de 2013.

restaurado e adequado para servir de sede do Museu Municipal Emílio da Silva, ali se instalando em 2001” (KITA c).

A Praça Ângelo Piazero fica localizada na rua Marechal Deodoro da Fonseca, na região conhecida como calçadão. Só há espaço para passagem de um carro e as calçadas são largas, o que facilita a circulação dos pedestres para visitação ao comércio presente na região. É um espaço utilizado pelos cidadãos jaraguenses como área de lazer aos finais de semana, que durante um sábado de cada mês é fechado para a circulação de carros para a realização do Sábado Legal⁵⁸.

Acessando a praça pela Rua Marechal Deodoro da Fonseca, encontramos a parte frontal fotografada na Figura 7. Na imagem, conseguimos perceber muitas árvores, gramados, um monumento na região central e aos fundos a edificação que hoje constitui o Museu Municipal Emílio da Silva. No canto direito da foto, há uma construção circular de cor azul (uma espécie de chafariz) e dois bancos posicionados um defronte ao outro. No plano frontal da fotografia, no canto direito, é possível perceber uma edificação em formato circular, que representa a rosa dos ventos e onde muitas vezes os transeuntes costumam se sentar. À direita da foto, visualizamos uma rua com alguns carros estacionados. É neste local que acontece a “Roda na Praça” aos domingos.

⁵⁸ Esse evento acontece em datas específicas, quando as lojas associadas à Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL funciona até as 17 horas. O evento é uma promoção da CDL em acordo com o Sindicato do Comércio Varejista da cidade.

Figura 7 – Praça Ângelo Piazero (s/d).



Fonte: Arquivo Histórico de Jaraguá do Sul “Eugênio Victor Schmöckel”.

Contornando o Museu Emílio da Silva, é possível acessar o espaço cultural, conforme aparece na Figura 8. Na região central da foto, há algumas árvores, mesas e bancos de concreto com algumas pessoas sentadas. No canto direito da fotografia encontram-se alguns carros, exatamente onde funciona um estacionamento rotativo público. No canto esquerdo está uma edificação pertencente ao Museu, com um veículo branco estacionado à sua frente.

Figura 8 – Praça Ângelo Piazero (2013).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Seguindo em direção aos fundos deste espaço, vamos encontrar a região que aparece na Figura 9. No canto esquerdo da foto, há uma edificação com um mosaico de figuras de instrumentos musicais: essa construção é uma espécie de palco onde acontecem as apresentações culturais, solenidades festivas e eventos em geral. Mais à frente, está o parque infantil e, em seguida, a quadra de esportes – que podem ser melhor visualizadas na Figura 10. Percebe-se muitas árvores nessa região, e ao fundo da fotografia existem duas edificações – uma casa de construção mais antiga e ao lado um prédio. No canto direito da foto, está a continuação do estacionamento rotativo público, com alguns carros estacionados. Ao lado dos veículos estão alguns transeuntes circulando a pé e de bicicleta.

Figura 9 – Praça Ângelo Piazero (2013).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na figura 10, aparece o parque infantil, compreendido por uma cancha de areia; nele circulam uma criança e um adulto. Mais ao fundo, isolada pelas grades vermelhas, há uma quadra destinada à prática de basquete e também utilizada pelos skatistas. Há muitas árvores e dois bancos, nos quais estão sentadas três pessoas.

Figura 10 – Praça Ângelo Piazero (2013).



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Esta dissertação seria incompleta se a Praça Ângelo Piazero fosse apresentada sem menção à Roda na Praça. Nós a descobrimos através de um encontro marcado ali com a Laari, que não dança *break* nem faz parte da cultura Hip-Hop, mas sempre prestigia o trabalho do grupo, que tem o K12 na coordenação.

O grupo que hoje vai à praça para dançar começou em um espaço conhecido como A casa do RAP - o Espaço Vida, situado em uma das principais ruas da cidade e mantido por uma igreja para servir como espaço de atividades ligadas ao Hip-Hop. Ali eram desenvolvidas oficinas de grafite, break, MC e DJ. No entanto, no ano de 2010 a Igreja não pôde mais financiar aluguel da estrutura e o grupo ficou sem local fixo para se encontrar.

Depois que fechou o Espaço Vida ali, não tinha muito lugar pra gente treinar sabe. A gente buscava espaços assim na rua, na praça, na meia lua ou algum cantinho que a gente achava para treinar (BGirl).

Da iniciativa dos remanescentes, principalmente de K12, surgiu a “Roda na Praça”. Para ele, *não existe lugar melhor que a praça em Jaraguá do Sul aos domingos (...) Aqui na roda a gente, é aquela energia boa (...) energia de se divertir*. Atualmente, o grupo já conta com outro espaço para seus treinos – o que me levou à pergunta: por que continuam realizando a “Roda na Praça”? K12 explica que a praça *é um ponto em que o fluxo de pessoas desce e sobe (...) sem falar também que foi onde a gente conseguiu energia, não tinha um outro lugar público que fosse doar energia pra nós*.

O jovem relata que, enquanto o grupo procurava um novo espaço para treinar, a praça era o único local com acesso à energia elétrica para ligar o aparelho de som. Este acesso foi inicialmente obtido a partir de um acordo entre o grupo de *b-boys* e o guarda que fazia a segurança da praça. Este deixava a caixa de interruptores sem o cadeado para que o grupo pudesse utilizar o som durante os treinos dominicais; hoje, os *b-boys* contam com o apoio da Fundação de Cultura de Jaraguá do Sul, a qual concede autorização para uso do local e da rede de energia do Museu.

A este propósito, o fundador do grupo oferece uma reflexão interessante: para ele, assim como a “energia boa” que está presente no grupo possibilitou o acesso à energia elétrica necessária para ligar a aparelhagem de som e dançar na praça, também a energia elétrica possibilitou que esta “energia boa” do grupo fosse mantida. Através da dança os jovens liberam a “energia” de seus corpos nos movimentos acrobáticos do break e contagiam de “energia” as pessoas que frequentam o local.

Para Harvey (2013, p. 30) “a cidade sempre foi lugar de encontro, de diferença e de interação criativa, um lugar onde a desordem tem seus usos e visões, formas culturais e desejos individuais concorrentes se chocam”. Neste contexto, a potência da praça funciona como um espaço de encontro, de vida, onde há um grande fluxo de “energia”, pois é na praça que os *b-boys* divulgam a cultura Hip-Hop para a comunidade de Jaraguá, buscando tornar “transparente” essa manifestação.

É importante ressaltar que Jaraguá do Sul é uma cidade de colonização alemã, húngara e italiana; no entanto, a ênfase da descendência germânica é enfatizada, restando poucos olhares para outras culturas e linguagens artísticas. Quando K12 salienta que a Roda na Praça tem o objetivo de tornar o Hip-Hop mais transparente, ele faz referência a essa falta de olhar para outras culturas que não a germânica, na cidade que valoriza os Clubes de Caça e Tiro, a música erudita e o

balé clássico, mas que abre poucos espaços para a cultura popular, a cultura de rua, a dança contemporânea, entre outras manifestações presentes em Jaraguá do Sul. Para o dançarino, *o foco de cultura aqui é muito diversificado, só que é pouco transparente, entendeu?*. As pessoas precisam conhecer essa diversidade cultural, saber que ela existe e que deve ser respeitada tanto quanto a cultura germânica.

Esse respeito à diversidade cultural é percebido também quando K12 afirma que o objetivo maior da Roda na Praça *era que isso fosse pra comunidade também conhecer, entendeu? Tanto é que virou isso*, pois qualquer grupo pode participar e utilizar esse espaço para apresentações. Tanto que, além da dança, a Roda na Praça conta também com a participação de outras linguagens artísticas. É possível encontrar por ali também o pessoal da capoeira e alguns músicos da região.

Neste sentido, a praça é o espaço de apresentação do grupo, *porque assim, o nosso lugar de treino não é aqui, entendeu? A gente tem o nosso estúdio onde a gente treina* (K12). No entanto, o espaço para os treinos é dividido com outros grupos de dança, e nem sempre está disponível para os *b-boys*, levando-os a recorrer à meia lua em alguns dias da semana. Para K12 o *break* é uma dança de rua e dela não deve se afastar, por isso o grupo permanece na praça – fazendo dela seu “palco” e, da meia lua seu “espaço de treino”.

Participar das manifestações que são realizadas na praça contribuiu para o reconhecimento de Jaraguá do Sul sob uma perspectiva outra, não encontrada nos registros dos livros de história da cidade, mas que pode ser considerada tão importante quanto os fatos históricos que a constituem. Os jovens que fazem desse espaço o “palco” de suas apresentações estão fazendo história, construindo suas histórias e a(s) história(s) dessa cidade.

4.3 Os circuitos dos jovens

Desde o início da década de 90, o estudo sobre o urbano é objeto de pesquisa não somente da geografia, mas de várias ciências humanas, entre elas a sociologia e a psicologia. O debate sobre o acesso à cidade como um direito, segundo Harvey (2013), deve ser compreendido sob a luz do desejo. O autor afirma que o direito de acesso à cidade perpassa os desejos de cidade que cada cidadão constitui e, ainda, o “tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós

mesmos e as nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos de todos os direitos humanos.” (p. 28).

Portanto, para desvendar os circuitos dos jovens com a(s) cidade(s) de Jaraguá do Sul é preciso compreender que as relações estabelecidas nos espaços ocupados por esses jovens são dialógicas e constitutivas dos mesmos. São dialógicas por estarem pautadas no diálogo com as tensões e vozes existentes no espaço urbano, visibilizadas através da convivência dos jovens com o patrimônio histórico da cidade, com a cultura germânica, com as diferentes culturas e diferentes gerações que estão presentes nos espaços por eles ocupados. São constitutivas, pois é através da apropriação e (re)significação dessas vozes e tensões que esses jovens se apresentam para os outros, os reconhecem e são por eles reconhecidos.

Desta forma, os espaços ocupados por esses jovens são percebidos através dos sentidos a eles agregados por aqueles que “de alguma forma ali inscrevem a história (...)” (NOGUEIRA, 2009, p. 72). A história, por sua vez, também não pode ser compreendida isoladamente, uma vez que se constrói através das diversas histórias que constituem a urbe. Assim é preciso conhecer o modo como os jovens significam a cidade e a vivem por meio dos circuitos por eles delineados nos espaços urbanos, e como reinventam a história no presente. É na relação com essa(s) história(s) que esses jovens se constituem, mesmo que a “cidade histórica” não apareça claramente nos discursos desses jovens, mas ela se faz presente, nos monumentos, nas culturas, nos patrimônios históricos, nas arquiteturas antigas em contraste com as contemporâneas, nas existências e resistências.

Importante destacar que Magnani (2005) apresenta o conceito de circuito para trabalhar com os diversos espaços ocupados pelos jovens nas pesquisas realizadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU/USP). Para este autor, o conceito de circuito remete à sociabilidade desses jovens, compreendida através de fatores mais amplos do que os relativos às “pautas de consumo ou de estilos de expressão ligados à questão geracional” (p. 177). E, ainda, traz à tona as “permanências e regularidades, em vez da fragmentação e do nomadismo” (p. 177).

Neste aspecto, o autor apresenta o conceito circuito pela contraposição e complementaridade entre os conceitos de culturas juvenis – utilizado pelo antropólogo Carles Feixa – e tribos urbanas – utilizado por Michel Maffesoli. Portanto, a escolha por circuito

deve-se à particularidade de ser a mais abrangente [das categorias da família], pois, ao mesmo tempo que possibilita identificar e construir totalidades analíticas mais consistentes e coerentes com os objetos de análise, permite também extrapolar o espaço físico (...) proporcionando recortes não restritos a seu território (MAGNANI, 2005, p. 177-178).

Relacionando o conceito escolhido com o que foi apresentado anteriormente neste capítulo e, em conformidade com os objetivos da pesquisa, pode-se afirmar que os circuitos dos jovens de Jaraguá do Sul se dão através dos encontros informais na “meia lua” e da ocupação da Praça Ângelo Piazero através da “Roda na Praça” – além dos trajetos realizados para acessar esses espaços, levando em consideração que cada jovem reside em locais diferenciados da cidade.

Já salientamos anteriormente que a meia lua é onde os jovens se encontram, sem necessariamente permanecer nesse espaço todo o tempo. Aos sábados eles transitam entre a meia lua e o shopping – que fica no lado oposto da rua – e aos domingos, ocupam a praça e prestigiam a Roda na Praça. Já os *b-boys* têm por definição que, aos domingos, o espaço deles é a praça, mas frequentam a meia lua, utilizando-a como um espaço de treino em dias de semana. Portanto, é preciso compreender que os jovens que se encontram na “meia lua” circulam também pela praça e prestigiam as manifestações dos *b-boys*, assim como estes também acessam a meia lua.

Como já mencionado no Capítulo 2, sou moradora recente de Jaraguá do Sul. Assim, conviver com os jovens me possibilitou enxergar e conhecer a cidade a partir dos seus olhares, como se por um momento eu pudesse enxergar com olhos que não são os meus uma cidade que não é possível encontrar nos livros e mapas.

Os espaços da urbe, portanto, são ocupados não pelo reconhecimento que o jovem tem do grupo que ocupa o local, e sim pelas manifestações que nele acontecem. Conforme afirma Nogueira (2009, p. 80), “a cidade não deve ser pensada de forma idealizada, por sua representação ideológica, mas como o é na vivência coletiva de seus habitantes (...)”. Neste contexto, meu olhar esteve voltado para a compreensão da cidade através da vivência que seus jovens estabelecem entre si e também com a “meia lua” e a Praça.

Posso afirmar que não conheci a cidade sob uma perspectiva somente geográfica, mas principalmente através da perspectiva dialógica

sábados como durante os domingos. A linha amarela pontilhada representa o trajeto da ferrovia, por onde o trem ainda passa atualmente.

Destacamos que, mesmo com alguns jovens morando distantes do centro – e, portanto, da “meia lua” e da praça – estes são os dois espaços que eles escolhem para se encontrar. Isso leva ao questionamento sobre os motivos para esta escolha, que remete ao conceito de mancha de Magnani (2005). Para o autor, a mancha

acolhe um número maior e mais diversificado de usuários, e oferece a eles não um acolhimento de pertencimento, mas, a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro, acenando, em vez da certeza, com o imprevisto: não se sabe ao certo o que ou quem se vai encontrar na *mancha*, ainda que se tenha uma idéia do tipo de bem ou serviço que lá é oferecido e do padrão de gosto ou pauta de consumo dos freqüentadores (p. 178).

Portanto, é na possibilidade do encontro com o inesperado que os jovens procuram tais espaços da urbe: mesmo sabendo os tipos de serviços que vão encontrar no local, não estão certos sobre quais encontros serão possibilitados, o que estimula o processo de (re)criação das suas relações com a urbe. Esta relação é evidente quando Bozo afirma que estava na meia lua quase todos os finais de semana, que ali encontrava muita gente e fazia novas amizades e,

Em várias dessas saídas com o pessoal, a gente começou a perceber que não tinha o que fazer. Então a gente se reunia no centro, assim, sabe? E ficava sentado, tocando violão, esse tipo de coisa. A gente começou a pensar assim, sabe, devia ter mais projeto cultural, devia ter mais bandinha de rock, devia ter mais projetos assim, pros jovens, abertos. (Bozo).

Foi através do contato com a cidade e vivenciando os espaços ocupados pelos jovens que Bozo percebeu a necessidade de união e resistência dos mesmos para que algo fosse modificado. Isto é perceptível também na ocupação da praça pelos *b-boys*: somente depois que começam a prática do *break* naquele espaço é que eles são reconhecidos pelo poder público. B-Girl nos conta que um dia eles

estavam na praça e a polícia parou pedindo autorização para ocupação daquele espaço, a qual eles não possuíam.

Aí, um dos integrantes do nosso grupo, ele correu atrás disso pra gente (...), ele conseguiu pra gente uma autorização de ficar na praça e conseguiu o apoio da Prefeitura, tanto que eles deram um decorflex pra gente – um tapetão daqueles grande que a gente dança em cima – pra gente dançar (BGirl).

Em ambas as situações, percebe-se que é sob a perspectiva de reconfiguração dos modelos homogeneizantes que esses jovens se relacionam com a(s) cidade(s) que se constituem no caminhar entre esses circuitos. As cidades existem a partir da partilha do sensível⁵⁹, das relações afetivas entre os sujeitos e destes com os espaços por eles ocupados, pois a “realidade social implica formas e relações [e não pode ser] concebida de maneira homóloga ao objeto isolado, sensível ou técnico, ela não subsiste sem ligações, sem se apegar aos objetos, às coisas [aos lugares]” (LEFEBVRE, 2001, p. 54).

Para Bozo, foi a partir “das saídas com o pessoal” que seu grupo percebeu que a cidade não contemplava suas necessidades; assim, sentar à “meia-lua” para tocar violão constitui a sua maneira de vivenciar a cidade. Já para BGirl, a ocupação da praça pelo grupo de *break* recebeu reconhecimento da administração pública, o que garantiu o apoio para permanecer naquele espaço, abrindo as portas da cidade para uma outra cultura, que não a germânica.

Não há apenas uma forma de ocupação dos espaços de Jaraguá; consequentemente “as relações dos jovens nos contextos urbanos se transformam e enunciam outras juventudes; outra urbanidade; outra estética” (Zanella et al., 2012b, p. 128) e, acrescento, outra política, fundada no tensionamento da partilha do sensível, o que possibilita novas compreensões e novas (im)possibilidades de resistir/existir. Falamos de outra juventude, outra urbanidade e outra estética, quando

⁵⁹ O termo partilha do sensível é utilizado por Rancière para denominar “o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (2009, p. 15). Compreendemos também a política como partilha do sensível, que (re)parte e (com)partilha este comum, que (re)cria as conectividades e possibilidades de existências diversas.

os jovens utilizam a meia lua para tocar violão, ou como ponto de encontro, resignificando aquele local, tendo em vista que não há, instituído pelo poder público, espaços de lazer para eles. Falamos de uma outra política quando esses jovens, ao ocupar a praça para dançar break, tensionam o poder público e abrem espaço para uma outra cultura, fugindo da lógica identitária germânica.

É reconhecido que esses jovens têm resistido às “normas e discursos que enrijecem as vivências urbanas” (Zanella et al., 2012a, p. 258), contrapondo-se às condições hegemônicas impostas. Este contraponto é potência de vida e não simples oposição, pois eles (re)criam seus espaços, suas relações, suas cidades “por meio de intervenções efêmeras, fugazes, anônimas, intervenções estético-artísticas que proclamam novos modos de conviver e atuar nos espaços urbanos” (Zanella et al., 2012a, p. 256). São, enfim, jovens que contrapõem; que resistem na existência e existem na resistência.

5. A POLÍTICA, OS POLÍTICOS, A POLÍCIA: “ELES” E “NÓS”

“Mas eu não quero ser uma pessoa que, tipo, pô, eu vou viver uma vida toda e não vou fazer nada, entendeu?, pela sociedade, pela comunidade. Aí eu acho que essa forma que eu pareço um político, entendeu? Porque eu penso muito mais nas pessoas do quem em mim” (K12).

É cabível compreender as relações entre os jovens e a política sob a perspectiva histórica e social, com foco na “construção e reconstrução do olhar sobre os sujeitos, sobre a sociedade, sobre a relação sujeito-sociedade, [buscando uma compreensão dialógica sem] os reducionismos e individualismos que marcam as sociedades contemporâneas” (Mayorga, 2013, p. 346).

Estas relações se estabelecem como possibilidades de resistência às lógicas homogeneizadoras e podem ser analisadas como um movimento constante, indeterminado, constituído e constituinte das relações entre os sujeitos. Pensar essas resistências é refletir sobre diferentes processos de significação das histórias que constituem esses jovens.

Neste capítulo, problematizo os discursos dos jovens participantes desta pesquisa quando questionados sobre o entendimento do conceito de política, apresentando seus paradoxos e os diversos sentidos por eles produzidos. Analisarei os aspectos presentes em seus cotidianos, compreendendo que a relação com a política “se constitui num universo axiológico marcado por uma multiplicidade de sentidos e estratégias, no qual nem sempre uma lógica pautada no racional-utilitário é suficiente como linguagem” (Maheirie et al., 2012, p. 144).

5.1 Sobre política e polícia

A política, embora assuma “lugares e formas múltiplas e polimorfas na contemporaneidade que extrapolam os limites da política institucional” (Maheirie et al., 2012, p. 145), ainda é relacionada com os

espaços institucionais representados, em nossa sociedade, através de partidos políticos, do processo eleitoral e dos espaços legitimados de poder – como as instâncias do Legislativo, do Executivo e do Judiciário.

Para Chauí (1994), a política, quando relacionada aos espaços institucionais, apresenta-se com uma visão pejorativa, identificada

[...] como algo perverso, perigoso, distante de nós (passa-se no Estado), praticado por ‘eles’ (os políticos profissionais) contra ‘nós’, sob o disfarce de agirem ‘por nós’, faz com que seja sentido como algo secreto e desconhecido, uma conduta calculista e oportunista, uma força corrupta e, através da polícia, uma força repressora usada contra a sociedade (CHAUÍ, 1994, p. 370).

Este é considerado, para a autora, um dos paradoxos da política. Esse sentido paradoxal apresenta-se por duas razões: pelo fato da política ter sido inventada pelos homens como uma forma de viver em sociedade e resolver os conflitos e as diferenças, sem que fosse necessária a utilização da força física; e como um espaço para discutir, deliberar e decidir, do qual somente alguns podem participar (CHAUÍ, 1994).

Rancière (1996b, p. 369) auxilia na compreensão sobre os paradoxos da política. Segundo o autor, quando pensada sob as bases da racionalidade política, ela “supõe, em suma, o poder de uma superioridade determinada sobre a inferioridade que lhe corresponde”, demarcando aqueles que se encontram aptos a governar e os que estão aptos a serem governados. Essa lógica corresponde a uma ação de governar, a qual “supõe normalmente o que a lógica de toda ação supõe: o exercício de uma potência própria do agente sobre uma matéria apta a receber seu efeito somente a isso”.

BGirl, ao ser indagada sobre seu entendimento de política, relata que nunca refletiu sobre o que é de fato política. Quando questionada se a Roda na Praça pode ser considerada como um ato político, a jovem afirma que é a forma como seu grupo está *tentando levar às pessoas o que a gente vê da dança (...), mas eu acho que não há política no que a gente faz assim, eu acho, na minha opinião* (BGirl), justamente pela associação por ela feita entre a palavra “política” e os *políticos, fazendo promessa pra se elegerem a prefeito, a vereador, alguma coisa assim* (BGirl).

Compreende-se que para BGirl a política encontra-se distante; é praticada por aqueles que são eleitos para serem “os políticos”. O que leva à pergunta: Quem escolhe os políticos, se não nós através do voto nas eleições? E por que a política é compreendida como algo distante de nós? Aqui se apresenta outro paradoxo que Chauí (1994, p. 367) relaciona ao significado da palavra política: “é ela uma atividade específica de alguns profissionais da sociedade ou concerne a todos nós, porque vivemos em sociedade?”.

É possível que essa distância entre “nós” e “eles” possa ser reduzida quando aqueles que se encontram aptos a serem governados têm a possibilidade de escolher aqueles que irão governar, através da participação no processo democrático? Para Tay essa distância se reduz, pois considera que a política não é feita somente por políticos, ela afirma que *é feita pelo povo também. Porque é o povo que decide quem que vai (...) representar a cidade*. Nessa afirmação é perceptível que a jovem reconhece a possibilidade de participação no processo eleitoral e a política passa a ser reconhecida como algo do qual participamos, deixando de ser significada como algo distante de nós.

Significada como o ato de votar, a política, para Tay, é traduzida como uma possibilidade de escolha que é imposta pelo sistema político, tendo em vista a obrigatoriedade do voto no Brasil. Este sistema político, baseado no sufrágio, faz parte da ordem social na qual vivemos e que, segundo Prado (s/d)⁶⁰ “é um arranjo, uma racionalidade da gestão, e para o Rancière a gestão é a gestão dos corpos, da distribuição e da função (...)”. Essa gestão dos corpos é denominada, por esse filósofo, de polícia.

Tay salienta que exercer o ato de votar, mesmo que branco ou nulo, é considerado um ato político, justamente porque implica a participação naquilo que o sistema político impõe. No entanto, para a jovem, o ato de não votar (e sofrer a aplicação de multa) não é considerado um ato político, pois *é político votar em branco porque você vai ta votando, você tem a escolha de não fazer isso, mesmo pagando uma multa, a multa não é tão cara. Mas aí a partir do momento que você vai lá e vota é um ato político* (Tay).

Portanto, quando compreendida como participante do processo político através do voto nas eleições, na verdade Tay se reconhece como

⁶⁰ Informação retirada da disciplina Tópicos especiais em práticas culturais e constituição do sujeito I: O POLÍTICO E A POLÍTICA, ministrada na Universidade Federal de Santa Catarina em Agosto de 2013.

assumindo uma função que lhe é determinada pela polícia, pelo ordenamento dos corpos, pois faz parte dos que se encontram aptos a serem governados e que podem participar da escolha dos que são aptos a governar.

Aqui encontra-se um dos paradoxos da política, segundo Rancière (1996b). O autor propõe chamar de polícia aquilo que compreendemos por política – ou seja, os processos nos quais há o consentimento de todos e a organização das formas de gestão e de controle das coletividades. Esta polícia também pode ser configurada como um

recorte do mundo sensível que define, no mais das vezes implicitamente, as formas do espaço em que o comando se exerce. É a ordem do visível e do dizível que determina a distribuição das partes e dos papéis ao determinar primeiramente a visibilidade mesma das “capacidades” e das “incapacidades” associadas a tal lugar ou a tal função (RANCIÈRE, 1996b, p. 372).

O ato de não declarar voto, que para Tay não é considerado política, faz parte dessa divisão do sensível, pois trata-se de algo instituído por nosso sistema político – ou seja, uma opção prevista na legislação eleitoral, vinculada a uma escolha delimitada pela forma como nosso sistema político está organizado, instituído pela polícia, não caracterizado como política, segundo Rancière (1996b; 2012).

O que não fica perceptível para Tay é que, ao mesmo tempo, este ato pode ser compreendido como um ato de resistência, porque tensiona o que está instituído; declara um descontentamento com o sistema. Quando optamos por não votar em ninguém que participa do processo eleitoral, demarcamos que naquela disputa não há quem esteja apto a nos representar.

Este ato pode ser considerado política? Pode vir a provocar dissenso, segundo Rancière (1996b; 2012)? O autor afirma que a política não pode ser interpretada como uma combinação entre interesses e sentimentos dos indivíduos e grupos que vivem em sociedade, mas sim como “um modo de ser da comunidade que se opõe a outro modo de ser, um recorte do mundo sensível que se opõe a outro recorte do mundo sensível” (1996b, p. 368). Talvez a recusa em votar, como ato isolado, não seja suficiente para provocar dissenso, mas se

inscreve como possibilidade de resistir à ordem estabelecida. Seus efeitos, no coletivo, são por sua vez, imprevisíveis.

Esse mesmo paradoxo pode ser percebido na compreensão de BGirl sobre a Roda na Praça, apresentado anteriormente. O significado de política para essa jovem encontra-se vinculado às instâncias institucionais e também ao processo eleitoral. O ato de levar às pessoas o que os *b-boys* compreendem da dança não é para ela caracterizado como política. Porém, se pensarmos sob as bases do dissenso, proposto por Rancière (1996b; 2012), estar na praça dançando break pode ser considerado um ato político, pois tensiona a ordem social, afirmando sua presença e voz na divisão do sensível.

Para Communello e Bozo a política se apresenta para além da nossa participação no processo eleitoral e constitui também a nossa atuação em coletivos de reivindicações de direitos, sejam eles: partidos políticos, movimentos sociais ou até mesmo manifestações e protestos.

Bozo relata que agora está mais envolvido com a política. Considera-se ainda um leigo, mas acredita que só irá aprender se correr atrás se continuar ligado aos movimentos. Communello acompanha os movimentos sociais há algum tempo, devido à história de seu avô e seu pai com o movimento sindicalista. No entanto, somente em 2013 Communello filiou-se a um partido político. Posteriormente, inseriu Bozo nesse debate institucional e, atualmente, ambos participam da mesma tendência política interna do Partido dos Trabalhadores – a Esquerda Marxista.

Na relação desses jovens com a política partidária aparece muito clara a necessidade dos integrantes do coletivo entrarem em consenso para que as ações sejam realizadas. Isso fica claro quando Bozo afirma que, após a realização de qualquer ação por parte do grupo, seus integrantes em seguida precisam *se reunir pra saber qual vai ser o próximo passo (...) tudo o que a gente ta fazendo a gente procura o apoio de toda a célula, né. Entra em um consenso todo né, para a gente não acabar fazendo só o que a gente quer* (Bozo).

Communello também reconhece que a política se estabelece nessa relação de tensão entre opiniões contrárias até que um consenso se estabeleça. Ele exemplifica relatando que: *tu faz política em casa, quando tu pede pra sair pro teu pai (...) isso é política, tu ta conversando, dialogando (...) ele fala que não pode, mas só se tu fizer isso, aí tu entra nessa discussão, tu entra em divergência, tu discute e tu arranja uma saída.*

Essas afirmações apresentam o que estamos acostumados a compreender como política: o debate de opiniões contrárias até que se alcance um consenso, para conseguir alcançar os objetivos propostos. Para Rancière (1996b, p. 367), o consenso apresenta “a ideia de uma necessidade objetiva, a do desenvolvimento das forças produtivas, que impõe a coesão do corpo social e esvazia de sentido a concepção da política como escolha entre soluções alternativas”.

Para o autor, o consenso é mais do que somente o equilíbrio das forças sociais e a distribuição dos papéis a serem desempenhados. O consenso homogeneiza os sujeitos, os identifica como iguais e opera na redução dos mesmos enquanto sujeitos políticos, suprimindo assim o que é próprio da política – o dissenso. Esse consenso pode ser caracterizado também como uma relação amigável entre opiniões contrárias, que “pretende objetivar os problemas, determinar a margem de escolha que comportam, os saberes requeridos e os parceiros que devem ser reunidos para sua solução” (RANCIÈRE, 1996b, p. 379).

Neste contexto, impõe-se um mundo homogêneo, onde um ordenamento social deve ser seguido e as possibilidades de divergências e de tensões são elevadas até o ponto onde consigamos suprimi-las. Essa negociação, para além de uma forma de governo, apresenta-se como um “acordo entre sentido e sentido, ou seja, entre um modo de apresentação sensível e um regime de interpretação de seus dados. Significa que, quaisquer que sejam nossas divergências de ideias e aspirações, percebemos as mesmas coisas e lhes damos o mesmo significado” (Rancière, 2012, p. 67), e isso para o autor é denominado como consenso.

Pensada como distante de nós e exercida por aqueles que são aptos para governar – os políticos – ou então compreendida como um ato do qual participamos, ou até mesmo como um consenso entre as partes envolvidas, a política significada por esses jovens pode ser compreendida também como uma partilha do sensível, pois define lugares, papéis a serem desempenhados e, mesmo sem perceber, cada sujeito busca uma “parte” nesta “partilha”. No entanto, essa não é a política de Rancière, mas sim o que ele denomina de “polícia”.

Tendo em vista que a polícia é o ordenamento dos corpos, “a distribuição dos lugares e das funções e o sistema de legitimação dessa distribuição” (RANCIÈRE, 1996b, p. 372) e a política é o dissenso, que rompe com o ordenamento da polícia por “meio da invenção de uma instância de enunciação coletiva que redesenha o espaço das coisas comuns” (Rancière, 2012, p. 60), essa confusão não pode ser

considerada como algo pejorativo. Para este filósofo, a política e a política encontram-se em constante tensão, e por este motivo acabamos por confundi-las.

5.2 As relações com um outro e a política como dissenso

Para os jovens participantes dessa pesquisa, a política é compreendida também na relação que se estabelece com o outro, sem a perspectiva de uma obrigação e de algo que se encontra distante de nós, mas como possível no “entre”, na alteridade que nos constitui enquanto sujeitos, nesse “outro que sou na vida, comigo e contigo” que se apresenta como alteridade (Zanella et al., 2010, p. 13).

Para melhor compreender o conceito de alteridade, busca-se auxílio em Bakhtin (2011), quando apresenta o debate sobre o processo de criação da personagem literária e afirma que a mesma nunca se encontra acabada aos olhos do autor, pois o acabamento não se dá nessa relação de via única, mas a partir da relação axiológica que o autor estabelece com a sua criação. Ao levar esse debate para o campo das relações cotidianas, podemos compreender que, enquanto sujeitos, não nos encontramos acabados, mas em constante refinamento, a partir dos olhos desses outros que nos constituem. Bakhtin afirma ainda que

Os elementos que nos concluem na consciência do outro, ao serem presumidos pela nossa consciência perdem o valor concludente e auxiliam na ampliação de nossa consciência sobre nós mesmos, superando assim esse valor concludente, deixando para nossa consciência a última palavra, que nunca será dita (2011, p. 14).

A partir dessa relação com o(s) outro(s) é que se constitui a política como resistência, pois é no outro e a partir do outro que eu me constituo e, desta forma, que eu resisto/existo. É na alteridade que as possibilidades de ReXistir me são proporcionadas. Emprestamos o conceito de ReXistência que é apresentado em dois artigos de Zanella et al. (2012a; 2012b), quando afirmam que as práticas de resistência dos jovens na contemporaneidade se estabelecem com ênfase em suas

condições criativas, “que afirmam a potência de cada existência” (Zanella et al., 2012b, p. 128-129).

Esta reXistência se apresenta na trajetória de K12, onde destacamos aqui seu relato sobre o fato de o grupo de break ficar sem um local fixo para a prática da dança, levando à decisão de se encontrar nos espaços públicos da cidade para não deixar o Hip-Hop morrer em Jaraguá do Sul. K12 relata que nessa época criou um grupo no celular, para o qual enviava mensagens avisando que estaria no Arthur Muller – um ginásio que fica no centro da cidade e que possui uma pista de skate na área externa. Segundo o jovem, alguns *b-boys* apareciam, outros não, o que não fez com que ele desistisse, mas que buscasse amparo naqueles que se faziam presentes.

Aos poucos, o grupo de dança conquistou alguns itens básicos para que as rodas de break acontecessem. No início, eles dançavam sem som, e direto no piso. Depois, alguns traziam o celular e a dança rolava assim mesmo. Em seguida, começaram a dançar na Praça Ângelo Piazero e decidiram, *sem autorização de ninguém, já como a gente dançava na praça* (K12), fazer uma Roda na Praça. *Aí, meu, mas como a gente vai fazer a roda na praça, sem som?”*(K12). E foi dessa forma que conquistaram a energia necessária para ligar o som, através da ajuda do guarda que cuidava do espaço. A conquista da energia elétrica para que as rodas de break acontecessem foi ao mesmo tempo a energia necessária para que o grupo continuasse se encontrando.

Um aspecto a ser destacado desse movimento – de conseguir a energia elétrica para que a roda de break acontecesse – está no relato de K12 de que eles foram atrás da energia sem nem ter um aparelho de som para utilizar. Depois que conseguiram a energia elétrica *aí vai correr atrás de som agora. E a gente foi correndo atrás de som, acabamos trazendo um de casa mesmo. O Zélo pegou da mãe dele lá. Sonzinho pequeno, mas já tocava né* (K12). Mas ainda continuava difícil dançar direto no piso, e por isso o jovem investiu seu próprio dinheiro e comprou um decorflex – tapete específico para a prática do break.

Para K12, todas essas conquistas e os investimentos pessoais realizados foram sementes plantadas que demoraram para germinar, *mas depois tu viu que começou a germinar assim e começou, tipo, tanto as pessoas que praticam quanto o público começou a crescer* (K12).

Até aí a gente não tinha nenhum apoio tipo, da Fundação ou da Prefeitura, tal. Então tipo, era uma coisa que era legal e ilegal ao mesmo tempo.

Porque? Era legal porque o guardinha tinha autorizado a energia, mas a gente não tinha a autorização da Fundação para poder tá fazendo essa manifestação ali, né. Porque até não ter uma autorização se tornava uma manifestação, né? (K12).

Além do reconhecimento da importância do outro como possibilidade para resistência e criação de outros mundos sensíveis e possíveis, percebemos também nessa trajetória de K12 a prática de dissensos como forma de reconfiguração do mundo sensível, pois foi através da visibilidade dos que não eram visíveis que eles conseguiram o reconhecimento e o espaço necessário para a realização da Roda na Praça - que até ser constituída como tal, não tinha apoio nenhum do poder público e era caracterizada por K12 como uma manifestação, algo legal e ilegal ao mesmo tempo.

Quando K12 descreve que antes dos *b-boys* obterem o apoio da Fundação de Cultura eles estavam apenas se manifestando, refletimos que esses *b.boys* buscavam ser vistos, ser contados como “parte” nessa “partilha”. Conquistam a legalidade através de uma atitude “legal” de um guarda que apreciava vê-los dançar, mas ao mesmo tempo ainda seria necessário legalizar a utilização daquele espaço, o que buscaram junto ao órgão responsável pelo local: a “autorização legal” para que permanecessem ali aos domingos.

Importante destacar que K12 afirma que a solicitação foi feita ao guarda em uma quarta-feira, para que eles pudessem utilizar a energia no domingo, pois era preciso *falar com ele antecipado porque se ele falar que não, vai falar: Ah, tem que falar com não sei quem, aí a gente vai lá e fala com esse não sei quem, entendeu?* (K12). O grupo não tinha conhecimento dos caminhos necessários para conseguir legalizar a utilização da praça para as rodas de break. É possível compreender nessa atitude a relação de tensão existente entre polícia e política, pois ao mesmo tempo que estão provocando fissuras no ordenamento social, ao se encontrarem em um local público para dançar, estão em busca da parte que lhes cabe dessa ordem.

É possível compreender as estratégias utilizadas por K12 como possibilidades de fissuras na ordem social imposta. Rancière (2012), quando apresenta o debate sobre os paradoxos da relação entre arte e política, afirma que “arte e política têm a ver uma com a outra como formas de dissenso, operações de reconfiguração da experiência comum

do sensível” (p. 63). O filósofo analisa o campo da arte e da política sob diversas perspectivas e paradoxos; e em uma dessas perspectivas, ele define que na política da arte há

as estratégias dos artistas que se propõem mudar os referenciais do que é visível e enunciável, mostrar o que não era visto, mostrar de outro jeito o que não era facilmente visto, correlacionar o que não estava correlacionado, com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos. Esse é o trabalho da ficção (p. 64).

Importante destacar que, para Rancière (2012, p. 64, grifo do autor), “ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. É o trabalho que realiza *dissensos*, que muda os modos de apresentação sensível e as formas de enunciação (...)”, e que produz novas relações entre o singular e comum. Com sua insistência em manter o *break* visível em Jaraguá do Sul, K12 reconfigura um certo ordenamento da cidade, resistindo e criando possibilidades outras, para si, para os jovens e para muitos outros.

Nas palavras de Rancière (1996b, p. 378), “os sujeitos políticos não existem como entidades estáveis. Existem como sujeitos em atos, como capacidades pontuais e locais de construir, em sua universalidade virtual, aqueles mundos polêmicos que desfazem a ordem policial”. Para esse autor, o ato político demanda o impossível e é por este motivo “que o Rancière fala que a racionalidade da política exige uma virtualidade, ele usa essa expressão, ela exige o pensamento do impossível” (PRADO, s/d). Aqui também reconhecemos a tensão existente entre política e polícia. O *dissenso* reconfigura o sensível e apresenta-se como possibilidade de ocupação de um lugar, de se fazer ouvir o que até então era somente ruído.

Na busca por fazerem parte dos que são contados, os *b-boys* de Jaraguá do Sul conquistam também um espaço importante na configuração da ordem social, objetivado pela integração de K12 como representante da dança no Conselho de Cultura de Jaraguá do Sul. O Conselho é um espaço de controle social, onde representantes da sociedade civil e do poder público discutem e deliberam sobre a política pública cultural no município.

Para BGirl, essa participação de K12 no Conselho de Cultura tem sido muito importante para o grupo de break, porque *agora a gente ta ocupando um espaço legal em Jaraguá que a gente pode tomar algumas decisões* (BGirl). Ao mesmo tempo que ocupam espaços da/na urbe, se manifestam, se contrapõem a uma lógica, esses jovens participam dos espaços de poder instituídos pela ordem social. Espaço este legal, pois o grupo tem conseguido se sentir representado nos debates que acontecem sobre a política cultural na cidade e também por se caracterizar como um espaço legalizado pelas hierarquias, onde somente aqueles que são “aptos” – que são escolhidos entre seus pares – é que podem participar.

Atualmente, o grupo conta com um decorflex, disponibilizado pela Fundação de Cultura de Jaraguá do Sul, assim como a utilização da energia do local, autorizada pela mesma. Apesar desse apoio e da compreensão da atividade como “legalizada”, o grupo da Roda na Praça continua reXistindo quando se encontra todos os domingos na Praça Ângelo Piazeria. É nesse espaço que eles conseguem fortalecer os laços afetivos e a diversidade cultural de Jaraguá do Sul, embora esta ainda não seja (re)conhecida por muitos. Segundo BGirl, mesmo tendo alcançado tantas conquistas, o grupo ainda está *buscando o respeito e a valorização*.

Apesar de todos esses esforços, pode-se afirmar que o grupo ainda não obteve o devido reconhecimento pelo poder público de Jaraguá do Sul. Segundo BGirl, a Fundação de Cultura convidou *os b-boys* para dançar nas comemorações de aniversário da cidade; ação que se tornou inviável porque *na barraca que eles colocaram pra gente dançar lá tinha um bueiro no meio assim, como que a gente vai dançar com um bueiro ali? Ainda mais break dance? Aí a gente não dançou, daí foi todo mundo pra meia lua e ficou treinando*” (BGirl).

O episódio evidencia a hierarquização disposta na partilha do sensível, que é marcada por uma lógica determinada, a qual pode ser compreendida sob a perspectiva de divisão entre as partes. Esta hierarquia é representada pelo espaço que foi disponibilizado pelo poder público para os dançarinos participarem das festividades de aniversário da cidade – um espaço que, mesmo sem possibilidades de ser usado, estava garantido. Ou seja: um lugar de não lugar, a sobra, o resto da parte.

Para Rancière (1996b, p. 42),

A atividade política é a que desloca um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a destinação

de um lugar; ela faz ver o que não cabia ser visto, faz ouvir um discurso ali onde só tinha barulho, faz ouvir como discurso o que só era ouvido como barulho.

A atitude de negação à dança no espaço destinado pela Fundação reflete que os *b-boys* continuam buscando uma nova configuração do social, um jeito outro de fazer política. Ao mesmo tempo, querem ser contados e é desta forma que se fortalecem como grupo para continuar reXistindo. Eles encontram-se no que Rancière (s/d)⁶¹, denomina de *in between*, no espaço entre os que não são contados e os que são contados.

Na dialogia da vida, as existências se relacionam, criam e recriam outras existências; corpos que se expressam em suas potências de afetar e ser afetados criam mundos e agenciam outras formas de ser e viver, outras conectividades, outros desejos e novas formas de experimentação (Neves, 2010). Os desejos se dão nos encontros dos corpos, corpos errantes, que vibram nessa relação, nesse entre, sem identificação, num processo dialógico e processual, num devir.

Emprestamos as reflexões de Freitas (2007) quando apresenta, sob a perspectiva Bakhtiniana, a necessidade de, ao analisarmos uma obra, nos ampararmos no tempo que lhe antecedeu e no tempo presente para encontrar possibilidades de que ela viva em um futuro próximo, como forma de compreender que uma “obra não pode ficar encerrada em sua contemporaneidade, pois suas raízes prendem-se a um passado remoto e, ao surgir em sua época, ela representa o fruto maduro proveniente de um lento e complexo processo de gestação” (Freitas, 2007, p. 295).

Sob esta perspectiva, é preciso compreender que nos discursos desses jovens estão as marcas de suas histórias, significadas por suas vivências cotidianas, carregadas de desejos, de criação, de ReXistências. Assim, o que tentamos com esse capítulo foi fazer emergir as vozes desses jovens, seres expressivos e falantes, e reconhecê-los como sujeitos em devir.

⁶¹ Informação retirada do texto de Rancière, traduzido para o português: Política, identificação e subjetivação. Trabalhado na disciplina: PSI – Tópicos Especiais – Subjetividade e Política, no semestre 2013/1, na Universidade Federal de Santa Catarina.

6. JUNHO DE 2013: O ENCONTRO ENTRE POLÍTICA, POLÍCIA E CARNAVALIZAÇÃO.

*“Mas é carnaval
 Não me diga mais quem é
 você
 Amanhã, tudo volta ao
 normal
 Deixe a festa acabar
 Deixe o barco correr
 Deixe o dia raiar”*
 (Noite dos Mascarados,
 Chico Buarque)

No dia 20 de Junho de 2013 a chuva apareceu e não restou espaço para qualquer resquício de sol na cidade de Jaraguá do Sul. Isto não foi motivo para que as pessoas ficassem em casa, em um dia que se consagraria como histórico, tendo em vista que o protesto marcado para esta data foi confirmado como o de maior expressão já acontecido na cidade. Expressivo pelo número de pessoas que foram às ruas lutar por direitos, bem como pela multiplicidade de pautas defendidas.

Ao chegarmos perto do início da manifestação avistamos muita diversidade, pessoas com capas de chuva, alguns com guarda-chuvas, tinham também os que se divertiam tomando banho de chuva. Afinal, ela veio pra ficar e só ficando em casa para dela se escapar. Foi possível perceber também uma verdadeira pluralidade de ideias, de manifestações, de ideais ao ler os cartazes e faixas que aos poucos iam ocupando a Avenida Getúlio Vargas, onde a manifestação teve seu início (Diário de Campo, 20/06/2013).

Na fase inicial de minha pesquisa, fui convidada por Laari para realizar filmagens da manifestação que aconteceria na cidade. A partir deste convite, conheci o grupo responsável pela organização, o qual acompanhei durante três dias, enquanto produziam cartazes, discutiam estratégias e organizavam a manifestação pacífica de Jaraguá do Sul, posteriormente intitulada: “Verás que um filho teu não foge à luta”. Os encontros aconteciam na Praça Ângelo Piazero, que servia também como local de referência para outros jovens dispostos a auxiliar na

produção de cartazes e opinar sobre as pautas que deveriam estar presentes na manifestação.

Importante destacar que, desde o início do mês de Junho, o Brasil vivenciou manifestações em diversas cidades. Iniciados em São Paulo contra o aumento de 20 centavos na tarifa do transporte coletivo, os protestos pelo direito à cidade ganharam força e ocuparam as ruas. Devido à violenta recidiva policial, as notícias se espalharam por todo o país e aos poucos essa onda de protestos alcançou níveis há muito tempo não vistos na democracia brasileira. Acompanhei estes acontecimentos em nível nacional através da rede social Facebook, de matérias jornalísticas televisivas e por meio eletrônico.

Assim, este capítulo apresentará reflexões acerca das manifestações, com base nas impressões dos jovens e também na minha experiência, que se deu de um lugar outro, uma vez que pude vivenciá-las não apenas como militante, mas sobretudo como pesquisadora.

Pretendo, portanto, relacionar alguns eventos que considero relevantes e problematizá-los, com o intuito de compreender o que muitos teóricos (Maricato et al., 2013) denominam “Jornadas de Junho”. Minha intenção não é definir o que foram as manifestações, mas apresentar reflexões, questionamentos e contradições que encontrei no caminhar com estes jovens.

A contextualização será feita através de manchetes e reportagens dos meios de comunicação que realizaram a cobertura das manifestações em São Paulo. Para tal, escolhi os portais G1 e Passa Palavra. Na sequência, apresentarei alguns acontecimentos de relevância relacionados ao tema, ocorridos em Jaraguá do Sul.

O portal G1 é afiliado da Rede Globo de Jornalismo, cujas matérias veiculadas em meio eletrônico são reproduções das matérias televisivas, transmitidas por sinal aberto a grande parte da população brasileira. O Passa Palavra é um portal de menor alcance, visto que o acesso à internet ainda é reduzido se comparado ao da TV aberta.

Salienta-se que os dois portais servem, neste trabalho, como fontes informativas. Assim, não há a pretensão de se realizar aqui uma análise sobre o papel da mídia nas manifestações, o que demandaria um estudo aprofundado e o desvio do foco deste trabalho. No entanto, apresentarei estas duas perspectivas, por serem diferentes entre si e atingirem públicos distintos.

6.1 Multiplí-cidade de vozes

No dia 06 de Junho de 2013, iniciaram-se os primeiros protestos na cidade de São Paulo, contra o aumento da tarifa de ônibus e metrô. No mesmo dia, o portal G1 apresentou a seguinte manchete: “Manifestantes depredam estação de Metrô, banca e shopping na Paulista – Confronto com a PM deixou rastro de destruição e vandalismo. Protesto foi contra aumento na tarifa de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20” (G1, 06/06/2013)⁶².

No dia seguinte, o portal Passa Palavra publicou um texto sobre o assunto, porém sob outra perspectiva, com a manchete: “Batalha no centro: primeiro grande ato contra a tarifa em São Paulo”. No texto a seguir, podemos perceber a diferença dos pontos de vista sobre os protestos ocorridos na capital paulista.

É difícil calcular quantas pessoas estiveram presente no primeiro grande ato contra o aumento das tarifas do transporte público de São Paulo. Mas estima-se que mais de cinco mil manifestantes atenderam ao chamado do Movimento Passe Livre (MPL), ocuparam as ruas do centro da cidade e bloquearam durante várias horas as principais vias da região. Sem dúvida, é possível dizer que esta foi uma das maiores manifestações realizadas pelo Movimento e uma das mais contundentes (Passa Palavra, 08/06/2013).⁶³

No dia 07 de Junho de 2013, há nova convocação do Movimento Passe Livre para os manifestantes comparecerem às ruas contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. Segue relato do novo protesto:

(...) a manifestação de ontem foi marcada pelo seu vigor: conseguiu agrupar um enorme contingente de pessoas em pouquíssimas horas, tomar mais uma via de altíssima importância (a

⁶² Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/manifestantes-depredam-estacao-de-metro-banca-e-shopping-na-paulista.html>. Acesso em 10 jan 2014.

⁶³ Fonte: <http://passapalavra.info/2013/06/78554>. Acesso em 10 jan 2014.

Marginal Pinheiros, o que seria inimaginável até há alguns dias), demonstrar a sua força e pôr em pauta o tema do transporte público na cidade. Apesar de algumas iniciativas de ataque gratuito por parte da polícia, nenhum manifestante foi preso – o que é fundamental num momento em que se anuncia um sentido crescente da mobilização (Passa Palavra, 08/06/2013).⁶⁴

No portal G1, a reportagem descreve os transtornos causados pelos manifestantes ao fechar a Marginal Pinheiros:

Os protestos ajudaram a complicar o trânsito. Nesta noite, a cidade de São Paulo atingiu 226 km de lentidão na área sob monitoramento da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) em dois horários, às 18h30 e às 19h. Segundo a CET, o índice é o terceiro maior congestionamento do ano. Esta é a segunda noite consecutiva de tumultos envolvendo o grupo (G1, 07/06/2013).⁶⁵

Destaca-se a diferença entre os discursos produzidos para caracterizar os protestos, o que evidencia a tensão na forma como as manifestações são significadas pelos referidos veículos de comunicação: enquanto um deles ressalta o vigor e a força das manifestações na luta pelo transporte público, caracterizando-as como contundentes, o outro dá ênfase aos manifestantes como baderneiros e vândalos que tumultuam a cidade.

O portal G1, ao apresentar os manifestantes como vândalos, foca seus comentários nos confrontos existentes e no caos provocado no trânsito. Reproduz, assim, a lógica da polícia, que determina hierarquias e destina lugares para aqueles que estão querendo ser ouvidos. Ao qualificar suas ações como não legítimas, institui a eles o lugar de ruído, não transformando-o em discurso. Quando foca no vandalismo, dá visibilidade às manifestações, mas não aquela que os manifestantes do MPL desejam quando vão às ruas - que é a de trazer à tona o debate

⁶⁴ Fonte: <http://passapalavra.info/2013/06/78649>. Acesso em 10 jan 2014.

⁶⁵ Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/apos-fechar-marginal-pinheiros-ato-contrata-tarifa-volta-avenida-paulista.html>. Acesso em 10 jan 2014.

sobre o direito à cidade. Neste sentido, o G1 determina a eles o lugar do não lugar, pois as reivindicações continuam não sendo ouvidas.

Já o Passa Palavra, ao apresentar as manifestações como contundentes e relatar que elas aumentam seu vigor e sua força na luta pelo transporte público, reconhece que elas estão produzindo fissuras na ordem policial. E mesmo como um ruído - devido ao pouco alcance que esta mídia tem para a população - possibilita abertura para que os ruídos virem discurso e sejam ouvidos por aqueles que acessam o portal.

Encontra-se presente, nessas diferentes formas de apresentar os acontecimentos, a tensão entre a configuração do social – o reconhecimento instituído de que manifestante é baderneiro e atrapalha o direito de ir e vir dos outros, causando transtornos na cidade – e as possibilidades de fissuras nessa configuração social – o reconhecimento de que a manifestação tem aumentado seu contingente de adeptos e que as ruas têm sido ocupadas justamente para tensionar o instituído, na busca pela reconfiguração da ordem.

No quarto dia de protestos em São Paulo, já se tinha notícias de manifestações em algumas outras cidades do país. Na capital paulista, os protestos são marcados por confrontos com o Batalhão de Choque e, a esta altura, nem mesmo a mídia permaneceu isenta das balas de borracha e das bombas de efeito moral. Ao comentar sobre as diversas manifestações que estavam acontecendo nas grandes capitais do Brasil – como Rio de Janeiro e São Paulo, o comentarista Arnaldo Jabor inicia sua participação no Jornal da Globo⁶⁶ com a pergunta: “O que provoca um ódio tão violento contra a cidade?” e compara as manifestações ocorridas em São Paulo com os protestos de organizações criminosas ocorridas na mesma cidade, que tinham como tática a queima dos coletivos urbanos.

Para o comentarista, era incoerente que os acontecimentos dos últimos dias fossem motivados por “apenas 20 centavos”. Na sua interpretação, “a grande maioria dos manifestantes é filho de classe média”, não sendo carentes de recursos financeiros a ponto de sentir no bolso o aumento de passagem. Ora, para ele a luta era por apenas 20 centavos e não tinha relação com os anos de luta do Movimento Passe Livre pelo direito à cidade. E mais, para o comentarista, as manifestações só teriam credibilidade se voltassem o foco para reivindicações como a PEC 37, que seria votada no Congresso Nacional no dia 26 de junho de 2013. Ele finaliza com glamour seu comentário:

⁶⁶ O Jornal da Globo é exibido diariamente no canal televisivo da Rede Globo.

“Realmente, esses revoltosos de classe média, não valem nem 20 centavos”.

Embora acusados de “revoltosos da classe média”, os manifestantes continuam nas ruas e no quinto dia de protestos o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, proíbe o uso de balas de borracha “para conter qualquer manifestação pública” (G1, 18/06/2013).⁶⁷ Neste mesmo dia, o Jornal da Globo transmite um novo discurso de Arnaldo Jabor.

O comentarista afirma que: “à primeira vista, esse movimento parecia uma pequena provocação inútil, que muitos criticaram erradamente, inclusive eu”. E assim os “revoltosos da classe média” se tornaram, de uma hora para a outra, uma “juventude que estava calada desde 92, uma juventude que nascia quando Collor caía, acordou...”. Seria um despertar tal qual o de Cinderela, que acorda de um sono profundo com o beijo do príncipe encantado? Para o comentarista, o príncipe seriam objetivos por ele considerados concretos - como a PEC 37 já defendida em comentário anterior - que fazem (re)nascem uma nova política e até mesmo uma nova juventude. Afinal, “se tudo correr bem, estamos vivendo em um momento histórico lindo e novo: os jovens terão nos dado uma lição, democracia já temos, agora temos de formar uma República”. No entanto, se o príncipe for à luta pelo direito à cidade, a Cinderela não acordará para os olhos deste comentarista?

Os discursos de Jabor revelam uma inversão na forma de noticiar os acontecimentos, percebida também na atitude do governador do estado de São Paulo. Esta inversão também se estendeu às ruas, pois ao mesmo tempo em que o MPL avança na luta pelo transporte coletivo, outras bandeiras aparecem e tomam as ruas das cidades brasileiras. É preciso compreender essas mudanças sob uma perspectiva dialógica, pois elas refletem e refratam os acontecimentos anteriores.

A inversão do discurso da mídia se apresenta como uma reconfiguração do ordenamento, pois ainda que pareça interpretar a manifestação como importante para as mudanças necessárias à sociedade, na verdade tira seu foco inicial. Nesta nova leitura dos fatos, as manifestações só são contadas e têm a sua parte se seguirem aquilo que é ordenado: serem pacíficas e contarem em suas pautas o combate à

⁶⁷ Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-leva-65-mil-ruas-para-av-paulista-e-tem-tumulto-no-palacio.html>. Acesso em 12 jan 2014.

corrupção, a PEC 37, os investimentos na Copa, entre outras questões levantadas pelos meios de comunicação de massa.

Em meio a essas mudanças de discursos, o Movimento Passe Livre alcançou um dos seus objetivos ao sair às ruas: a revogação do aumento das passagens do transporte coletivo. Seus ruídos foram ouvidos pelo prefeito de São Paulo – e de outras cidades do país também –, mas o debate sobre o direito à cidade permanece como ruído e por este motivo as manifestações continuam, porém com nova roupagem. Neste contexto, o dia 20 de junho de 2013 pode ser caracterizado como um momento polifônico, pela infinidade de reivindicações ocupando as ruas das cidades brasileiras, de acordo com o ordenamento designado pela mídia.

As matérias jornalísticas supracitadas revelam que as Jornadas de Junho foram caracterizadas por movimentos dialógicos, tal qual a sociedade - constituída a partir desta dialogia, da tensão entre contrários.

Para Rolnik (2013),

Podemos pensar essas manifestações como um terremoto [...] que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos.

A autora afirma ainda que “várias agendas [podem ser apontadas] como o epicentro do terremoto” (Rolnik, 2013, p. 8), quais sejam: a luta por direitos sociais; as manifestações contra o aumento da tarifa em São Paulo; o direito à cidade, há anos defendido pelo Movimento Passe Livre; a mobilidade urbana; e o abandono dos debates sobre a questão urbana por parte dos governos municipais, estaduais e federal, que voltam investimentos a projetos de crescimento desenfreado de nossas cidades.

Vainer (2013) cita Mao Tsé-Tung ao afirmar que uma fagulha pode incendiar uma pradaria. Mas considera necessário examinar o incêndio não sob a perspectiva da fagulha, e sim a partir das “condições da pradaria, que, estas sim, explicam por que o fogo pode se propagar. A pradaria, como agora se sabe, estava seca, pronta para incendiar-se” (p. 36). A seca se deve ao “autismo social e político” (p. 36) e à incapacidade – daqueles que detêm o poder – de perceber que “há muito tempo, multiplicavam-se, no tecido social, diferenciadas, dispersas e

fragmentadas manifestações de protesto, insatisfação e resistência” (p. 36) que em Junho de 2013 foram às ruas em voz uníssona.

No entanto, essa voz não era tão unificada assim, mostrando-se dispersa e até mesmo – como no caso das grandes capitais – contrapostas, quando manifestantes bradavam gritos de “sem partido” e arrancavam os “vermelhos” das ruas, motivando confrontos entre manifestantes. Ao mesmo tempo, a mídia engrossava o coro das distorções, afirmando que as manifestações ocorreram de forma pacífica.

A fagulha que incendiou a pradaria seca pode ter sido a questão urbana e os anos de manifestações e lutas por direitos a esta relacionados. No entanto, era nítida a diversidade de pautas presentes nas ruas. O descontentamento com serviços públicos, com os esquemas de corrupção, com demasiados investimentos em megaeventos como a Copa do Mundo foi expressado nas ruas, ainda que por pessoas “representantes” da classe média (Vainer, 2013). E, apesar do ordenamento, esses gritos de indignação também merecem ser ouvidos.

Essas múltiplas vozes, tanto da mídia quanto das bandeiras erguidas nos protestos, não representam a polifonia no sentido Bakhtiniano, pelo fato de não haver equipolências dessas vozes. Bakhtin (2010), quando apresenta o conceito de polifonia, está analisando a poética de Dostoiévski, ou seja, o mesmo é trazido sob uma perspectiva literária, mas viável para a compreensão das reportagens e acontecimentos acima relatados.

Portanto, não há polifonia; o que há são vozes que se sobressaem e que ganham força – aquelas reproduzidas nos discursos dos jornais de grande circulação. Essas vozes fazem com que a pauta inicial das manifestações se perca no discurso de que manifestantes são baderneiros, e atrapalham o direito de ir e vir dos outros cidadãos. Também não são polifônicas porque a história do herói é guiada pelo autor, que se encontra presente nas narrativas das reportagens e não permite a autonomia do herói, pois a voz que tem força é a voz de um ordenamento presente em todas as mídias de massa, porta voz de uma inteligibilidade que apresenta os fatos depositando juízo de valor sobre os mesmos.

A perspectiva de Rancière permite compreender esses acontecimentos: o que antes era considerado ruído, o que tinha como finalidade provocar fissuras, torna-se o seu contrário: a polícia. O ordenamento passou a ser ir às ruas lutar por seus direitos. A voz que se ouvia não era mais a voz do dissenso, e sim a voz da polícia, que

designava que os manifestos deveriam ser pacíficos, levantando bandeiras como “sem violência” ou até mesmo “sem partidos”, assim como outras pautas instituídas para encobrir o motivo inicial das manifestações.

Rancière (1996b) propõe pensar a política como a instauração de um litígio, do dissenso como possibilidade de ruptura com as hierarquias, o qual se encontra em contraposição ao que ele denomina polícia. Esta representa o ordenamento do mundo sensível, a distribuição dos papéis e das funções. A política provoca fissuras na polícia e institui uma nova reconfiguração do sensível, redefinindo os papéis e funções. Portanto, o filósofo afirma que

Se a política é um desvio singular do curso ‘normal’ da dominação, isso quer dizer que está sempre ameaçada de se dissipar. Ora, a forma mais radical dessa dissipação não é o simples desaparecimento, é a confusão com seu contrário, a polícia. O risco dos sujeitos políticos é confundir-se de novo com partes orgânicas do corpo social ou com esse próprio corpo (RANCIÈRE, 1996b, p. 378).

6.220 de junho de 2013 e os jovens de Jaraguá do Sul

Através do relato de alguns acontecimentos vivenciados pela pesquisadora junto aos jovens organizadores da manifestação “Verás que um filho teu não foge á luta”, seguirei com a problematização teórica dos mesmos, a fim de expressar algumas reflexões, dúvidas e questionamentos que surgiram durante a escrita deste capítulo.

CENA 1: Pesquisadora se encontra com os jovens organizadores da manifestação e solicita gravar as conversas para posterior edição de um vídeo sobre os protestos. Na conversa com três deles, aparecem algumas das pautas referentes ao ato marcado para o dia seguinte:

O foco principal é diminuir a passagem e tirar a exclusividade da Canarinho⁶⁸ de Jaraguá. A gente quer a redução dos impostos, a gente quer saber para onde vai o dinheiro público e também a gente quer melhorar o salário, aumentar o salário mínimo que é muito baixo, não tem como sustentar uma família inteira com seiscentos e vinte e oito reais. Acho vergonhoso um país investir 56 bilhões em estádios, enquanto tem um monte de gente morrendo de fome (Tay).

(...) um movimento solidário ao que ta acontecendo no país, contra a repressão dos policiais e a favor da liberdade de expressão (...), mas também em prol do nosso quintal, porque, além da gente cuidar do maior a gente tem que resolver os nossos problemas primeiro (...) (Communello).

A princípio a gente espera uma grande multidão, (...) uma maioria de jovens mesmo, que tão lutando pela causa mesmo, (...) que tão indignados com o transporte público, com a saúde, com a educação, com a repressão, com a não liberdade de expressão (Bozo).

As múltiplas vozes estiveram presentes também na organização da manifestação ocorrida em Jaraguá do Sul, o que se revela nos discursos dos jovens, ao apresentarem as pautas do protesto. Este tinha como foco principal a redução da tarifa do transporte público e o fim da exclusividade da única empresa de transporte coletivo no município – a Canarinho – conforme afirma Tay; mas também apresentava pautas relativas à repressão policial e à não liberdade de expressão, conforme a fala de Bozo e Communello. Também tratava de questões pertinentes ao “nosso quintal”, relativas aos serviços públicos municipais que se encontram precarizados.

⁶⁸ Canarinho é a única empresa de transporte coletivo que atua em Jaraguá do Sul.

Arrisco propor que essas vozes, por vezes, apresentaram-se em equipolência, unindo-se nas ruas e fazendo surgir assim uma polifonia, que para Bakhtin “pressupõe uma multiplicidade de vozes plenivalentes nos limites de uma obra, pois somente sob essa condição são possíveis os princípios polifônicos de construção do todo” (BAKHTIN, 2010, p. 39).

Quando o autor afirma que a polifonia são as vozes plenivalentes e equipolentes – ou seja, vozes plenas de valor e em relação de igualdade – está analisando a poética de Dostoiévski, autor que para ele estabelece em seus romances relação de igualdade entre as vozes dos seus personagens. Trata-se de uma ocorrência incomum em nossa sociedade; por este motivo, por vezes a polifonia na vida pode ser considerada uma utopia.

No entanto, para Faraco (2006, p. 79), Bakhtin foi

muito além da filosofia das relações dialógicas criada por ele e por seu Círculo e se pôs a pensar também com a possibilidade de um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equípolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra.

Assim, proponho pensar que, por momentos, as vozes desses três jovens encontraram-se em equivalência durante a organização do protesto. Essa equivalência propiciou o ambiente necessário para que a manifestação “Verás que um filho teu não foge á luta” fosse concretizada, disponibilizando assim um espaço para que os moradores de Jaraguá do Sul fossem às ruas para reivindicar seus direitos.

Para Laari, o protesto foi importante justamente por ter possibilitado a abertura nas reivindicações, pois *o povo se reunindo, cada um querendo mostrar uma coisinha ali, uma coisinha aqui, todo mundo se reunindo vai querer mostrar uma grande coisa, uma coisa assim que ta faltando, que ta fora de foco no Brasil* (Laari). Quando a jovem afirma que existe algo “fora de foco” em nosso país, percebe-se que ela está se referindo aos que não têm a sua parte na partilha do

sensível, que não são contados e que por este motivo reivindicam seu lugar nessa sociedade.

Encontramos no discurso de Laari a importância de provocarmos fissuras na ordem social, para que dessa forma possamos alcançar a reconfiguração desse ordenamento. Neste sentido, as múltiplas vozes em equipolência, que propiciaram a manifestação, provocaram fissuras. Pode ser que essas fissuras não tiveram forças para reconfigurar o sensível, porém, afirmaram possibilidades de algum vir a ser.

Paralelamente, o movimento também provocou fissuras em minha maneira de pensar a política e as manifestações. Na minha juventude, quando iniciei minha participação nos movimentos sociais e de luta por direitos, encontrei manifestos que tinham reivindicações específicas, onde era possível saber pelo que estávamos lutando.

Estive em movimentos pela revogação do reajuste das mensalidades; fiz cortejo fúnebre pela “morte” do estudante quando o reitor proibiu que os inadimplentes renovassem suas matrículas; nessa mesma ocasião, acampeei em frente à reitoria da universidade; caminhei pelas ruas da cidade contra o Ato Médico, a favor da Luta Antimanicomial e pela federalização da FURB⁶⁹.

No entanto, participar da manifestação “Verás que um filho teu não foge à luta”, trouxe-me várias interrogações: qual o motivo do protesto? Pelo que estou aqui? Por quais motivos esses jovens estão nas ruas? Qual é o foco desse movimento? Ora, até então não havia vivenciado uma diversidade tão grande de reivindicações em uma mesma manifestação, o que me levou a tensionar algumas certezas, questionando, refletindo e reordenando minha própria relação com a política.

Talvez a manifestação não tenha alcançado objetivos concretos, como a redução da tarifa de ônibus, a retirada da exclusividade da Canarinho, ou o fim da repressão policial. No entanto, possibilitou vislumbrar como possibilidade o dissenso, pois tensionou o ordenamento, não ficando apática frente aos acontecimentos do país.

Ao trazer quase três mil pessoas para as ruas de Jaraguá do Sul, modificar temporariamente o trânsito da cidade e fazer com que a comunidade dialogasse sobre o que estava acontecendo, a manifestação converteu as ruas de Jaraguá em um espaço onde era possível debater

⁶⁹ Universidade Regional de Blumenau, na qual cursei a graduação em Psicologia

“os assuntos da comunidade”. Este é justamente o papel do dissenso em uma manifestação, pois esta é

uma contestação das propriedades e do uso de um lugar: uma contestação daquilo que é uma rua (...) A manifestação, por sua vez, a transforma em espaço público, em espaço onde se tratam os assuntos da comunidade. (...) Os manifestantes põem na rua um espetáculo e um assunto que não têm aí o seu lugar (RANCIÈRE, 1996a p. 373).

CENA 2: Caminhando pela manifestação, com o intuito de realizar a gravação audiovisual dos acontecimentos, percebi perspectivas diferenciadas nos cartazes e faixas: “O gigante acordou”, “Nunca estivemos dormindo”, “Brasil, vamos acordar, professor vale mais que o Neymar”, “Cidade muda não muda”, “Povo unido jamais será vencido”, “Sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor”, “Quem aqui é errado no Brasil dos espertos?”, “É muita coisa pra por no cartaz”, “Abaixo o congresso nacional”, “Queremos escolas e hospitais padrão FIFA”, “Onde é o after?”. Mas algo me surpreendeu! Tive a oportunidade de avistar bandeiras do Brasil ao lado de bandeiras vermelhas. Encontrei o prefeito, trajando capa de chuva e caminhando junto aos manifestantes. Até o policial militar, que fazia a escolta da manifestação, portava um cartaz “#VempraRua”, convidando o povo a ocupar as ruas da cidade. Os representantes da ordem da polícia, naquele momento aliavam-se aos “anônimos” habitantes de Jaraguá do Sul e engrossavam o coro das insatisfações.

Na cena acima, retomo os sentimentos emergentes na vivência de tal contexto. Lembro que voltava para casa com a sensação de ter experienciado um momento no qual as tensões se dissiparam e as vozes sociais conviveram em equipolência, sem hierarquias. Um momento no qual o prefeito caminhava ao lado de manifestantes, enquanto a polícia militar auxiliava na escolta do trajeto percorrido por eles. Questionava-me: Será essa a polifonia de que Bakhtin tanto fala? Será a tal carnavalização a que ele se refere? Parece impossível excluir Bakhtin destas reflexões.

Para auxiliar na compreensão desses questionamentos, apresento o conceito de carnavalização, que se vincula ao de polifonia, já definido anteriormente. Quando Bakhtin (2010) analisa a poética de Dostoiévski e os gêneros presentes na obra do mesmo, enfatiza os aspectos presentes

nos gêneros do sério-cômico da antiguidade clássica e da época do Helenismo. Para ele, são gêneros no qual se encontra o que ele denomina de cosmovisão carnavalesca. Para compreender este conceito, é necessário rever o que Bakhtin define por carnaval e carnavalização.

Para o autor, o carnaval “é uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações, dependendo da diferença de épocas, povos e festejos particulares” (BAKHTIN, 2010, p. 139). É uma festa onde não há diferenciação entre atores e espectadores; onde o ato de carnavalizar – a carnavalização – “permite o estabelecimento de um diálogo com o Outro por meio do livre contato, da excentricidade e da profanação” (THUROW; GONÇALVES; VIEIRA, 2013, p. 62).

Esta excentricidade é encontrada no cartaz “Onde é o after?”, que transgride o que é comum em manifestações, pois geralmente o que encontramos são cartazes com a pauta do movimento, ou então com palavras de ordem. Nessa manifestação, sob a perspectiva da carnavalização, foi possível abandonar o ordenamento e sair às ruas com um cartaz perguntando onde seria o “after”, expressão utilizada pelos jovens para designar os encontros após as baladas. Cartaz provocação, pois se apresentava como crítica ao anúncio do que viria depois: a balada, a rotina, o cotidiano como até então era vivido?

O livre contato pode ser percebido na presença do prefeito em uma manifestação que reivindicava melhorias nos serviços públicos municipais. Em geral, os manifestantes buscam o diálogo com o prefeito, ou com as autoridades, mas raramente são recebidos. É perceptível o livre contato também na relação pacífica estabelecida entre a polícia militar e os manifestantes, que pode ser considerada excêntrica, pois não reflete a mesma relação durante os protestos nas grandes capitais.

A propósito, a polícia militar de Jaraguá do Sul realizou uma operação específica no dia da manifestação, participando da definição do trajeto a fim de reduzir as possíveis complicações no trânsito da cidade. Este é um fato difícil de ser analisado, tendo em vista que a polícia representa uma instituição que auxilia na manutenção das hierarquias, mas que na ocasião participava de um ato político. Sob a perspectiva de Rancière (1996b; 2012), encontramos aqui uma mescla entre polícia e política.

Ainda de acordo com o conceito de carnavalização: na obra de Dostoiévski, Bakhtin (2010) afirma que “a carnavalização combina-se organicamente com todas as outras particularidades do romance

polifônico” (p. 184), o que permite ao autor apresentar “momentos do caráter e do comportamento das pessoas que não poderiam revelar-se no curso normal da vida” (p. 188). Por este motivo, pode a cena acima indicar o tom carnavalesco da manifestação em Jaraguá do Sul?.

Assim como na obra do Dostoiévski a carnavalização combina-se com a polifonia – encontro que também pôde ser vivenciado no dia 20 de junho na cidade. As diversas vozes presentes nas falas dos organizadores da manifestação foram projetadas nas ruas da cidade – o que faz sentido, tendo em vista que o Brasil estava vivendo um “terremoto” (Rolnik, 2013) que abalou as estruturas hierárquicas. Balançou inclusive a estrutura das manifestações e reformulou a lógica a que há anos os movimentos sociais estão acostumados, pois desta vez não eram somente eles nas ruas. Estes se mesclaram às famílias, aos estudantes, à classe média, aos “anônimos” de diferentes etnias e condições sócio-econômicas.

CENA 3: No horário marcado para começar a manifestação, Communello, Bozo e Tay, juntamente com os outros organizadores, encontravam-se ao lado do carro de som, perplexos com tamanha quantidade de pessoas ocupando a Avenida Getúlio Vargas. Tentavam organizar algo impossível de ser organizado. Os pedidos para que todos ficassem atrás do caminhão de som foram em vão. Mesmo assim, teve início a tão esperada manifestação, ao som da leitura de um Manifesto⁷⁰ organizado pelos jovens com auxílio de advogados e militantes de esquerda. No manifesto, endereçado às autoridades de Jaraguá do Sul e à comunidade em geral, encontra-se o que foi definido como “foco” da manifestação, com destaque para: repúdio à Viação Canarinho; solidariedade aos manifestantes presos em São Paulo; contra a violência por parte dos aparelhos repressivos do estado; pela defesa do direito ao transporte coletivo público e gratuito; pela rejeição da PEC 37 e do Projeto de Lei nº 243/2011, conhecido como “cura gay”. A leitura do manifesto é recebida com aplausos e gritos de apoio.

Percebe-se, na análise deste relato, que em meio à polifonia havia a força de uma única voz querendo sobressair, o que se evidencia no momento da leitura do manifesto. Apesar das garantias de que todos poderiam participar; de que não haveriam confrontos entre manifestantes; que bandeiras de partidos e de movimentos sociais não seriam repudiadas e de que toda e qualquer pauta seria aceita na manifestação, há a necessidade de dar sentido ao movimento. Este

⁷⁰ O texto completo do Manifesto encontra-se no Anexo III desta dissertação.

sentido se concretiza no manifesto - voz que pôde ser ouvida por todos, pois partiu do lugar privilegiado dos organizadores.

Communello relata que quando começou a participar da organização da manifestação, percebeu *que não tinha nada de pauta reivindicatória, era um protesto* guiado pela grande mídia. Levou esta questão aos outros organizadores, que foram em busca de informações e escreveram o manifesto.

O jovem salienta que o manifesto teve o caráter de dar “foco” ao movimento polifônico, que se evidenciava nas grandes cidades do país. Opunham-se à diversidade de pautas que estavam presentes no ato, ao mesmo tempo em que contemplava algumas pautas apresentadas pela grande mídia e incorporadas às manifestações de São Paulo.

Em seu discurso, Communello esclarece que a manifestação só seria um ato político se fosse reivindicativa. Para ele, da forma como estava organizada, com uma diversidade de pautas, tratava-se de um protesto. Mais uma vez, o que se revela - na delimitação das pautas – é a lógica da polícia, exercida pelos organizadores do “Verás que um filho teu não foge à luta”. Por outro lado, a presença do prefeito e da própria polícia na manifestação obscurecia qualquer tentativa de negociação, pois os agentes de possíveis mudanças estavam também ali, reivindicando. O que? A quem?

Assim, novamente polícia e política se mesclam, se confundem e acabam por caminhar em constante tensão. A manifestação é um ato de dissenso, no qual as pessoas ocupam as ruas da cidade instituindo fissuras na ordenação entre o espaço público e o privado e os assuntos que neles devem ser tratados. No entanto, existe no seu núcleo a lógica da polícia, a necessidade de priorizar as pautas para que não fiquem apenas no ruído. Essa necessidade apresenta-se como justificativa para aproximar as reivindicações. Possibilidade essa de certo modo obliterada pelo “apagamento” das fronteiras entre “nós” e “eles”, manifestantes e poder público. Mas em Jaraguá do Sul, assim como em outras cidades do país, as manifestações produziram seus efeitos.

Para Communello, o manifesto *surtiu efeito, tanto que o prefeito veio nos convocar para uma audiência pra conversar com ele. Por essa questão aí, de ta botando algo em pauta é que surtiu efeito, digamos assim*. Primeiro foi preciso mostrar ao prefeito que a manifestação não foi apenas um momento festivo na cidade; ela tinha suas pautas e algumas delas diziam respeito ao que acontece no município.

CENA 5: No dia 04 de julho de 2013 aconteceu o 1º Ato Jaraguaense pelo transporte público, que contou com a participação de cerca de 50 pessoas. Segundo Communello e Bozo - que participaram também da organização deste protesto - o mesmo foi caracterizado como um ato político, pois as pessoas que dele participaram sabiam pelo que estavam protestando. O trajeto da manifestação foi modificado, passando por outras ruas da cidade e com chegada prevista no terminal urbano de ônibus. Os jovens descrevem este ato como mais subversivo que o anterior, pois não solicitaram o apoio da polícia, considerando que ocupar as ruas da cidade em manifesto é um direito de todos.

Devido à pluralidade de pautas e reivindicações do manifesto “Verás que um filho teu não foge à luta”, houve divergências entre os organizadores: enquanto alguns desejavam continuar as manifestações a todo custo, outros defendiam a necessidade de “dar um foco” para os protestos. Sem consenso, um grupo de jovens decide não mais participar das reuniões do coletivo, e dos remanescentes surge a organização do 1º Ato Jaraguaense pelo transporte público.

É perceptível, na cena acima, a mudança na organização e na realização do segundo protesto. Desta vez, o diálogo com a polícia e o seu apoio na realização da manifestação já não era considerado como importante para o movimento. Communello caracteriza a diversidade de pautas no dia 20 de junho como um *desfile cívico*, ao mesmo tempo em que reflete que, no protesto, é preciso focar na reivindicação.

Na configuração deste novo ato na cidade de Jaraguá do Sul ressurge a necessidade apresentada anteriormente, de que as manifestações devem ter uma pauta definida. No entanto, questiona-se: a definição de uma pauta já não foi proposta na apresentação do Manifesto, no dia 20 de junho? Podemos afirmar que sim, pois aquele ato embora compreendido como um momento polifônico, teve um manifesto que caracterizou como possibilidade de monologizar tal manifestação. No entanto, embora o Manifesto tenha recebido aplausos e gritos de apoio por parte da massa participante, ele não definiu os rumos do movimento. As pessoas que não tinham suas reivindicações presentes no referido texto continuaram desfilando pelas ruas de Jaraguá do Sul, com seus cartazes e pautas específicas, ou simplesmente como mais um.

Em entrevista após a manifestação, Communello reafirma o dia 04 de julho como um verdadeiro ato político. Apesar da pouca adesão, se caracterizou como um avanço qualitativo se comparada à manifestação do dia 20 de junho de 2013, pela única pauta de

reivindicação – o debate sobre o transporte público. Para o jovem, a diversidade de pautas apresentadas na manifestação do dia 20 de junho prejudicou o movimento. No entanto, percebe-se uma contradição nesta fala, pois anteriormente ele considerou que o manifesto teve efeito ao ser entregue para o prefeito, motivando o agendamento de uma reunião para discutir sobre os assuntos reivindicados.

Para Bozo, quem participou do ato no dia 04 de julho estava *realmente ciente do que tava fazendo (...) tava ciente pelo que tava lutando (...) não foi como a primeira que tavam indo pra defender qualquer causa*. Essas reflexões refletem o que apresentamos no Capítulo 5, quando Communello e Bozo significam que a política é a possibilidade do consenso entre as partes. O consenso, neste sentido, seria o estabelecimento de uma única pauta para o movimento, demarcando-a como prioridade na lista das demais pautas apresentadas.

É possível pensar este paradoxo sob a ótica de Rancière (1996b; 2012). Para o filósofo, a política acontece no momento em que os corpos em litígio buscam alcançar uma nova reconfiguração do sensível, o que leva este filósofo a considerá-la uma raridade. Da mesma maneira, a polifonia pode ser considerada também uma raridade: ela logo se desfaz, deixando apenas uma voz possível de ser ouvida, sobrepondo-se às demais que passam a ser ruído.

E, a força ideológica que cada um objetiva ao participar de uma manifestação pode ser considerada como uma raridade também, por pressupor o princípio da igualdade. Para Rancière (1996a, p. 372), este princípio é próprio da racionalidade política, que perturba a ordem da polícia e instaura uma pressuposição de “igualdade de qualquer ser falante com qualquer outro ser falante”. Essa igualdade, para o filósofo, “manifesta-se pelo dissenso, no sentido mais originário do termo: uma perturbação no sensível, uma modificação singular do que é visível, dizível, contável”.

Não apresento essas contradições com o intuito de apontar uma forma correta de se manifestar. Esses paradoxos possibilitam refletir sobre as diversas possibilidades de produção de dissenso presentes em nossa sociedade, as quais se apresentaram com força nas manifestações de Junho de 2013 por todo o país. Não há um jeito privilegiado de configurar os rumos desses movimentos, mas “há pontos de partida, cruzamentos e nós que nos permitem aprender algo novo” (Rancière, 2012, p. 21).

Sabemos que fissuras foram realizadas; no entanto, seus efeitos só poderão ser percebidos ao longo do tempo, pois para Rancière, a

política é considerada um “conjunto aberto das práticas guiadas pela suposição da igualdade de qualquer ser falante com qualquer ser falante e pela preocupação em averiguar essa igualdade” (PRADO, s/d). E por ser considerada uma raridade é que “nenhuma coisa é então por si política. Mas qualquer coisa pode vir a sê-lo se der ocasião ao encontro de suas lógicas” (Rancière, 2012, p. 46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar como os jovens se apropriam da cidade e, assim, como caracterizam a política. Para tanto, me propus a vivenciar a cidade com esses jovens. Busquei estreitar meus laços com eles, estar presentes nos locais que frequentavam, aceitá-los em minha rede social e com isso, passamos a compartilhar nossas vidas.

Primeiramente não sabia exatamente como deveria me portar quando estava com eles. Tinha sempre muitas perguntas relativas à minha pesquisa, mas nossos encontros eram sempre mais informais e isso me angustiava um pouco. Dentre encontros e desencontros, fui percebendo que a pesquisa não precisava seguir uma linha reta, mas que ela se delineava nos encontros possíveis com esses jovens e, com isso, fui me tornando uma pesquisadora.

Escrever as considerações finais é reviver os trajetos percorridos. Nesse movimento pude assim ressignificar muitas de minhas escolhas. Percebi outros caminhos que poderiam ter sido percorridos. No entanto, considero que não há caminhos certos a serem seguidos, mas há o caminhar, o experimentar os acontecimentos, estar atento às possibilidades. E isso me foi possível no contato com esses jovens, na troca de experiências, nas vivências pela cidade, nas afetações que me possibilitei nessa pesquisa.

Os procedimentos escolhidos me auxiliarem nesses caminhos. Os recursos de fotografia e gravação audiovisual foram importantes para minha aproximação com os jovens e, principalmente, como registro dos acontecimentos para posterior análise. Optar por conversas mais informais, sem roteiros definidos, também considero importante, pois essa escolha possibilitou conhecer os jovens e estreitar nossos laços, para somente depois focar as conversas no objetivo da pesquisa.

Considero que alguns temas que apareceram no contato com os jovens não foram possíveis de serem analisados. Muitos deles por não contemplarem o objetivo desta pesquisa. A riqueza do material coletado e do que não analisei, indicam possibilidades outras para minha trajetória como pesquisadora, recém iniciada.

Há diversos grupos que ocupam a meia lua, no entanto me aproximei somente de um deles. Segundo Laari, não há divergências entre esses grupos na utilização do espaço, no entanto, ela os caracteriza como diferentes uns dos outros. Tem o pessoal que gosta mais do rock,

tem aqueles que são mais do metal e *a gente que, tipo, é um grupo gay* (Laari).

Esse debate de gênero é muito forte entre Laari e seus amigos. Ela os denomina como um grupo gay, mas existem ali jovens que são “heteros” também. A jovem afirma que não há preconceito entre eles, o que me chamou a atenção. Trabalhar questões relativas ao gênero com esses jovens e a forma como eles encaram essas questões nos dias de hoje seriam debates importantes na atualidade, para pensar nas novas configurações existentes – talvez nem tão novas assim – e como são significadas por esses jovens.

Outro aspecto que foi observado, mas optei por não contemplar nessa dissertação, refere-se aos diversos grupos de jovens que freqüentam a praça Ângelo Piazero. Além do grupo de break que está por lá todos os domingos – com os quais tivemos maior proximidade, através de K12 e BGirl – há também o pessoal da capoeira e os skatistas.

Esses últimos ocupam a quadra de basquete de rua para realizarem suas manobras. Não há auxílio do poder público para isso. São os jovens que se organizam para comprar os caixotes. No entanto, há, em outro local da cidade, uma pista designada para a prática do skate, sem condições de ser usada por falta de manutenção. Por vezes me questionei: de que forma se organizam esses jovens para comprar os caixotes e utilizar o espaço da praça? Por que optam por utilizar uma quadra de basquete no lugar da pista de skate? Com certeza, grandes possibilidades poderiam emergir do encontro com esses jovens.

A utilização da rede social como procedimento de pesquisa foi importante para estabelecer um canal de comunicação com os jovens. Durante o período da pesquisa, estive imersa nessa rede social também e, acompanhando-os pude perceber que estão sempre conectados. Era possível saber se eles estavam na praça ou na meia lua através de suas postagens. Por vezes, foi dessa forma que consegui encontrá-los. No entanto, não obtive como foco a relação desses jovens com as redes sociais, assunto esse que também despertou meu interesse ao longo da pesquisa. Como se dão as relações dos jovens nos dias de hoje? De que forma eles utilizam as redes sociais? Durante as manifestações, pude acompanhar debates entre eles que seriam temas importantes para estudos específicos relacionando os temas mídias sociais e política.

Assim como o pesquisar, escrever é fazer escolhas. É optar por seguir caminhos dentre tantos que nos são apresentados. Essa dissertação reflete alguns dos caminhos que trilhei. Os demais ficarão para futuros projetos. Considero que terminar um trabalho não significa

fechá-lo, defini-lo, mas sim concluí-lo dentro das possibilidades apresentadas no tempo que me foi designado para fazê-lo. Durante todo o processo de escrita dessa dissertação, tive a certeza de que não há como terminá-la, pois muitas foram as questões apresentadas, muitas foram as reflexões e perguntas não respondidas. O que fica são possibilidades, manuscritos carregados de experiências.

No entanto, arrisco afirmar que consegui alcançar o objetivo proposto nessa pesquisa, que era vivenciar a cidade com os jovens, saber de que forma essas vivências acontecem e, com isso, poder debater com eles o que consideram por política. Fui privilegiada por ser expectadora das manifestações ocorridas no mês de junho de 2013. Momento esse em que algumas estruturas da sociedade foram abaladas, bem como muitas de minhas certezas também. Os efeitos dessas fissuras, porém, só o tempo permitirá visualizar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. A. D. **Juventude, educação e participação política: estudo de caso sobre a participação de estudantes do ensino médio do CAIC Raimundo Gomes de Carvalho no orçamento participativo de Fortaleza.** Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, p. 108. 2011.

ALMEIDA, G. B. **Política, subjetividade e arte urbana: o graffiti na cidade.** Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 141. 2013.

ALMEIDA, M. **Olho Vivo: história do movimento estudantil alternativo em Sorocaba: 1997 a 2004.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Sorocaba. Sorocaba, p. 177. 2009.

ALMEIDA, R. S. **Juventude e participação política: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo.** Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 129. 2009.

AMORIM, M. Cronotopo e Exotopia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 95-114.

AMORIM, M. Vozes e Silêncio no texto da pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 116, p. 07-19, 2002.

ANSCHAU, Q. F. **Cidade e Sociabilidade juvenil: uma experiência em Blumenau.** 1. ed. Blumenau: Liquidificador Produtos Culturais, 2011. 144 p.

ASSIS, N. D. **Jovens, arte e cidade: (Im)possibilidades de relações estéticas em programas de contraturno escolar.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2011.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOZA, D. **As Múltiplas cidades na cidade: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2012.

BARBOZA, D. Cidades, relações estéticas e a polifonia da/na vida. In: ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K. (orgs.) **Diálogos em psicologia social e art**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2010. p. 87-101.

BATALLÁN, G.; CAMPANINI, S.; PRUDANT, E.; ENRIQUE, I.; CASTRO, S. La participación política de jóvenes adolescentes en el contexto urbano argentino: puntos para el debate. **Última década**, Valparaíso, v. 17, n. 30, p. 41-66, jul 2009.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. Revisão Sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. **Saúde Soc**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 411-423, 2009.

BORELLI, S. H. S.; OLIVEIRA, R. D. C. A. Jovens urbanos, cultura e novas práticas políticas: acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960 - 2000). **Utopia y práxis latinoamericana**, Maracaibo, 15, n. 50, julio-septiembre 2010. 57-69.

BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. M. D. Juventudes, mediações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 5, n. 13, p. 27-40, jul 2008.

BOURDIEU, P. A "juventude" é só uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de século - edições, sociedade unipessoal, LDA., 2003. p. 151-162.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, M. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARRASCO AZZINI, G. Participación y tendencias políticas en estudiantes universitarios: el caso de la universidad de Chile. **Última década**, Chile, 18, n. 33, jul 2010. 85-103.

CASTRO, L. R. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, June 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.

DELEUZE, G. Política. In: DELEUZE, G. **Conversações**. 7. ed. São Paulo: Editora 34, 2008. Cap. V, p. 207-226.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FIESC. **Santa Catarina em Dados**. Unidade de Política Econômica e Industrial. Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, p. 176. 2013. (CDU 33(816.4)2013).

FLORENTINO, R. Democracia Liberal: uma novidade já desbotada entre jovens. **Opinião Pública**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 205-235, june 2008.

FREIRE, A. **Estação Paraíso**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FREITAS, M. T. A. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. D. **Diálogos com Bakhtin**. 4. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 141-159.

FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 26-38.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho 2002.

GOMES, M. D. A.; MAHEIRIE, K. Passe Livre Já: participação política e constituição do sujeito. **Revista Psicologia Política (Impresso)**, v. 11, p. 359-375, 2011.

GONZALES, Z. K.; GUARESCHI, N. M. F. Discursos sobre juventude e práticas psicológicas: a produção dos modos de ser jovem: Brasil. **Revista latinoamericana de ciencias sociales, niñez y juventud**, Manizales, v. 6, n. 2, p. 463-484, julho 2008. ISSN.

GROFF, A. R.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas. **Arquivo brasileiro de psicologia**, Rio de Janeiro, 62, Abril 2010.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 308 p.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

HARVEY, D. A liberdade da cidade. In: MARICATO, E. et. al. **Cidades-rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 112.

HISSA, C. E. V. Cidade e ambiente: dicotomias e transversalidades. In: HISSA, C. E. V. (org.) **Saberes ambientais: desafios para o**

conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 259-281.

IASI, M. L. **Meta amor fases**: coletânea de poemas. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

KRISCHE, P. J. Perfil da juventude brasileira: questões sobre cultura política e participação democrática. **InterTHESIS**, Florianópolis, v. 1, n. 2, 2004.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, Abril 2002.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVITAN, D.; FURTADO, J. R.; ZANELLA, A. V. Jovens, imagens de si e a cidade: discursos em movimento. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 19, n. 2, p. 283-296, 2009.

MACHADO, V. O conceito de juventude: uma abordagem cultural dessa fase da vida. In: SOUSA, J. T. P.; GROPPPO, L. A. **Dilemas e contestações das juventudes no Brasil e no mundo**. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 31-74.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez 2009.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social, Revsita de Sociologia da USP**, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MAHEIRIE, K.; HINKEL, J.; GOFF, A. R.; MÜLLER, F. L.; GOMES, M. D. A.; GOMES, A. Coletivos e relações estéticas: alguns apontamentos acerca da participação política. In: MAYORGA, C.; CASTRO, L. R. D.; PRADO, M. A. M. (orgs.) **Juventude e a**

experiência política do contemporâneo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. p. 143-167.

MANNHEIM, K. Sociologia. In: FORACCHI, M. M. **Coleção Os grandes cientistas.** São Paulo: Ática, 1982.

MARICATO, E.; et. al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MATTOSO, F. A. **Dinâmicas sócio-espaciais e as experiências dos jovens na cidade desigual.** Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Juíz de Fora. Juíz de Fora, p. 120. 2010.

MAYORGA, C. Pesquisar a juventude e sua relação com a política - Notas metodológicas. **Estudos de Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 343-350, abril-junho 2013.

MENDES, F. B. "**Um grêmio estudantil mais politizado**": formas de **engajamento e construção identitária em um grêmio estudantil.** Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Poro Alegre, p. 123. 2011.

MORTADA, S. P. De jovem a estudante: apontamentos críticos. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 373-382, dezembro 2009.

MÜLLER, G. J. **Análise das variantes de contorno ferroviário nas cidades de Criciúma e Jaraguá do Sul.** Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2004.

NASCIMENTO, L. C. Z. **Espaços e equipamentos urbanos para o lazer da juventude na cidade de Florianópolis-SC.** Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 136. 2009.

NEVES, C. A. B. Gilles Deleuze e Política: interferências nos modos de se estar nos verbos da vida. In: TEDESCO, S.; NASCIMENTO, M. L.

Ética e Subjetividade: novos impasses no contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 191-212.

NOGUEIRA, M. L. M. Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. **Fractal. Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 69-85, Junho - Abril 2009.

NÚÑEZ, P. F. La redefinición del vínculo juventud-política en la Argentina: un estudio a partir de las representaciones y prácticas políticas juveniles en la escuela secundaria y media. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 6, n. 1, p. 149-190, 2008.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 2000. 220 p.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa-Casa da Moeda, 1996.

PRADO, M. A. M. A Psicologia Comunitária nas Américas: o Individualismo, o Comunitarismo e a Exclusão do Político. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 201-210, 2002.

QUINTAES, M. C. S. M. **A importância da ferrovia no desenvolvimento da cidade de Jaraguá do Sul**. Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, p. 99. 1999.

RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. 2. ed. São Paulo: EIXO Experimental Org./Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento: política e filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1996a.

RANCIÈRE, J. O dissenso. In: NOVAES, A. **A crise da razão**. 2. ed. São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro: Companhia das Letras, Ministério da Cultura, Funarte, 1996b. p. 367-383.

REIS, D. M. **A participação social na perspectiva dos(as) jovens protagonistas da ONG SOS adolescente.** Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p. 152. 2009.

ROLNIK, R. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, E.; et. al. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 112.

SALES, S. R. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. Cap. 5, p. 111-132.

SANDOVAL MOYA, J.; HATIBOVIC DÍAZ, F. Socialización política y juventud: el caso de las trayectorias ciudadanas de los estudiantes universitarios de la región de Valparaíso. **Última década**, Chile, 18, n. 32, jul 2010. 11-36.

SANTOS, M. H. D. **Jovens na prática do grafite: trajetórias de invenções e inversões.** Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2009.

SCHÖRNER, A. Preconceito, discriminação e criminalização: Jaraguá do Sul (SC) entre "nós" e os "outros". **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. IX, p. 65-14, 1º semestre 2008. ISSN 1518-4196.

SCHÖRNER, A. **O arco-íris encoberto: Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas.** Joinville: Oficina Comunicações, 2000.

SCHÖRNER, A.; CAMPIGOTO, J. A. Migração, imprensa e políticas migratórias em Jaraguá do Sul/SC (1980-1990): fechando as fronteiras para os produtos indesejáveis do progresso. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 36, n. 19, p. 197-216, jan/jun 2011.

SCHWERTNER, S. F.; FISCHER, R. M. B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar 2012.

SILVA, G. K. A. **Ser jovem morador de áreas populares: um estudo sobre as representações sociais de jovens moradores do conjunto Selma Bandeira**. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2011.

SOTO, A. E. R. **Patrimônio industrial edificado urbano de Jaraguá do Sul - SC: inventário das principais indústrias implantadas entre 1900 e 1960**. Programa de Pós-graduação em urbanismo, história e arquitetura da cidade. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 1-196. 2010.

SOUSA, J. T. P. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas. **JOVENes Revista de Estudos sobre Juventud**, v. 9, n. 22, p. 260-289, janeiro-junho 2005.

SOUSA, M. A. D. **A propósito do protagonismo juvenil: quais discursos e significados**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará. 2011, p. 151. 2011.

SOUZA, A. P. L. D.; FINKLER, L.; DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. Participação social e protagonismo: reflexões a partir das Conferências de Direitos da Criança e do Adolescente no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 28, n. 2, p. 178-193, Dec 2010.

SPOSITO, M. P. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentvm, v. 2, 2009.

SPOSITO, M. P.; BRENNER, A. K.; MORAES, F. F. Estudos sobre jovens na interface com a política. In: SPOSITO, M. P. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências**

sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, v. 2, 2009. p. 87-120.

THUROW, A. C.; GONÇALVES, C. R.; VIEIRA, R. B. Brasil, junho de 2013: dos vinte centavos à revolução carnalizada. In: FRANCO, K. R.; VIDON, L. N.; RIOLO, V. P. (orgs.) **Encontro Bakhtiniano com a vida, a cultura e a alteridade**. São Carlos: Pedro & João Editores, v. 1, 2013. p. 61-64.

TORRES, C. C. **(Re)construir utopias: jovem, cidade e política**. Doutorado em Geografia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 228. 2009.

TRINDADE, A. M. D. **Segregação urbana em Goiânia e os jovens da Vila Coronel Cosme**. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, p. 134. 2009.

VAINER, C. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, E.; et. al. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 35-40.

VOMMARO, P.; VÁZQUEZ, M. La participación juvenil en los movimientos sociales autónomos de la Argentina. El caso de los Movimientos de Trabajadores Desocupados (MTDs). **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 6, n. 2, p. 485-522, 2008.

WINK, I. **Cidade educadora e as juventudes: as políticas públicas e a participação dos jovens na cidade de Gravataí - RS**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 229. 2011.

ZANELLA, A. V. Reflexões sobre a escrita da pesquisa como tecnologia de (re)criação de si. **Informática na Educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 28-37, jan/jun 2008.

ZANELLA, A. V.; FURTADO, J. R.; ASSIS, N.; BUENO, G.; LEVITAN, D. Jovens na cidade: arte, política e resistências. In:

MAYORGA, C.; CASTRO, L. R. D.; PRADO, M. A. M. (orgs.) **Juventude e a experiência da política no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012b. p. 276.

ZANELLA, A. V.; LEVITAN, D.; ALMEIDA, G. B.; FURTADO, J. R. Sobre ReXistências. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 247-262, Maio - Agosto 2012a.

ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K.; STRAPPAZZON, A. L.; GOFF, A. R.; MAXIMO, C. E.; SCHWEDE, G. Breve retrato de algumas das muitas voltas do coração. In: ZANELLA, A. V.; MAHEIRIE, K. **Diálogos em psicologia social e arte**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2010. Cap. 1, p. 11-27.

ZANELLA, A. V.; SAIS, A. P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 4, p. 679-687, 2008.

ANEXOS

Anexo I**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
TCLE****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Eu,,
responsável por
..... confirmo
que a mestrandia em psicologia da UFSC Josiele Bené Lahorgue
discutiu comigo este projeto de pesquisa de mestrado.

Compreendo que:

- 1) O objetivo geral desta pesquisa é identificar como se caracteriza a participação política dos jovens na sua relação com as cidades.
- 2) A pesquisa será realizada por meio de observações registradas em diário de campo; entrevistas coletivas e individuais, gravações de áudio e vídeo. Os encontros se darão nos espaços da urbe, de forma combinada previamente com a pesquisadora.
- 3) Minha participação colaborando neste trabalho é muito importante, pois auxiliará na discussão sobre políticas públicas voltadas para os jovens.
- 4) Como meio de divulgação dos resultados desta etapa da pesquisa será desenvolvido um filme documentário, que será disponibilizado aos jovens e seus familiares. O Documentário “(Im)possibilidades: Circuitos dos jovens em Jaraguá do Sul” propõe abordar as relações entre os jovens e as cidades, buscando compreender de que forma significam suas relações e se compreendem como uma forma de participação política.

- 5) Autorizo o uso das imagens, sons e discursos produzidos nos encontros com os jovens, bem como nas entrevistas individuais, para: registro, análise dos resultados, divulgação das informações em publicações, eventos científicos ou premiações, bem como para compor o documentário acima referido.
- 6) Autorizo o uso de registros fotográficos dos encontros para: registro, análise dos resultados, divulgação das informações em publicações, eventos científicos ou premiações, bem como para compor o documentário acima referido.
- 7) Autorizo a utilização das postagens e outras informações de Redes Sociais das quais participo, para: registro, análise dos resultados, divulgação das informações em publicações, eventos científicos ou premiações.
- 8) Eu posso escolher participar ou não deste estudo. Minha decisão em participar desta pesquisa não implicará em quaisquer benefícios pessoais, bem como não resultará em prejuízos pessoais.
- 9) Eu também sou livre para desistir participar desta pesquisa a qualquer momento. Isto não implicará em quaisquer prejuízos pessoais. Basta avisar por email: psicojosi@gmail.com e/ou pelo telefone 9992-8898 informando a desistência.
- 10) Se eu tiver alguma dúvida a respeito, posso contatar a pesquisadora Josiele Bené Lahorgue pelo telefone (47) 9992-8898 ou por email: psicojosi@gmail.com
- 11) Eu concordo em participar deste estudo.

Participante:

Nome Legível:

RG n°:

Assinatura:

Data nascimento:

Data:

Pai/Responsável (no caso de menor de 18 anos):

Nome Legível:

RG n°:

Assinatura:

Data nascimento:

Data:

Mestranda:

Nome Legível

Assinatura:

Data:

Orientadora:

Nome Legível

Assinatura:

Data:

Anexo II

Manifestação pacífica em Jaraguá do Sul

“VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGUE À LUTA”

Manifesto às autoridades constituídas:

Prefeito Municipal
Diretor do Fórum da Comarca de Jaraguá do Sul
Presidente da Câmara de Vereadores
Ministério Público da Moralidade e
Comunidade em geral

Nós, do Movimento “Verás que um filho teu não foge à luta,” vimos pelo presente instrumento manifestar publicamente o que segue:

1. Repúdio à Viação Canarinho, empresa concessionária do transporte coletivo de Jaraguá do Sul, por descumprir o Contrato e os Termos Aditivos de Concessão, assim como à Administração Municipal pela conviência em favorecer a referida empresa em detrimento da população jaraguense;
2. Solidariedade irrestrita e anistia imediata aos manifestantes presos em São Paulo (dentre eles, um afiançado em R\$ 20.000,00 e outros acusados de crime inafiançável), face ao fato de terem participado do movimento contra o aumento de tarifas do transporte coletivo;
3. Contrariedade a qualquer forma de violência dos aparelhos repressivos do Estado em níveis municipal, estadual e federal com o objetivo de cercear o exercício da cidadania, neste momento em que as manifestações são levadas a efeito nas grandes cidades brasileiras;
4. Defesa do elementar direito a um transporte coletivo público de qualidade e gratuito;
5. Respeito e solução para os 37 milhões de brasileiros que no ano de 2012 deixaram de usar o transporte coletivo por falta de condições econômicas;
6. Contrariedade à política governamental que, a cada R\$ 12,00 (doze reais) de incentivos fiscais ao transporte privado, destina apenas, tão somente e vergonhosamente, R\$ 1,00 (um real) ao transporte coletivo;
7. Repúdio à privatização dos serviços públicos essenciais, pela vergonhosa precarização da Educação, da Saúde, do Trabalho;
8. Pela rejeição à PEC 37, que retira do Ministério Público o poder de investigação.
9. Pela rejeição ao Projeto de Lei nº 243/2011, o chamado “cura gay”, pois não há cura para quem não está doente e, verdadeiramente, o que precisa de cura são a homofobia e o preconceito.

Jaraguá do Sul, 20 de junho de 2013